INTERVENÇÃO

- EDUCAÇÃO POPULAR NÃO É EDUCAR O POVO
- ENTREVISTA COM REMY HOURCADE
- DOSSIER
  QUE POLÍTICA CULTURAL?

N.º 16 BIMESTRAL
OUTUBRO 1980
50$00

REVISTA DE ANIMAÇÃO
SÓCIO – CULTURAL

EDITORIAL

Não vai ser acto formal. Nem se mudará de fato.
Será como o trajo do quotidiano que vamos continuar...

... a FESTA

(A PROPÓSITO)

1. Passados três anos, a Intervenção *não "muda de fato"* A mudança de direcção só pode ser entendida como o assumir "os nervos e o sangue novo de todos aqueles que lhe dão vida" (1). Ao longo deste tempo de trabalho, os que "militaram" na Intervenção, procuraram que o espaço-revista se tornasse também espaço de abertura e diálogo. Isso foi-se conseguindo duma forma progressiva principalmente a partir da preparação do 2o. Encontro de Associações e Animadores Culturais em Dezembro de 78, com a participação da revista no respectivo Secretariado Organizador. Desde então, e em virtude de ter sido definida como "órgão das associações e animadores culturais" a revista Intervenção tem procurado "trazer para dentro" todos aqueles que fazem da prática cultural, forma de transformar o real. No editorial da revista nº. 10, afirmava-se: "... uma outra responsabilidade que é o da crítica, do que é e deve ser esse órgão, apontando erros à sua orientação e direcção, desenvolvendo uma discussão constante sobre a estrutura única que neste momento é comum a todas as associações e animadores".

Digamos que foi esse movimento crítico e participativo daqueles que se propõem reflectir e fazer a Intervenção que levou a este "salto", em frente.

2. Fazer a Intervanção hoje é problematizá-la. Como um todo: a sua organização, os seus discursos, a sua implantação, o seu futuro. Foi por algumas destas questões que o trabalho começou. Destacamos:

a) Reforço do aparelho administrativo
- a actual implantação da revista começa a exigir que os seus serviços (secretariado, administração, etc.) sejam recriados

b) Garantir a periodicidade da revista
- tornar a redacção mais "produtiva" na concepção de artigos abrindo-se a possibilidade do pagamento de "encomendas"

c) Alteração progressiva da mancha gráfica
- tentar o equilíbrio gráfico (espaço branco/imagem/grafismo)

d) Dinamização do colectivo
- tornar actuante o que tem sido, até agora um colectivo informal, transformando-o no órgão soberano da revista ao qual competirá a definição da sua orientação e trabalho, a eleição da direcção e a ratificação da redacção.

e) Conteúdo
- abranger a diversidade de campos da animação
- integrar o espaço até agora preenchido pelo "Destacável" num Dossier, espaço mais polémico que alargue a discussão da temática escolhida.

3) Fazer a Intervenção, hoje Verão de 80, é continuar a construir este espaço aberto de prática e reflexão da Animação Sócio-Cultural.
- *espaço de (in)formação,* daquilo que por todo o lado se vai levando a cabo; as "ferramentas", os instrumentos que se vão "tocando".
- *espaço dos novos espaços,* onde a prática da acção cultural não foi ainda experimentada.

Para que se reinvente e transforme este quotidiano de desejos, anseios, contradições... nesse Espaço Outro, da FESTA.

A direcção

(1) L. M., Int.ão 15, Pg. 39

REDACÇÃO EM LISBOA:
EDIFICIO DO AMPARO, 1
LARGO DO MARTIM MONIZ
Telefone 86 4056 – Apartado N.º 21.064
1.127 Lisboa Codex
REDACÇÃO NO PORTO:
R. DA ALEGRIA, N.º 627
4.000 PORTO
REDACÇÃO EM PARIS:
6, Rue GÉRARD PHILIPPE
92.230 GENNEVILLIERS
Telefone 789 68 05
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
GRÁFICA 2.000, Ldª.
Rua, Sacadura Cabral, 89–A
CRUZ QUEBRADA
DISTRIBUIÇÃO: E.D.P.
Preço deste número, 50$00
TIRAGEM: 3 500 exemplares.

COLECTIVO DE DIRECÇÃO
Carlos Fragateiro
Domingos Morais
José Ferreira
Mário Ribeiro

COLECTIVO DE REDACÇÃO
Carlos Gordo; Carlos Fragateiro; Filomena Viegas; Domingos Morais; José Ferreira; Luis Martins; Luis Mourão; Luis Quintaneiro; Mário Ribeiro; Rodolfo Proença Jesus;

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO
Domingos Morais

DIRECÇÃO GRÁFICA
Mário Jorge

PROPRIETÁRIO
Luis Martins

DIRECTOR ADMINISTRATIVO
Mário Ribeiro

COLABORADORES PERMANENTES
António Nóvoa; Carlos Capucho; Ivone Chinita; Manuel Mariano; Luis Filipe Marques da Cruz

COLABORARAM NESTE NÚMERO
Alberto de Melo; António Reis; José Luis Profírio; Maria Helena Cidade Moura; Paula Folhadela José Gil

REDACÇÃO NO PORTO
A. Santos Silva; Henrique Araújo; José Roseira

REDACÇÃO EM PARIS
António Topa; Vitor Esteves

SECRETÁRIADO
Ana Maria de Jesus Ventura

FOTOGRAFIA
Mariano Piçarra; José Moreira

SUMÁRIO

Acção Cultural e Comunidades Portuguesas . . . . . LUIS MARTINS 2

Educação Popular não é educar o povo . . . . . ALBERTO MELO 4

Entrevista com Remy Hourcade
LUIS MOURÃO, MANUEL MARIANO, PAULA FOLHADELA, C. FRAGATEIRO 7

Se fosse Teresa e se tivesse escrito um diário . . . ALBERTO JULIO

DOSSIER / POLÍTICA CULTURAL 13

Que política Cultural. . . . . ANTÓNIO REIS 15

A cultura é importante . . . . . HELENA CIDADE MOURA 16

Artes Plásticas Politica Cultura . . . . . JOSÉ LUIS PROFIRIO 17

Por uma política de juventude ou à descorberta de juventude portuguesa . . . . . LUIS MARTINS 18

Do prazer de educar ao ensino criativo . . . . . JOSÉ GIL 29

O Cómico Quotidiano . . . . . LUIS MOURÃO. 30

Animação para a infância que perspectivas . . . . C. FRAGATEIRO 31

As Raízes dum Sofrer . . . . . GRAÇA 32

COLUNA A COLUNA

Memória Viva / Manter Vivas as Memórias . . . MANUEL MARIANO 33

Banda Desenhada . . . . . LUIS MOURÃO 33

À Descoberta do Circo . . . . . C. FRAGATEIRO 34

Audiovisual e Grupo – Média . . . . . CARLOS CAPUCHO 35

Expressão Dramática . . . . . ANTÓNIO NÓVOA 36

Contributo . . . . . ANTÓNIO NÓVOA 40

acção cultural e comunidades portuguesas

PRÁTICA TEÓRICA

Pensar o Dia das Comunidades é pensar fundamentalmente um povo.

Os seus anseios. A sua esperança. A procura de condições que lhe foram negadas no território pátrio e que embora longe dele, o têm nas mentes e nos corações.

Com efeito o que caracteriza fundamentalmente uma nação, não é a sua localização geográfica delimitada territorialmente, mas fundamentalmente o seu povo, onde quer que esteja, e a capacidade deste se pensar enquanto colectivo.

E é essa capacidade, esse sentimento de identidade nacional, de se sentir e pensar colectivamente, o que agrega fundamentalmente um grupo de homens e o define como povo. É, antes de mais, o seu passado histórico, o seu modo de vida, os seus usos e costumes, a sua maneira própria de ser e actuar, enfim, a sua cultura, que fundamenta um sentimento de identidade nacional e define um povo e uma Nação.

E é essa cultura própria de um povo, que se reflecte na sua vida quotidiana, em toda a sua actividade, na sua maneira de ser própria, que o cimenta e lhe dá significado. E, se essa cultura é a base da identidade nacional, o que cimenta e liga duradoiramente um povo, tornar fecunda, viva e permanente essa ligação, é uma tarefa não só importante como patriótica.

Daí que uma acção patriótica, porque cultural, junto das comunidades, terá de ser em primeira análise (sem o que não será) o dar expressão a essa cultura própria, incentivando as manifestações culturais das comunidades, permitindo um intercâmbio permanente com aquilo que de mais genuino, pelas aldeias, vilas, campos e cidades do nosso país, se vai desenvolvendo no campo da cultura popular.

Desenvolver uma acção cultural junto das comunidades é fundamentalmente partir da cultura própria dos seus elementos, valorizando essa cultura, incentivando, enfim, "essa imagem ideal que um povo deve ter de si mesmo".

Construir este diálogo dialéctico entre o passado e o futuro, individual e colectivo, impedindo a aculturação dos nossos compatriotas, que ao "integrarem-se" em sociedades cujos valores não viveram e não sentem, os leva muitas vezes a uma prática de rejeição dos seus próprios valores, aceitando acriticamente os que lhe são veiculados por essa sociedade construindo assim uma personalidade heterogénea - compatibilizando valores quantas vezes incompatíveis entre um passado e um presente desconexo.

É preciso que essa acção cultural faça sentir aos homens e mulheres das nossas comunidades o *valor* da sua maneira de ser, o *valor* do seu saber, o *valor* da sua experiência, do seu passado e da sua vida.

Essa acção cultural deverá ter como principal vector, não a defesa do orgulho fechado e cego de ser português, mas, fundamentalmente, o de *desenvolver critérios* capazes de armar as nossas comunidades de assumirem o sentido crítico da sociedade em que vivem, no Portugal em que viveram, naquilo que são para aquilo que concretamente querem caminhar.

É esta promoção cultural colectiva, porque individual, é este diálogo constante e dialéctico que urge incentivar. É, no fim de contas, motivar as nossas comunidades, que, ao estabelecerem esse diálogo, o fazem enquanto povo português, contribuindo para essa "imagem ideal" capaz de unir os portugueses, impulsionando-os a tomar nas suas mãos a construção dum futuro diferente, onde seja inequívoca a certeza de que *o que uma Nação tem de mais rico é o seu povo*, e é nele e para ele que deve ser centrado e orientado todo o progresso e desenvolvimento nacional.

ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL

Não está no âmbito deste pequeno apontamento definir exaustivamente o que se entende por animação sócio-cultural. Contudo, podemos dizer que ela se pauta por uma acção continuada junto das comunidades no âmbito social e cultural, que não visa a transmissão de "informação" entre o animador e a comunidade, exige de parte daquele um conhecimento profundo do meio, privilegia a organização da comunidade no sentido de ser ela própria a assumir a direcção do trabalho que se desenvolve e visa desenvolver e dar expressão à cultura própria de uma comunidade, contribuindo para a construção de uma cultura global e globalizante de acordo com o homem concreto dum determinado tempo e local.

"Daí que a animação se assume enquanto provocadora duma consciência actuante, que torne o homem capaz de adquirir critérios para perceber o que o rodeia, na libertação das capacidades actuantes duma comunidade, de modo a que cada um dos seus elementos tome consciência da sua capacidade de, em conjunto com os outros, transformar o que lhes é comumente adverso, transformando-se, assim, em agentes do processo de transformação social e cultural.

Enraizando o homem na sua comunidade natural, valorizando a sua cultura, fazendo-o perceber que a sua libertação vem através dela, e que contra o individualismo e o derrotismo se ergue a consciência da capacidade natural dos homens serem donos do seu destino (1).

AS ASSOCIAÇÕES DE PORTUGUESES

Por tudo o que se disse, percebe-se que qualquer acção tem de passar pela incentivação/apoio à criação das associações de portugueses no estrangeiro. A estas associações de cultura portuguesa (ou de cultura/Desporto/Recreio) é necessário dar apoios (económicos, documentação, forma-

(1) — "Animação o que é?". (Intervenção 5/6) Luis Martins.

ção dos seus próprios animadores) para que concretizem os seus objectivos.

Contudo, se estas associações devem contribuir para um maior desenvolvimento cultural das comunidades, proporcionando "um estilo de vida associativa que permite situar o homem num quadro de relações com os outros e o Mundo, mais compatível com a afirmação de si próprio e a plena afirmação das suas potencialidades" (2), elas não se devem apresentar como guetos de portugueses onde estes melhor (no bar, na festa) podem "esquecer as tristes agruras da vida".

A associação deve ser também um incentivo para que os portugueses saibam, na sua actividade diária, melhor enfrentar os problemas da sua vida no emprego ou na fábrica e, naturalmente, lado a lado com os trabalhadores de outras nacionalidades.

A associação deve fomentar um convívio são, não para saudosisticamente lembrar o passado, mas para o usar num presente que construa um futuro diferente.

A estas associações não deve ser reservado um papel inócuo mesmo junto dos cidadãos dos países de acolhimento. Elas devem ter uma acção ofensiva, promovendo exposições de artesanatos, colóquios sobre cultura portuguesa, o novo cinema português, trajo, dança folclórica, mostrando os nossos valores, fomentando nos portugueses o orgulho de mostrar o que temos, o que fomos e o que certamente seremos capazes de fazer.

Se estas associações visam logicamente as comunidades portuguesas, o fecharem-se sobre si próprias é construir guetos, é construir ainda mais estruturas de auto-marginalização das comunidades portuguesas, face aos países em que vivem.

Estas associações poderão ser também, por tudo isto, não só "embaixadas" de cultura portuguesa junto dos povos dos países onde estão implantadas, mas também, numa perspectiva universalista, "embaixadas culturais" da cultura dos povos de expressão portuguesa, levando a esses países (pela situação privilegiada que Portugal ocupa) expressões culturais dos povos da Guiné, Cabo Verde, Angola, Moçambique, etc.

A JUVENTUDE

Desnecessário será acrescentar algo àquilo que outros saberão melhor sobre os filhos dos nossos compatriotas emigrantes. Contudo, eles deverão ser chamados a ter uma acção fundamental nestas associações, quer fomentando a sua própria acção (grupos de teatro e outras actividades juvenis, e para o que se deverá ter em atenção os apoios e intercâmbio com outros grupos congéneres), quer nas acções globais da associação.

Contudo. e porque a Lei 23/78 se refere explicitamente às denominadas "Colónias de Férias", impõe-se uma breve referência. Malgrado a expressão (infeliz) de "colónia", pensamos que será útil este género de actividades, fomentando o intercâmbio entre estes jovens e aqueles que vivem no território pátrio.

Contudo, é de rejeitar acções como às que se fizeram antes do 25 de Abril em que estas "colónias" foram programadas à semelhança duma agência de turismo para estrangeiros: - meteram-se os jovens filhos dos emigrantes em auto-pullman e levaram-nos aos locais de interesse turístico; foram ver uma tourada, foram aos fados, foram até cumprimentar (ou ver) o Eusébio; passearam-se dentro do citado auto carro pelas zonas turísticas portuguesas; foram, enfim, tratados como se de turistas se tratassem. E, pior, porque não lhes demos e não lhes mostrámos aquilo aquilo a que eles tinham direito: o contacto com o seu povo, com as suas condições de vida real, com o seu modo próprio de vida, com as suas aldeias, etc.

É importante dizer que trata-se, não de vir ver Portugal, mas de *viver* Portugal, as suas gentes, a sua vida e a sua cultura.

Nestes "Campos de Férias", a que eu chamaria "Campos de Encontro e Actividade para Jovens" (3), tentar-se-ia que estes jovens tivessem no fundo acesso àquilo a que lhes foi interdito, o viver no território pátrio, o contacto com o seu povo e o seu viver.

De toda esta acção nas associações, nos "Campos", e o intercâmbio daí resultante seria de, periodicamente levar a efeito um grande *Festival da Juventude Portuguesa no Mundo*, onde se propiciaria a vinda de jovens das comunidades e as suas manifestações culturais (teatro, pintura, conto, poesia, de provas desportivas, etc.) com vários prémios para cada actividade.

Seria, assim, um grande Encontro da vitalidade da Juventude Portuguesa, onde quer que ela se encontre.

O DIA DAS COMUNIDADES

Com este trabalho será possível contribuir, pensa-se, para que cada dia seja cada vez mais o Dia das Comunidades Portuguesas. Contudo, o 10 de Junho continuará a ser a grande manifestação de força, de vida e espectáculo, construido no dia a dia por todos os portugueses. Será o dia de intercâmbio de todas as expressões destas acções, entre as comunidades e os portugueses que vivem no território pátrio.

Será o dar conta, em cada ano, e o recomeçar de um ciclo qualitativamente superior, em que a personalidade portuguesa se manifesta, se constroi e se impõe, par a par com os outros povos do Mundo. Será uma Festa de Unidade entre todos os trabalhadores portugueses, onde quer que estejam e, por tal, um incentivo à Fraternidade Universal.

LUIS MARTINS

(2) — Jorge Crespo — Para uma Sociologia da Cultura — O Associativismo desportivo em Portugal — in Ludens Revista do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa — Vol. 2, n.º 4, Julho 78.

(3) — Também, sobre estes "Campos", se impunha um maior desenvolvimento.
Na Revista Intervenção, n. º 2, no artigo Actividades de Férias, alguns contributos são dados neste sentido. Jornal de Educação Junho de 80. Igualmente ver dossier férias.

educação popular não é educar o povo

No número 15 de "Intervenção" fui chamado de "colaborador a 2000 quilómetros de distância." Se é verdade que tenho tentado dar uma ajuda, de longe e de forma indirecta, não é menos verdade que durante estes três anos e tal a minha "intervenção" na Revista não constituiu nunca uma contribuição directa para a mensagem que regularmente enviam ao País. Aqui estou a redimir-me da inércia anterior (e não só) e a enviar-vos, da tal distância de dois mil quilómetros, uma conversa à roda da Educação Popular. Uma conversa, e não um artigo, pois é a melhor maneira de encurtar distâncias - geográficas ou outras.

Odeio as definições. São tentativas de meter em frasquinhos conceituais a torrente imparável da vida, de paralizar no retrato uma realidade que é História, que é movimento. A definição diz que *é*, quando tudo o que é histórico (o que resta que o não seja?) está *sendo* ou deixando de ser, está sendo mais ou sendo menos. No entanto, esta conversa pretende ser precisamente uma "definição" de Educação Popular, na medida em que se vai descrever um espaço e as suas possibilidades e limitações, seus horizontes de expansão e superação, e igualmente propor critérios (opiniões pessoais) para avaliação de práticas - umas mais próximas, outras mais distantes, do ideal que sugiro de Educação Popular.

Parece-me ser necessário fazer todas estas considerações em torno de um conceito tão usado, mas tão abusado, que ora quer dizer uma coisa como o seu contrário. . . (Educação Popular eram as campanhas de Veiga de Macedo nos anos 50. . .) Educação Popular é o conceito-chave adoptado pela legislação do pós-25 de Abril para outorgar direitos às associações locais de alfabetização e educação de adultos. . .

O caminho de definição que aqui ofereço é pois um processo permanente em direcção a uma prática-cada-vez-mais-perfeita, cada vez mais "popular" e cada vez mais "educação." Comecemos, porém, por aquilo que não é: não é educar o Povo. Quero dizer com isto que não basta abrir as portas da escola existente ao Povo, isto é, às classes sociais dominadas, para se poder falar de Educação Popular. Quando muito, será popularização do ensino. A presença das classes sociais dominadas é essencial, mas a mera presença não é suficiente: temos de ir mais longe. Repare-se, desde já, que a caminhada que faremos nesta conversa não é meramente de conceitos, pois a cada passo andado correspondem milhares de experiências sociais, milhares de práticas organizativas, milhares de reflexões, de debates e de escritos Não basta, pois, abrir largas as portas da escola para que o indivíduo-Povo, um a um, com todo o fardo envergonhado de uma situação de oprimido sobre os ombros, venha encolher-se nos bancos rijos e infantis da cúbica sala de aula. Não é o Povo-indivíduo que participa na Educação Popular mas o Povo-colectivo; a primeira "aula" de Educação Popular é a realização por alguns, por muitos, de que os problemas que afligem cada-um, afligem muitos, afligem a maioria e de que as soluções não estão nas mãos de cada-um só o colectivo é agente de libertação para os problemas comuns a cada-um. Cria-se o grupo para procurar soluções aos problemas do dia-a-dia, em geral problemas relacionados com a satisfação de necessidades materiais básicas. O desenvolvimento de actividades colectivas para busca de soluções, para superação das dificuldades crónicas de um quotidiano que é "alheio", conduz mais tarde ou mais cedo à definição de necessidades relacionadas com o que é costume chamar-se a "área cultural." Para poder ir mais longe, para se progredir na compreensão e na transformação de um dia-a-dia que, quanto mais se conhece e se domina, mais vai fugindo do horizonte, o grupo define as necessidades de se apropriar da cultura dominante, de lhe resistir no que ela tem (e é muito) de dominadora e mistificadora e, consequentemente de afirmar a sua própria cultura (dominada) de classe (dominada). Nesta perspectiva, portanto, a expressão manisfesta de uma cultura popular é já um desafio às pretensões de monopólio, de hegemonia, das classes dominantes - mesmo quando essa cultura popular mais não faz que revelar o modo de vida real dos que vivem oprimidos. Dentro do mero protesto ou da revolta é já o "homem histórico" que desperta e não o "homem folclórico" que os representantes da cultura dominante pretendem descobrir para gáudio de públicos burgueses e comercialização lucrativa.

Façamos uma pequena paragem, para respirar uma trégua conceitual. Começamos por dizer que, para a Educação Popular "acontecer" é necessário um espaço social criado pela iniciativa de colectivos organizados dentro das classes sociais dominadas. A simples organização desses colectivos é já Educação Popular, pois é fruto de uma tomada de posição comum em relação a problemas quotidianos, é resultado de um acreditar enfim na possibilidade de transformação da realidade social existente. Está dado o primeiro passo para a Libertação, e as actividades culturais e educativas que daí resultarem irão certamente enquadrar-se numa perspectiva de Pedagogia de Libertação, para usar a expressão de Paulo Freire. Para que tal suceda, porém, outros factores têm igualmente de ser considerados. Será necessário que a iniciativa e o controlo não escapem aos representantes das classes dominadas; que o horizonte a compreender e a transformar se vá alargando constantemente até atingir as esferas onde poderão efectuar-se reais mudanças; que os "intelectuais militantes" entrem em contacto com estes colectivos locais e coloquem ao seu serviço os "conhecimentos globalizantes", produto da experiência alargada das suas vidas pessoais e profissionais - pois é deste contacto que resulta a abertura das práticas localizadas a referências regionais, nacionais e mundiais; que os métodos de contacto representem uma relação de "iguais entre iguais", um processo horizontal de confronto - convergente ou conflituoso - de culturas e de valores. Em determinado momento da

vida do grupo local é essencial o estabelecimento de relações com representantes do "exterior", a fim de evitar o "fechar-se sobre si mesmo" que é sempre sinal precursor de demissão da luta.

Se esta abertura é essencial, não deixa de ser também um momento crítico na vida do grupo; o dilema é sério, ou parar e estiolar, ou avançar e correr o risco, consoante o regime político em vigor, de repressão ou de recuperação. E a recuperação não vem apenas dos serviços governamentais, pois além destes - actuando geralmente por intermédio da escola e dos seus portavozes - muitas são as ideologias e os candidatos ao poder que consideram "missão" utilizar as forças locais organizadas na batalha em que participam.

Não se pode pretender que os grupos locais se mantenham fora da arena política, o que quereria dizer, que se alheavam da realidade social. Regressávamos, assim, ao folclore pela renúncia de "fazer história." A autonomia, característica vital dos grupos populares, só será definida e sairá reforçada através dos contactos constantes com representantes da "outra" cultura, com advogados de alternativas sociais, com as instituições (produto e pilar) da sociedade a transformar. É a prova do fogo, porém: só assim se fortalecem e desenvolvem, é assim também que se deixam assimilar e desintegrar...

Talvez por isso, se deva dar a máxima importância aos métodos de trabalho, aos processos que deve adoptar a "Pedagogia de Libertação", para ir libertando mesmo. Partir sempre das situações reais dos participantes, onde eles mais que ninguém podem descrever e analisar, dar opiniões e sugerir saídas, preparar materiais e tomar todas as iniciativas. Quando esta iniciativa toma a forma de procurar o contacto com o exterior, a organização das relações futuras deverá resultar de "negociações formais" - o que cada uma das partes pretende receber e aquilo que pode dar. Nestas condições, até a aproximação com a instituição escolar pode ser benéfica: nos casos em que o grupo soube definir previamente o que pretende da escola e a forma que deve revestir todo o processo de aprendizagem. É que já não é o indivíduo-Povo que vai agora entrar humildemente no edifício escolar; neste contexto, é o colectivo-Povo que vem exigir ao indivíduo -docente ou à instituição-escola que cumpra a sua obrigação de serviço público e forneça à comunidade o serviço que lhe

educação popular não é educar o povo

é encomendado. Fica invertida a relação de poder, o que impede o sistema escolar de exercer a sua função tradicional de legitimação e reprodução do regime de desigualdade social em vigor.

Do mesmo modo se deve proceder em relação ao "técnico", ao "perito", ao "administrador", ao "político", a fim de evitar que a relação se estabeleça com base na "superioridade cultural" daqueles que estão investidos de "doses superiores" de cultura dominante.

A meu ver uma concepção (e prática) dinâmica de Educação Popular exige necessariamente uma abertura do grupo para o exterior e, para isso, é absolutamente vital ter-se já atingido um grau avançado de coesão e de auto-confiança. Úteis e criadoras relações com especialistas, estabelecimentos escolares e outras instituições, e até com serviços públicos - de nível local ou central - podem então estabelecer-se numa base de intercâmbios e de parceria. É importante ter presente, a todo o momento, esta dimensão "em dois sentidos". Se um técnico, especialista ou professor visita o grupo e lhe "fornece serviços", deve igualmente colocar-se a questão de como o grupo poderá, ao mesmo tempo ou mais tarde, produzir a sua "retribuição cultural."

Uma recolha de "saberes locais" sobre o tema que interessa o especialista, uma descrição de técnicas tradicionais com funções semelhantes à da tecnologia moderna representada pelo técnico, uso nas escolas de materiais produzidos localmente ou visitas de membros dos grupos aos estabelecimentos educativos onde trabalha o dito professor... Tudo isto sem paternalismos, e com genuina vontade de ambas as partes de avançarem em conhecimento e controlo do meio físico e social. É bom não esquecer - agora à laia de parêntesis - que, numa contabilidade baseada em gastos de energia (sempre insubstituível) e não em símbolo "monetário", as formas mais eficientes de produção agrícola (isto é, em que a cada unidade de energia aplicada corresponde maior rendimento final) são ainda as da chamada "agricultura tradicional", que ainda se não descobriu meio de transporte mais ecológico que o de tracção animal, que há poucas reproduções tão desastrosas (em termos energéticos) como as do frango de aviário, etc. etc. Isto dito, não para fazer a apologia do "antigamente", mas para chamar a atenção dos representantes do progresso científico e tecnológico para o relativismo das descobertas modernas, para o preço que sempre se paga ao distanciar constantemente processos de produção e "homem produtor", e para a necessidade de calcular permanentemente esse "preço" e discutir entre todos se esses preços são razoáveis, se não se poderia pagar menos...

Uma última palavra nesta nossa conversa, para encarar o problema do financiamento ou, mais concretamente, dos subsídios oficiais.

É minha opinião que o Estado é, por definição um organismo recuperador, moldando a sua ideologia e estruturas de forma a assimilar, "normalizar", nivelar, dirigir e controlar a variedade dos agentes e acções que se movimentam e processam dentro da sociedade. Por esta razão, são muitos os grupos de educação popular que recusam todo e qualquer contacto com pessoas e serviços representantes do poder político. A posição é digna e merecedora de muito respeito; no entanto, corresponde já a uma renúncia ao combate e acaba por, indirectamente, favorecer a continuação do "status quo". Senão vejamos: cabe ao Estado o dever de garantir a todos o direito à Educação. Para cumprir tal obrigação, o Estado tem de desembolsar fundos que provêm principalmente dos impostos. Os impostos são pagos pela população adulta e representam "trabalho não transformado em consumo", isto é, resultam igualmente da famosa mais-valia. Se as associações e outros grupos locais de educação e cultura popular gastam os seus próprios dinheiros e energias a organizar actividades "de que o Estado é responsável", estão a ajudá-lo a poupar fundos. E esses fundos serão então gastos noutros serviços, muitos dos quais não fazem senão reforçar a situação dominada das classes dominadas... Nesta perspectiva, parece essencial definir-se uma estratégia de retirar do erário público os maiores quantitativos possíveis e "desviá-los" de actividades convencionais de rer ão ou recuperação para actividades de Libertação, tais como as de Educação Popular.

Claro que se correm riscos. A "generosidade" engendra facilmente o controlo; se um grupo começa a receber regularmente importantes subsídios, e a organizar as suas actividades em função do que espera vir a receber, entra em situação de dependência e pode ser objecto de "chantagem." Estão aqui em causa os subsídios de funcionamento, já que os de equipamento, concedidos de uma só vez e para um fim específico (por exemplo, a aquisição de um pavilhão prefabricado) não apresentam os mesmos riscos. No que se refere aos subsídios de funcionamento, pelas razões acima sumariamente descritas, penso que também os grupos de educação popular se devem bater por eles. No entanto, a reivindicação que todos deveriam em conjunto levar até ao legislador respeita à necessidade de tais subsídios deixarem de ser objecto de meras decisões de "arbítrio administrativo", para passarem a ser objecto de critérios objectivos expressamente descritos em lei. Com este fim em vista há que pressionar governos e legislaturas e levar mais longe a "democracia cultural" já anunciada no Decreto-Lei 384 de 20 de Maio de 1976. Disposições legais destinadas a terminar com o "sentimento de mendicidade" por parte dos grupos locais e a definir como direito próprio a concessão de subsídios regulares de funcionamento existem já por esse mundo democrático fora. Parece ser o próximo passo importante, no nosso País, da "Longa Marcha" da Educação Popular! E com esta me vou por hoje.

Alberto Melo
Junho de 1980

ENTREVISTA

Remy Hourcade

por Luís Mourão Manuel Mariano
Paula Folhadela Carlos Fragateiro

Remy Hourcade é do tamanho dos seus sonhos. Encenador, criador de mil teias encantadas, "director ambulante" de centros culturais, Remy-tão grande como o mundo.

Problematizar a animação aqui e agora, o papel que neste momento os animadores se atribuem e olhar este trajecto.

Será o animador um criador?

Ele a dizer que sim. E nós...

Remy, os seus projectos, as suas experiências - faces da animação como acto profundamente criativo.

trabalhar no interior da contradição confrontarmo-nos com a Arte Contemporânea

O nosso programa de acção cultural não está de modo nenhum ligado ao programa escolar. O nosso objectivo é a educação artística. Educação artística, que se tenta aperceber dos fenómenos que se desenvolvem na arte contemporânea, sem os transformar em compartimentos estanques: a música, o teatro, etc. Há todo um sem número de coisas que atravessam a arte contemporânea, ideias, sei lá... A cultura não é simplesmente a criação artística, é também a vivência social, a televisão, a publicidade. Cada vez mais, a distância entre certas pesquisas pictóricas, o que se chama em França a "Nouvelle Figuration", e a publicidade é menor. É neste "campo cultural" que devemos trabalhar.

Em segundo lugar, uma questão de grande importância é saber o que é a acção cultural. Entre a criação artística e científica (que desempenha sempre um papel de vanguarda) e o resto da população, há um fosso. Toda a gente o reconhece. Levaremos milhares de anos para abarcar completamente o que os cientistas estão actualmente a descobrir, porque isso abala todas as nossas estruturas mentais, porque este conhecimento não está socializado. E como se supera este fosso?

Para esta questão há dois tipos de resposta: a primeira é a resposta tradicional, duma certa burguesia - Que querem? Tem que se deixar isto tal como está, aceitá-lo assim. É a resposta do Figaro! Gostávamos muito... não podemos fazer nada... são artistas... é preciso deixá-los sonhar!

Segundo tipo de resposta - voluntarista, de tipo marxista: é preciso lançar pedras para o fundo desse fosso, fazê-lo desaparecer e no momento em que já não existir fosso, o proletariado em marcha irá juntar-se aos artistas e cientistas. Era uma boa ideia! Mas a dada altura apercebiamo-nos que enquanto se punham enormes rochedos no fundo do fosso, um outro buraco mais importante teria surgido, porque os artistas e os cientistas continuavam a avançar.

Então que fazer? De facto, segundo a minha opinião, pusemos sempre este problema da distância entre o criador

A criação artística e científica é, para mim, a mesma coisa; quem descobriu a relatividade, Einstein ou Picasso? Eles falam ao mesmo tempo da mesma coisa. Quem estava à frente, nunca o saberemos. É como para a teoria da luz. Os físicos descobriram que a luz é a emissão de partículas luminosas, ao mesmo tempo que os impressionistas diziam a mesma coisa na sua pintura.

e o público em termos de bem ou de mal. Respondem nestes termos as duas respostas esquemáticas que dei. E se em vez disto, situando-nos num terreno ideológico marxista no qual me encontro, tentarmos responder em termos dialécticos, dizendo: há dois polos, entre estes dois polos existe provavelmente uma corrente, que, tal como a corrente eléctrica, não é boa nem é má, existe.

E se nos apoderarmos destes elementos, trabalharmos com eles, não para fechar o buraco nem para o deixar ficar, mas para trabalhar no interior da contradição?

Isto pode parecer um pouco teórico, mas vou tentar dar um exemplo. Parece simples mas levei anos a chegar a esta conclusão. Foi um trabalho de equipa, refletimos todos. A ideia dominente era: este fosso é mau, é preciso tapá-lo. Como? Isto levou a práticas muito mecanicistas e que foram dominantes, em determinada altura, na acção cultural em França. Actualmente, embora seja menos verdade, ainda continua a sê-lo. Dou um exemplo destas práticas: pessoas que fizeram uma montagem de diapositivos sobre cubismo e que a apresentaram nas escolas. O que aconteceu é que os alunos se chateavam tanto como quando assistiam a um curso de física ou qualquer outro. Era muito cultural, muito distinto. E funcionava... funcionava com as crianças que viviam num meio sócio-cultural muito elevado, mas não com a maioria das outras...

Int. - Portanto o fundamental para ti é trabalhar no interior da contradição. Mas como é que isso se reflete na tua prática concreta de trabalho?

R. H. - Cada ano apresentávamos projectos, esses projectos apresentavam-se como jogos. Dou muita importância a este aspecto lúdico da animação. Quer dizer que, a partir de determinada época, nunca entrei numa aula com as mãos nos bolsos a dizer: bom dia, sou animador do Centro Cultural de Sartrouville e nós vamos fazer aqui um trabalho de animação. É um mero exemplo. De facto nunca se passou.

Como se passa então? A porta abre-se - ... pum! Ninguém está prevenido. Entra alguém que vem à procura de qualquer coisa. (Faço isto assim porque teatralizo as coisas, sou um homem de teatro, se fosse um pintor abordaria doutra maneira). Muito depressa as crianças compreendem.

Int. - E os professores?

R. H. - Os professores, esses estão prevenidos. Naturalmente que não são todos os professores. Dado que é um trabalho de pesquisa, fazemos vários projectos e o professor pode escolher de entre esses projectos. Enviamo-los a todos os professores da zona - na cidade e num raio de 20 Kms. - - Os projectos são difíceis, porque exigem aos professores que se metam dentro deles, que venham ao teatro na Quarta-Feira, quando não há aulas, trabalhar conosco em ateliers.

Recebem um dossier que lhes coloca um certo número de questões, com a necessidade de assistirmos aos ateliers que se realizam no Centro. Muita gente recusa. Primeiro, porque o projecto muitas vezes é ambicioso ou parece-lhes ambicioso e, por outro lado, porque na Quarta-Feira à tarde, não se toca!

Entre o primário e o secundário apareciam por ano cerca de cem dos 2.000 ou 2.500 que existiam na zona. Era um trabalho de pesquisa, não de três professores mas de cem, o que é relativamente importante. Não eram os 2.000, nós não estavamos a fazer o trabalho do Ministério da Educação Nacional.

Int. - Mas voltando ao projecto...

R.H. - Certo. Em seguida, o projecto desenvolvia-se em momentos diferentes. Um dos momentos para nós fundamental era o momento do trabalho do professor com os seus alunos e no qual nós não intervínhamos. Não iamos espreitar a aula, isto não nos diz respeito. Eles faziam o seu trabalho, que nós respeitamos mas não conhecemos, não é o nosso trabalho.

Há quatro momentos gerais neste trabalho, momentos diferentes que não ligados uns aos outros como as carruagens de um comboio: o momento da nossa presença na aula, a partir dum jogo, geralmente três vezes por ano em cada turma, o momento dos ateliers, uma dezena de ateliers por ano no teatro, o momento do trabalho que o professor fazia com os seus alunos, entre a nossa passagem ou depois dela e que nós não controlávamos, nem queriamos controlar, e o momento mais espectacular e normalmente perto do fim - a nossa proposta teatral, dado que sou um homem de teatro; se fosse pintor seria uma proposta pictoral ou um fresco, ou o que quer que fosse. Era, em paralelo, uma outra proposta que faziamos a partir dos mesmo elementos, não dos resultados obtidos pelos alunos, dos mesmos elementos que tinhamos trabalhado com os alunos ao longo das animações, mas sobre uma outra proposta completamente livre que era um espectáculo de teatro, rodado em tournée, para ser visto por pessoas que não tiveram nada a ver com o projecto de animação. Não podia ser um espectáculo ligado ao projecto de animação; era-o para os alunos

que fizeram a animação, mas era um espectáculo autónomo, que tinha a sua existência autónoma. Foi assim que montei seis espectáculos em Sartrouville.

LES PETITS BOUTS DES CHOSES

Int. - Este é o método geral. Segundo nos parece, estás presentemente a trabalhar num novo projecto...

R.H. - Exacto. E vou contá-lo. É um projecto que acabou de ser enviado aos professores de Argentteuil, uma outra cidade operária dos arredores de Paris.

Este é o meu último projecto, neste momento o que mais me interessa, e é para mim muito importante, porque mudei um pouco. É o último de um período de sete anos da minha vida e penso que agora descobro outras coisas.

O projecto chama-se "les petits bouts des choses". "Les petits bouts des choses" são os fragmentos, são um certo número de interrogações contemporâneas. Isto pode parecer um pouco abstrato, na prática ver-se-á que o não é. A interrogação sobre o fragmento, o fragmento da escrita, da pintura, o hiperrealismo americano. A interrogação do real não a partir da sua totalidade, mas a partir de qualquer coisa, como uma peça de puzzle que nada significa sózinha, mas que, ao mesmo tempo, contém já em si o puzzle. É este tipo de interrogações que se encontra na música contemporânea, na fragmentação dos sons, que se encontra na pintura, que começamos, enfim, a encontrar agora no teatro, - - o teatro está sempre um pouco atrasado, em relação à música e à pintura -, que encontramos em certo tipo de escrita que começa a aparecer.

A partir desta ideia do fragmento, inventámos uma história. (Este projecto dirige-se a alunos de nove a treze anos e trabalhamos só com vinte e cinco professores). Os professores estão prevenidos, sabem que no mês de Dezembro o primeiro animador vai aparecer.

O INSPECTOR DO SERVIÇO DE FRAGMENTOS

Um inspector do serviço dos fragmentos vem visitar a aula. A porta abre-se, o professor está prevenido e alguém, será uma mulher com blusa branca e uma pasta na mão, entra discretamente na sala. O professor naturalmente terá dito aos alunos, portem-se bem, hoje vem aí um inspector para ver o material. Os alunos estão prevenidos, não ligam. A aula continua. Durante isto a inspectora, que é de facto uma actriz, começa a recolher amostras. No princípio, começa com coisas muito simples. Depois, gradualmente, recolhe amostras mais complicadas. Tira um canivete, começa a recolher pedacinhos de madeira das mesas, que guarda, com ar muito sério, em frasquinhos, que fecha e numera. Ao princípio, as crianças levam a sério. Progressivamente, transformar-se-á numa coisa delirante. Inventa um sistema incrível para recolher fragmentos da luz, depois fragmentos do chão, da poeira; pega numa pequena pá e recolhe tudo, o giz escondido atrás de uma secretária, as aparas do lápis, etc. Acaba por recolher amostras dum estojo de canetas que abre com material de cirurgia e, não sei mesmo, se porá uma máscara.

Isto dura dez minutos, no fim a risota é geral. Ela continua séria, mas eles compreenderão que se trata de um jogo. Repare-se como a partir de um jogo se fala duma coisa tão importante como o "fragmento".

A partir daqui, ela vai dizer-lhes qualquer coisa como: tenho de me ir embora, pois tenho ainda muitas aulas para verificar, desculpem lá. Não me poderiam ajudar? E aqui eles vão-se pôr todos a olhar a sala de aula como nunca fizeram. Esse olhar, que se lança sobre todas as coisas, neste lugar, que já se viu tantas vezes, que já nem se repara nelas. No entanto, são lugares onde passamos dezenas, centenas ou milhares de horas.

Para compreender melhor o que estou a dizer, se pensarmos que numa escola, estamos apoiados numa mesa, que tem um prego ou um bocado de madeira que saltou e que podemos passar, já fiz o cálculo, seiscentas horas durante o ano escolar a olhar para este bocado de madeira! Lembrem-se, de quando estavam na escola! Como a imaginação se liberta! Como se torna familiar este prego, como de repente isto entra no coração, como começa a pertencer à nossa vida, ao nosso real. Esta história está no centro de uma problemática contemporânea, a do fragmento de que falava. Ora é isto que vamos tentar pedir-lhes; que eles olhem, que cada um faça uma recolha da sua mesa a partir de um dos seus pontos. Isto é muito rapidamente o desenvolvimento do primeiro momento.

Um mês depois, toda a gente sabe que é um jogo, toda a gente trabalha já com isto, eles continuam ou não, depende do professor e é a sua tarefa e não a nossa. Nós propomos-lhe uma migalha, como no rato e no labirinto. O rato sai ou não sai - o rato/imaginação da criança -. A migalha é boa e o rato sai, ou a miganlha é má e a culpa é nossa e o rato não sai. O que eu acabei de contar é a migalha.

A criança não apanha a totalidade do espectáculo, cristaliza sobre um detalhe. É este detalhe que conta uma história. Catherine Dasté fez espectáculos, onde a história era cada vez menos importante, mas onde os elementos visuais adquiriam uma maior importância. Havia um maior número de solicitações para o olhar da criança e logo possibilidades de arrancar para qualquer coisa.

O INSPECTOR DOS SONS

Em Janeiro vem o inspector dos sons. É um senhor que tem um gravador e que vem procurar os pequenos sons, "Les petits bouts des choses". Tem um estetoscópio e vai gravar o batimento cardíaco das alunos, o ruído do giz, da caneta sobre o papel.

É um músico, um compositor que faz isto. Agora ele vai pedir-lhes, inventando uma falsa história, para organizarem estes sons. Eles vão dar-se conta destes sons. Vai dizer-lhes: bom, agora temos de encontrar um sistema para organizá-los. Façam uma sonata para a vossa classe.

A partir unicamente destes sons, que são verdadeiros, que existem, ouvem-se ou não, não importa eles existem, (o batimento cardíaco existe ou não? É verdade que o não ouvimos, mas ele existe). Temos sons inaudíveis, sons da respiração, do batimento cardíaco, e sons audíveis. Às duas por três é como num paquete: sabemos que existe um motor em qualquer parte, sentimos apenas uma pequena trepidação sob os pés, não ouvimos o motor, mas sabemos que ele existe. Há um motor, um coração na sala de aula. Onde é que ele está? É uma boa pergunta! Vamos colocá-la. Encontrem o motor, o coração da vossa turma.

Isto é um jogo, mas ao mesmo tempo obriga-os a olhar e a escutar a turma duma forma completamente diferente. E aqui, eles vão ser obrigados a encontrar um sistema, a descobrir que a música não é o realismo, o naturalismo, que nunca o foi. A música, nunca contou histórias, a música é uma estrutura completamente abstrata. Talvez que o mais fácil, para lhes falar de arte, seja a partir da música porque, lá fora, eles precisam que as imagens se pareçam com alguma coisa e a música com o que é que se pode parecer? Paralelamente, há estruturas sonoras que adquirimos e que teremos de seguir e que não se parecem com nada. Logo, eles vão ser obrigados a fazer uma data de composições e a tomarem consciência de que há uma certa arbitrariedade na maneira como vão organizar esses sons e que podem utilizar essa arbitrariedade na sala, porque não? Eles farão, todas as vezes, uma gravação diferente de 2 ou 3 minutos. O que importa, é o que eles têm a partir de sons gravados na aula. Pegaremos nas 25 gravações e faremos uma montagem completa, com tempo, uma montagem sonora para lhes fazer compreender o que os músicos podem fazer.

O INSPECTOR DOS GESTOS

O inspector dos gestos virá no mês de Março às 25 classes e interessar-se-á essencialmente pelo espaço, por tudo o que diz respeito aos movimentos, mas aos pequenos movimentos. O que é que se conta de uma turma? Conta-se o dia em que houve o tal acidente muito grave! Nunca se fala do que se passa todos os dias, como é que tenho uma relação com a mesa, como um gesto determinado se repete várias vezes.

Isto pode parecer ridículo, mas não é. Isto é o que me apaixona. Como é que estes gestos contêm alguma coisa? O que é que isto quer dizer? Quando vocês entram em casa têm uma maneira de abrir a porta, de pousar um saco num móvel ou noutro lugar, de ir sempre ao mesmo lugar, salvo se vos chamam, vocês fazem percursos no interior da casa. Estes percursos o que é que são?Não é psicologia, nunca faço uma abordagem psicológica, não me interessa este ponto de vista, penso que não serve para grande coisa na arte. É um método de análise sobre o indivíduo formidável, mas na arte, não sei se é de facto importante. O que é que isto significa? Significa que a mesma casa que vocês habitam, se alguém chega para fazer a limpeza, por exemplo, terá outros percursos. Claro que os percursos estão condicionados pelas paredes, pelo lugar da cozinha, é verdade. Os arquitetos e os urbanistas sabem-no. Mas, apesar disto, fazemos um percurso e se o seguirmos, e o desenharmos, acabamos por construir uma teia de aranha, que é de facto uma projecção mental. Para mim, há uma relação entre esse percurso do corpo, a maneira como se percorre uma casa, e a estrutura mental; há pois uma relação entre o interior e o exterior.

A pintura foi sempre isto, a projecção duma paisagem mental, mesmo quando ela se parece com a paisagem, é de facto uma paisagem mental, é uma estrutura mental, projectada numa tela. Quer seja realista, não realista, figurativa ou não figurativa, é um problema de técnica. A pintura, mesmo quando é figurativa, é simplesmente uma projecção mental.

Isto é para lhes fazer compreender que nos gestos, nos pequenos gestos, nos tiques, e todos nós temos tiques, há uma "impressão", que é de facto uma "impressão" mental. Então eles vão dançar na sala de aula a partir de fragmentos, o que nos reenvia para a coreografia contemporânea. Esta é a terceira e a última sessão em Março.

Int. — Mas o trabalho nas turmas continua. . .

R.H. — A partir daqui eles que se arranjem! Nós acabámos. Não é por facilidade que digo isto, não queremos intervir no seu terreno. Eles ficaram alertados para "les petits bouts des choses". É tarefa deles fazerem um retrato da turma que mais tarde iremos ver, se tiverem vontade de nos mostrar. Fazer o retrato da turma pode fazer uma história, desenha-

rem, fazer um grande mural só com os buracos das suas mesas. 30 desenhos juntos num fresco, colocados uns ao lado dos outros, pode ser espantoso. É toda uma sala em conjunto, que eu vejo como quando abro a porta . Afirmo mesmo que se levarmos a interpretação ao limite é mais do que isto, é a turma com a sua realidade e o seu conteúdo imaginário. É a turma vista do interior e do exterior. Escolhendo, por exemplo, que fazer o retrato da turma poderá ser cada um fazer o retrato dum elemento, que cada um escolherá, e sobre o qual o seu olhar se apoia todos os dias. E haverá de tudo. Encontram um objecto e desenham-no, estão a deformá-lo imediatamente, o que é já interessante e de repente, era o que eu faria se fosse professor, pegava nos trinta desenhos e punha-os juntos como um fresco, com margens como as vinhetas da banda desenhada. E depois olharia isto de longe e perguntaria: e se isto fôr a turma, o seu retrato? Tal como eu tenho um retrato quando estou no corredor e abro a porta de repente. É muito mais interessante.

Isto seria um trabalho que os professores poderiam fazer. Eu nunca o direi, os ateliers servem não para dar técnicas. Penso que se desse técnicas, a este nível, estaria a fazer formação de professores; ora esta não é a minha profissão. Compete ao Ministério da Educação Nacional cumprir esta tarefa. Eu digo-lhes simplesmente: vejam o que se passa na arte contemporânea, compreendam porque fazemos este projecto.

Int. — Como é que funcionam esses ateliers?

R.H. — Há seis ateliers onde fazemos coisas práticas, dois ligados ao inspector de material, dois ao inspector dos sons e os outros dois ao inspector dos gestos. Durante o trabalho eu não digo, façam isto ou façam aquilo. Vou viver em conjunto uma experiência, não conheço as suas vivências, as suas sensibilidades, nem cada uma das suas turmas. Eles aproveitarão elementos, uns numas turmas, outros noutras, cada turma é diferente, e desenvolverão o seu trabalho, a partir daí.

Enquanto eles fazem isto eu trabalho num espectáculo de teatro musical. É um trabalho difícil. Não é um trabalho feito para eles, espero representá-lo em toda a França e quem sabe. . .trazê-lo a Portugal.

Int. — Nesse espectáculo não há portanto participação do professor ou dos seus alunos?

R.H. — No espectáculo, de forma alguma. Os professores estão a trabalhar nas suas turmas e isso não me diz respeito. Eu sou um criador, nunca montei espectáculos fora duma prática social que é a acção cultural, penso continuar assim. Há criadores, no entanto, que são simplesmente encenadores, o resto não lhes interessa. Têm todo o direito de pensar assim. A minha história pessoal levou-me a ser encenador e continuar a inventar formas (há milhares de coisas a inventar - nesta perspectiva há muito pouca gente que fez coisas) de acção cultural em que o espectáculo penetra, quer seja com adultos, crianças ou operários.

Para mim, há três planos fundamentais nos quais me movo: o plano do indivíduo, do cidadão, o plano de acção cultural e o plano da criação.

Como cidadão, deve ter uma prática social e política. Eu tenho uma, sou militante enquanto cidadão, o que me permite entrar neste terreno que é o terreno da luta de todos os dias, do meu prédio, da minha rua, da minha organização política.

No trabalho de acção que faço, há um certo número de problemas que tento resolver neste terreno, o que faz com que no plano da criação eu proceda de modo a que o menor número possível de problemas doutra ordem o venham invadir. Penso que se devem resolver fora deste plano. Quero dizer com isto que nos damos conta que a carência duma prática militante sobre o real se reflete num certo tipo de discurso político tido no teatro. É isto que se conta no teatro para não ter uma prática militante enquanto cidadão.

Há um certo número de problemas que invadem o teatro para a infância que são os problemas que vêm da acção cultural. Para mim, isto é fundamental. Não vou falar da especificidade do teatro para a infância, não é isto que quero dizer. Penso que é preciso fazer tudo para que a maior liberdade possível seja dada à criação. Saber que nos dirigimos às crianças, por exemplo. Isto pesa, de tal modo no meu inconsciente, que invento sistemas para o esquecer. Posso escandalizar as pessoas, mas a determinada altura paralisa-me totalmente, começo a criar todas as imagens em função de que é para crianças - não é para crianças. De qualquer maneira, no que diz respeito ao criador, há sempre uma projecção da imagem que ele tem da criança. Ele poderá tentar, se está muito angustiado, ser ajudado por um psicólogo ou um psicanalista. Mas é a sua angústia que ele conta. Ele juntará uma soma de projecções da criança feita pelos adultos, mas nada nos diz que é a realidade da criança; é uma outra realidade, a realidade do imaginário do adulto, quando ele fala da infância, de facto, quando ele fala da sua infância.

É portanto nestes três planos que é preciso jogar.

□

Poderia ser Maria de alguma coisa, ou Ana, ou Guida ou Suzana ou então Carla Alexandra ou Sónia, ou Tânia Cristina ou Sandra Isabel. Mas não. Teresa. Podia ter sido Teresa. E podia ser (podia ter sido) uma miúda frágil, inteligente demais para a sua condição e poderia, às escondidas da professora, ter escrito coisas num caderno, ter feito, como as meninas dos colégios de freiras, um diário. Que evidentemente nunca terá feito.

SE FOSSE TERESA E TIVESSE ESCRITO UM DIÁRIO

Janeiro, dia 3 - Hoje começou outra vez a escola. Ainda bem. Já estava cheia de estar em casa a ouvir o meu pai: Teresa põe o cão na rua, Teresa arruma essa casa, Teresa vai-me ao vinho, Teresa vai ver o que tem o teu irmão. Porque o meu pai está sempre em casa. Só a minha mãe é que anda por fora. Faz limpezas. Anda cansada e à noite quase nunca come, de consumida com o trabalho e com o meu pai a mandar nela como manda em mim. Outro dia ela disse - e eu ouvi - para a minha irmã Conceição, que já namora: tem cuidado filha tem cuidado e lembra-te disto: olha que é muito triste ser mulher.

Janeiro, dia 17 - Hoje na escola a senhora chamou-me e disse-me: Teresa, por que é que o teu pai em vez de beber não vai trabalhar para te comprar uns sapatos? Trazes aí umas galochas que são uma vergonha. Amanhã trago-te uns sapatos e uma saia que eram da minha Paulinha. Fiquei tão cheia de vergonha, tão cheia de vergonha. Antes quero andar com a minha roupa do que ter roupa linda que a senhora me dá. Quando for grande e ganhar dinheiro hei-de comprar muitos vestidos para andar bonita como as meninas da televisão.

Fevereiro, dia 12 - Ontem tivemos no Centro a nossa festa de carnaval. Foi bonito. O monitor dos mais velhos pintou-nos a cara uns de palhaços outros de índios etc. e a minha monitora fez-nos vestidos de papel. Tivemos bolos e laranjada. Até fiquei agoniada. Mas estava tão triste tão triste. Eu bem não queria. Mas quanto mais música ouvia e nós dançávamos mais triste eu ficava. Tinha na mesma que me ir embora para minha casa, aquecer a sopa e ir buscar o menino à creche. Às vezes o nosso jantar é só o comer que as senhoras dão à minha mãe. Ai gostava tanto de ser rica.

Março, dia 2 - Hoje de manhã fui levar o meu Carlitos à creche. Eu gosto muito de lá ir, cheira bem nos corredores e a casa é linda. Elas andam sempre a pôr desenhos nas paredes e retratos de meninos e flores. Elas são giras: umas trazem batas verdes outras batas às risquinhas. Parecem assim enfermeiras de um hospital onde não há pessoas doentes. Gostava de ir à casa delas para ver como é. Elas trazem as unhas pintadas, pintam também o cabelo e fazem caracóis e têm vestidos tão bonitos. A educadora do meu Carlos chama-se Rita Manuela e diz sempre para o menino: ai cá vem o o meu ranger. Mas há uma coisa de que eu não gosto, é o recreio dos meninos ser todo fechado com rede. E eles ficam lá dentro, parecem macaquinhos. Achava melhor que o recreio deles tivesse um grande jardim sem rede com baloiços e escorregas, como se vê nos filmes. Mas cá no bairro não há nenhum jardim.

Março, dia 29 - Há três dias que não venho à escola nem ao centro por causa do que aconteceu em minha casa. Tive vergonha de que as outras soubessem. Foi assim: a minha irmã São apareceu de bebé. Eu já sabia porque ouvi a minha mãe pedir-lhe para ir fazer um desmancho. Mas ela não quer. O meu pai lá veio a saber e à noite ficou à entrada da porta a dizer muito alto para a minha mãe: ela não entra cá mais. Cá em minha casa não entram putas. A minha mãe estava a chorar e pedia-lhe: fala baixo Armando que os vizinhos ouvem. Então ele largou à porrada na minha São que vinha a entrar do cabeleireiro onde anda a aprender (agora o trabalho é lavar as cabeças às senhoras e arranjar as unhas), eu fui defendê-la e ele empurrou-nos às duas para a rua. Foi a vizinha Arlinda que nos chamou para casa dela e dormimos lá.

Abril, dia 12 - São as férias da Páscoa. Não temos escola e por isso fomos com os monitores a um cinema ver um filme do Charló. Fomos de autocarro. Eu gostei. Aquilo faz rir mas também tem coisas tristes. Eu gosto do Charló porque engana sempre os polícias e rouba para comer e depois ele é sempre amigo dos pobres.

Abril, dia 30 - Hoje faço 13 anos. A senhora trouxe-me um vestido que era da Paulinha. É muito bonito mas a Paulinha já o vestiu muitas vezes e agora já não o quer. Por isso eu também o não quero. Valia mais que a senhora não me desse nada. A minha mãe gosta que ela me dê mas eu não gosto. E as outras têm inveja. Se elas soubessem como eu fico cheia de vergonha.

Maio, dia 5 - Ontem a vizinha Arlinda disse para a minha mãe: ó vizinha Donzília a sua Teresa está uma mulher. E a minha mãe disse: ai vizinha se soubesse quanto isso me rala. Eu sei que a minha mãe tem medo que eu fique grande. Ela até já disse para o meu pai: mal saia da escola esta rapariga tem que ir trabalhar. Não quero mais consumições por via de rapazes. Inda ela não sabe. Na semana passada veio cá o Luisinho filho do senhor Santos da cantina. O meu pai mandou-me com ele trazer mercearia. Era à noite e ao dar a curva dos prédios novos o Luisinho agarrou-me pela cinta e apertou-me contra a parede tanto tanto que até me faltava o ar. Eu disse muito aflita: deixa-me deixa-me. Veio um carro e ele largou-me. Mas fiquei com pena. Depois fiquei muito tempo a pensar nele. O Luisinho é um rapaz bem bonito com aquelas calças tão justas, o bigode dele, a camisa toda desapertada no peito. À noite quase que nem podia dormir a pensar no Luisinho.

Maio, dia 31 - A senhora chamou o meu pai para lhe pedir que me deixasse ir estudar quando acabar a escola. Sr. Armando a Teresa é esperta, deixe lá ir estudar a rapariga. E o meu pai disse. Não minha senhora. A Teresa já tem bom corpo para trabalhar. Ela fazia-se era para aí uma madraça com rapazes para baixo e para cima. Eu nem sequer cheguei à 4a. classe. Ela já sabe mais do que eu. Que trabalhe.

Junho, dia 4 - A minha mãe faz limpezas. E depois faz horas num restaurante a lavar a loiça. Às vezes tem muito serviço e chega tarde a casa. Eu não gosto nada porque o meu pai logo que anoitece começa a ficar zangado e a dizer porque é que aquela mulher não vem para casa? Qualquer dia dorme lá fora. Eu fico logo toda cheia de medo. Hoje a minha mãe chegou eram quase dez horas. O meu pai puxou-lhe logo por um braço que ela até deixou cair o saco e foram os dois para o quarto e eu só ouvia a minha mãe dizer: podes lá ir quando quiseres, o tempo que eu lá passo é a trabalhar. Faziam muito barulho e eu ouvia o meu pai bater-lhe. Então eu fui-me meter no escuro ao pé do meu Carlitos que estava a dormir e comecei também a chorar. Parecia-me que era tudo muito escuro e muito grande e eu sozinha e a minha mãe sempre a chorar. Apetecia-me morrer. Haviam todos de ter pena de mim e eu havia de ir vestida com um vestido muito lindo e com muitas flores.

Junho, dia 10 - A nossa casa é do tipo 1. Temos a cozinha, a casa de banho, a sala e o quarto. No quarto dorme o meu pai e a minha mãe e o bebé. Eu durmo na cozinha. Antes dormia na sala com a minha São e o meu Zé dormia na cozinha. Agora ele está na tropa e a São dorme na sala com o Chico, que é o que vai casar com ela. Eu faço de conta que estou a dormir mas fico à escuta. Oiço-os a mexerem-se muito e a respirar como estivessem aflitos. Mas eu bem sei o que é. Ele nunca fala mas a minha São às vezes parece que está a chorar e a gemer. Eu durmo sozinha, fico a pensar no Luisinho. Às vezes imagino que sou uma daquelas meninas dos contos, toda rota e abandonada numa floresta muito escura e parece que até gosto de estar sozinha no escuro e a dormir na cozinha. Mas quando sair da escola hei-de ir servir ou trabalhar para os bares e também quero arranjar um rapaz para dormir comigo.

Se eu fosse Teresa e tivesse escrito um diário, não teria sido, de certo, exactamente um diário como este. A Teresa que poderia ter escrito coisas como esta é uma preocupação, uma interrogação de adulto perante as dezenas de crianças que, ano após ano, lhe vão **passando pelas mãos**. Ano após ano diversas Teresas se vão sucedendo, sem uma alteração que signifique novidade, passo para a frente.

Em bairros de **camadas muito populares**, enquanto **popular** continuar a ser o **degradado**, o **economicamente débil**, o consumidor infalível do produto que nunca é pensado por ele. Se a possível verdadeira Teresa escrevesse, não seria bem assim, não. Nada do que acontece acontece por acaso. Também não é por acaso que adultos, ditos educadores, perante a realidade que qualitativamente alteram tão pouco, se perguntem, no rescaldo do seu trabalho educativo: o que poderia contar esta miúda se fosse Teresa e escrevesse um diário?

Alberto Júlio
(monitor de A. T. L.)
Lisboa, Julho de 1980

Estamos na época cultural pós-Maio. Lançado o valor, lançado no país o dilettantismo enquanto conceito, enquanto projecto cultural, os valores renascem nos balcões de lanças dos novos senhores, as placas espalham-se pelo país inteiro, tapando jardins e espaços nossos, estando o património quotidiano que é nosso, em defesa de cabeças e que ideias velhas.

Sim. Estes são os senhores do anti-farto, que nos dão bandas no castelo e nos tapam, em favor da iniciativa empresarial, os miradouros da cidade. O espectáculo assume foros de projecto, e se o Santos da Cunha já não está vivo, se Marcelo saltando das suas chagadas douradas teorias, outros senhores se preparam para com solenidade com adulação.

Tudo se reduz à teoria do vazio. Daquilo que da superfície não saiu, das entradas de leão para saídas de cordeiro, pela porta mais escondida, do desespero sereno de quem balança desesperadamente.

E se os anos se acumulam, e aos atais e aos atais estar atento e dar resposta não podemos ignorar os outros que antes o nesse campo foram senhores. De tal forma que a cultura, a nossa cultura desenvolvida pelos intermediários, somos, com mais ou menos dinheiro, com mais ou menos comunicação, nunca conseguiu interpretar o lugar comum, o ramo raíz de alimento no que já existe, em suma, não consegue a interpretação.

Daí esta primeira abordagem. Para que não mais possa haver mais barreiras entre o povo.

G.F.

Este dossier subordinado ao tema " QUE POLÍTICA CULTURAL?", pretendia fazer uma análise à Política Cultural (ou politicas?) no pós 25 de Abril, (se as houve) e em especial, neste último ano de governo AD.

Pretendia-se fazer um balanço em todos os domínios do cultural-teatro, cinema, artes plásticas etc - e também discutir as perspectivas gerais duma política Cultural para Portugal.

O interesse que esta análise fosse incluída já neste número de Setembro da "Intervenção", não permitiu que este projecto inicial fosse assumido inteiramente.

Assim este ficou reduzido significativamente, embora o debate que agora iniciamos vá ser continuado no próximo número, nomeadamente nos aspectos aqui não privilegiados, e mesmo, no que diz respeito aos assuntos hoje focados, através de outras contribuições.

Mesmo assim contamos hoje com a qualidade dos contributos de António Reis e Helena Cidade Moura, ambos em certa altura implicados em polémica com o actual governo neste domínio. António Reis chegou a ter marcada uma mesa redonda com o actual S.E.C., que não se chegou contudo a realizar em virtude deste último ter cancelado a sua participação. Helena Cidade Moura teve papel preponderante na preparação de uma interpelação ao governo neste domínio na Assembleia sa Républica, que não se chegou a realizar. Impunha-se por isso dar-lhes a palavra.

Dar a palavra, também o quisemos fazer, àqueles que geralmente a não tomam.

Daí que um projecto que já é antigo - , de publicar alguns textos construidos em sessões de alfabetização, naturalmente pelo punho daqueles que nelas participam, - caísse aqui "às mil maravilhas". Nomeadamente os textos que se referem a estas coisas da cultura. da política cultural e da vida do dia-a-dia.

Estes textos estão prometidos pela Associação de Alfabetização "Semear para Unir", não nos tendo chegado em tempo útil para publicação. O mesmo aconteceu com o artigo de Maria de Lurdes Pintassilgo, e o de Carlos Fragateiro sobre o teatro. Esperamos incluir no próximo número estes trabalhos.

Outros temas completam este dossier. O domínio das Artes Plásticas tratado por José Luis Porfirio e a Política de Juventude por Luís Mart... O resto fica para o próximo número. . .

L.M.

que política cultural

Por António Reis

Há muito que não se assiste a uma tão clara adequação entre a política cultural dum governo e a sua filosofia política geral. Triste honra lhe caiba, o actual Secretário de Estado da Cultura tem sido um fiel intérprete, no seu domínio próprio, de todo um sistema de valores, interesse de classe e concepção de um exercício do poder que vem caracterizando a lamentável experiência governativa em curso.

Assim, poderiamos definir a política do governo AD por uma série de traços destintivos que assumira na área cultural uma nitidez e relevo quase caricaturais.

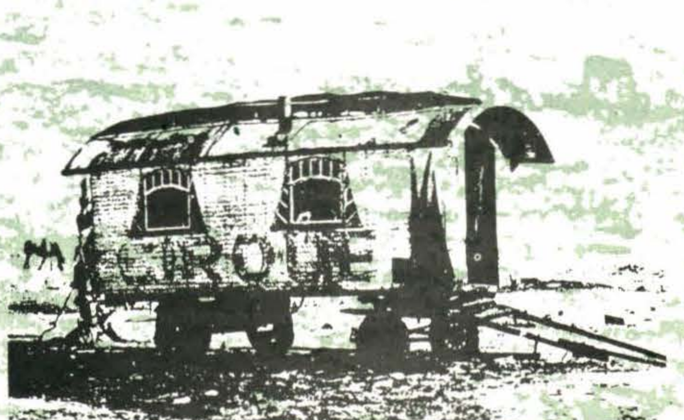
Assinalemos, antes de mais, o **autoritarismo tacanho** que tem marcado todo um estilo e método de actuação pautado pela divisa do "posso, quero e mando". A forma como foi extinta a Companhia de Teatro Popular, a proibição do espectáculo de "OS CÓMICOS" no Museu Nacional de Arte Antiga, os processos utilizados na tomada de decisões que afectam as condições de actividade dos criadores e artistas deste País, a permanente tentação censória, comum e muitos responsáveis de orgãos de Comunicação Social estatizados - também eles corresponsáveis por uma política Cultural em sentido amplo, não o esqueçamos -, a incapacidade de assumir um comportamento dialogante, eis outros tantos exemplos deste autoritarismo tacanho, assumido como auautêntica filosofia de vida por todo um governo e exercitado com particular acinte e prazer pelo seu Secretário de Estado da Cultura. Acrescentemos a este traço característico o elemento **vedetista** e teremos completo o retrato exterior de uma política cultural, cuja filosofia nuclear procuraremos definir posteriormente. Com efeito, foi-se tornando motivo de divertimento e por vezes mesmo chacota pública, o tom espectácular e até lúdico que Vasco Pulido Valente empresta à sua actuação, composta de avanços e recuos inesperados, afirmações bombásticas e promessas miríficas. Os exemplos surgem quase semanalmente e os leitores da "Intervenção" têm boa memória, até porque alguns terão sentido na sua actividade profissional os seus efeitos. . .

Entretanto já no "retrato interior" desta política cultural, ressalta desde logo à partida um elemento de **confusão** que contradiz as pomposas declarações de intenção no sentido de que finalmente iriam ser definidas políticas globais e sectoriais claras e coerentes. A par de algumas medidas legislativas de sinal positivo - que, na maior parte dos casos aliás se limitaram à publicação de projectos de diplomas elaborados por governos anteriores - , e de alguma liberdade de actuação deixada aos serviços da SEC, surgiram em catadupa medidas descricionárias que revelaram uma orientação de fundo pautada por uma atitude **elitista, dirigista e imobilista**. Assim, a política de defesa do património, tão propagandeada, tem-se soldado em pouco mais de meia dúzia de actos de fachada que não escondem uma visão eminentemente conservadora, passadista e ornamental de um património que gostariamos de ver inserido numa política de acção cultural, viva e criativa. Quanto ao apoio à criação, difusão e animação cultural, sempre que o SEC intervêm é para levantar barreiras, impôr baias, condicionar, em última análise, dirigir centralísticamente numa perspectiva estatista e oficializante da vida cultural, como ficou patente no triste episódio ocorrido com os Centros Culturais Regionais. O imobilismo é obviamente a consequência inevitável do elitismo e dirigismos conjugados.

Qual o estímulo para os criadores, artistas e animadores duma tal política? Pretender-se-à que todos adoptem a irónica máxima Degas — "Il faut rendre l'artiste misérable?"

É urgente, pois contrapôr a esta política a sua alternativa democrática. Ou seja: uma política cultural pluralista e descentralizada, incentivadora de uma cultura criativa e participada, empenhada na inovação do futuro e na valoração criativa do passado, inserida numa filosofia de governo para quem o desenvolvimento cultural seja ao mesmo tempo a base e a finalidade última da sua acção.

Lisboa, 2 de Setembro de 1980



a cultura é importante

por Helena Cidade Moura

A política contra-cultural do Governo AD é campo de reflexão pedagogicamente rico, em factos e em métodos. Este Governo, sempre acompanhado da sua maioria parlamentar, cuja acção ficará na história da democracia portuguesa como uma mancha escura de aviltamento, desde o seu início, tomou o estatuto de hostil indiferença perante a realidade que o rodeava.

A actividade crítica, a participação responsabilizada, a análise dos objectivos, a coerência dos planos, o exercício da democracia, tudo era pérfido ritual directa ou encapotadamente inspirado por Karl Marx.

O Secretário de Estado da Cultura foi, ao nível do quotidiano, o sacerdote supremo do exorcismo necessário à quebra deste ritual e dos seus maléficos efeitos. **A cultura é importante!**

D. Quixote engravatado, bem alimentado e bem montado lançou-se, sem ideias, mas com igual irrealismo, contra aquele universo nefasto que ele próprio definiu ao Diário de Notícias, como composto de agentes culturais que "pertencem todos à burguesia urbana e assumem, na sua maioria posições/política-ideológicas marxistas. Ao falar de marxismo (explica) reporto-me não à ciência, às suas atribuições irrefutáveis que fazem parte duma cultura mínima, mas à ideologia da Revolução que derivou do marxismo, ao finalismo histórico subjacente, em termos de estudo e de partido."

"A competência desses agentes culturais (continua) é muito baixa ao nível de escritores, artistas, professores universitários, embora o conteúdo da mensagem seja muito elevado, no aspecto programático"...

O Secretário de Estado Pulido Valente, que preza a sua condição de intelectual - e que acredita, como vimos, que a incompetência pode gerar **mensagens de conteúdo programático muito elevado**, não se atreve a desprezar Marx, mas o Marx que ele tem lá em casa, encadernado na prateleira e que ele não quer ver nas mãos da ralé estúpida, dos **escritores, artistas, professores universitários** e todos os "que (citamos de novo) tomaram conta prepotentemente, descricionariamente, da cultura, da Universidade e da Comunicação Social".

Em breve, todos os que foram atingidos não pelas palavras, demasiado tontas, mas pelos actos do Secretário de Estado da AD esquecerão o peso das suas prepotências e do seu comportamento de **bobo da corte.**

Pulido Valente hoje já deve ter a noção de ter entrado, no palco errado, com o traje errado e representado para os espectadores errados, mas a extrema superficialidade com que sente o mundo que o rodeia e a leviandade com que nele se projecta lhe inspirarão certamente o cenário futuro em que vai continuar a sua representação. Pode ser que um dia acerte. Seria desejável.

Agora está já terminada a história dum Secretário de Estado da Cultura que foi para o Governo da AD para investir contra a cultura, com a sua boa **cultura-asfixiante** na algibeira, pronto a fornecê-la em decretos, inaugurações, cocktails, actos de malcriação e prepotência, com os pés em cima da mesa e o grandioso espelho do seu narcisismo e da sua mediocridade a segredar-lhe: ÉS O MAIOR.

A cultura é imortal. O fenómeno cultural é um dado social difícil de definir, que a sociedade vai fabricando na sua teia de inter-acções, que vai lentamente tomando expressão e força à medida que se vão tornando mais definidas e mais profundas as raízes que lhe dão origem.

Esse fenómeno global que se vive, que se respira, ao mesmo tempo que se constroi, é captável de imediato, por aqueles que - e foi o caso do Governo AD - vem munidos de contra-valores sociais, dispostos, de alicate e tesoura, à mudança, como quem tira um dente ou extrai um abcesso.

A fúria destrutiva da AD chamou à reflexão e à unidade todos os que, independentemente de filiações partidárias, ou posições ideológicas, vivem uma cultura válida, isto é democrática, lutam pelo prestígio das instituições onde trabalham e defendem a dignidade profissional. **A cultura é importante.**

A destruição programada dos centros regionais de cultura levou o governo AD a regulamentar o Decreto-Lei onde se procura incentivar a participação das populações na vida cultural através duma progressiva política de descentralização, de forma a que da Secretaria de Estado emanassem as directrizes, fingindo desconhecer que a descentralização só seria viável se as linhas de acção e os objectivos desses centros tivessem sido neles préviamente debatidos e proviessem da vida local.

Como se isto não bastasse, foram cortados subsídios a grupos de teatro e centros culturais.

Também, sistematicamente, e pelo seguimento da mesma linha política as instituições foram esvaziadas da iniciativa e capacidade de intervenção e os seus técnicos sistematicamente ultrapassados e tratados como inexistentes.

Foi dada projecção pública a inaugurações de museus, sem possibilidades de existência, fez-se uma exposição do Património Cultural, ao mesmo tempo que a sua salva-guarda, o seu restauro, a sua conservação foram totalmente desprezadas.

Aquilo que alguém (não marxista!) chamou a **política de neo-fachadismo** do Secretário de Estado da Cultura processou-se nestes três grandes sectores: descolar a cultura da sua raiz popular; diminuir o peso das instituições pelo desprestigio dos seus técnicos, pela censura e pela prepotência; criar falsas acções culturais incensórias da personalidade Governamental, procurando deslocar o campo da actividade cultural do país real para os salões e gabinetes.

Foi esta a grande lição da política contra-cultura do Governo AD que nós já conheciamos dum passado recente, mas que nos serviu para refrescar a memória.

De facto, a **cultura é importante.**

artes plásticas política cultural?

Por José Luis Porfírio

Falar, em meia dúzia de linhas, da (de?) política cultural no domínio das Artes Plásticas? Mas qual política?

1) A que temos? (Será que temos mesmo?)

2) A que gostaríamos que tivessemos? (Do óptimo que é, cada vez mais, inimigo do bom?)

3) Daquelas medidas simples, imediatamente realizáveis, que se não vêem, que *nunca* se viram tomar sem que se saiba porquê?

A 1) respondo que desconheço. As prioridades vão, agora ao património moribundo e são, no abstracto, justas. Teria também que se ir pensando o que o património são também as pessoas vivas, que são, certamente, os artistas plásticos, pesem embora individualismo e narcisismo próprios do meio.

A 2), o ideal, não respondereil Tratar-se-ia apenas de um exercício de estílo ou de escola que a ninguém aproveita e redunda, sempre, em perda de tempo.

A 3) sim, me apetece responder com uma pequena listagem de coisas já muito conhecidas

Assim começarei com 2 perguntas e concluirei com um problema sobre uma instituição fundamental, neste campo, e que muita falta faz a este país.

- Porque não se define uma política de compra e encomendas com artistas vivos, não só dos organismos responsáveis pela cultura (SEC), como de todo o Estado? Ministérios e Embaixadas poderiam assim deixar de recorrer a objectos de património ajudando a produzir/consumir obras que o poderiam vir a integrar. (Não deve ser por acaso que, por exemplo, a residência do Embaixador dos USA em Lisboa está repleta com obras de jovens pintores Americanos desconhecidos.

- Por outro lado porque não se mostram as peças que, mais ou menos sistematicamente a SEC lá vai comprando?

- Porque se não criam facilidades alfandegárias para aqueles materiais de trabalho dos plásticos que têm que ser importados? Este é, por exemplo, uma conversa que dura e se agrava desde o 25 de Abril e que nunca vi resolvida. - Na parte que a mim, pessoalmente me toca, os meus materiais de trabalho (livros, revistas e catálogos) a coisa está tão feia, que os ditos materiais já nem aparecem no mercado nacional.

A instituição que mencionei atrás e que poderia/deveria ser criadora de um público, que não existe ou é diminuto, para os nossos artistas plásticos é o museu de Arte Moderna. Este é um problema fundamental mesmo se pusermos momentaneamente, de lado a discussão do que seria um museu do modernismo (português) em Portugal.

Gostaria pois de avançar 5 pontos que podem, quanto a mim, constituir um texto negativo ou positivo para uma política cultural nesse domínio:

A - A transformação do Museu de Arte Contemporanea (de Lisboa) no que ele realmente é (Museu de Artes Plásticas do séc. XIX).

B - A capacidade de desenvolver a acção da "Galeria de Belém transformando-a no embrião de um Museu-Oficina de Arte Contemporanea.

C) Na capacidade de fazer seguir avante, nos seus aspectos criativos e não apenas "patrimoniais" o Museu Nacional de Arte Moderna do Porto.

D) Na capacidade de colaboraçãoactiva com o futuro Centro de Arte Contemporanea da Fundação Calouste Gulbenkian (instituição que continua a ser o principal apoio e mecenas dos artistas vivos do nosso país).

E) Na capacidade de apoiar regionalmente os centros trans/formadoresde mentalidade e do gosto.

Lisboa, Agosto 80

aqueles que imaginam
que todos os frutos
amadurecem ao mesmo tempo
como as cerejas
é porque nada sabem
acerca das uvas

PARACELSO

por uma política de juventude ou à descoberta da juventude portuguesa

Por luis Martins

"A POLÍTICA DE JUVENTUDE, DEVERÁ TER COMO OBJECTIVOS PRIORITÁRIOS O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DOS JÓVENS, O GOSTO PELA CRIAÇÃO LIVRE E O SENTIDO DE SERVIÇO À COMUNIDADE".

DA "CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA" (EM VIGOR). ARTIGO 70.2

Este artigo é uma aproximação do índice de um projecto de trabalho em equipe, subordinado ao tema geral "Da Juventude que temos ao futuro que queremos".

OS HOMENS DO AMANHÃ, OS HOMENS DO FUTURO, OS NOSSOS JOVENS, É COMO ÀS VEZES *LHES* CHAMAM NOS DISCURSOS, NAS CERIMÓNIAS OFICIAIS, NAS CAMPANHAS ELEITORAIS.

MAS QUEM SÃO ELES?

SABE-SE QUE ESPERAM PELO AMANHÃ.

NÃO SE SABE BEM, É O QUE É QUE, OS ESPERA AMANHÃ. . .

MAS QUEM SÃO?

SÃO CALMOS, APÁTICOS E SENSABORÕES QUE PAIRAM POR AÍ, OU SÃO OS QUE NAQUELES ESPECTÁCULO DE ROCK GRITAM DE TAL MODO QUE NOS FAZ ADIVINHAR-LHES, DENTRO DO PEITO, UMA FORÇA INUSITADA, CAPAZ DE PARTIR *TUDO*. . .?

QUEM SÃO OS HOMENS DE AMANHÃ, QUE NECESSIDADES TÊM, QUE ASPIRAÇÕES, QUAIS OS SEUS VALORES E OS SEUS SONHOS? . . .

O 3.º MUNDO DAS GERAÇÕES OU "IMPÉRIO DENTRO DE UM IMPÉRIO", COMO ALGUÉM JÁ LHES CHAMOU?

QUEM SÃO?

IRREVERENTES, SUBVERSIVOS, MEIA DÚZIA DE AGITADORES MALCRIADOS, OU APÁTICOS E DESINTERESSADOS. . .?

"JUVENTUDE GENEROSA" OU INDIVÍDUOS QUE DIZEM "ESTOU-ME NAS TINTAS PARA ISTO TUDO (DE QUE HÁ VÁRIAS VERSÕES) . . .?

SÃO OS QUE NOS ANOS 60, NAS UNIVERSIDADES, CONTESTARAM O REGIME FASCISTA. . . E, AINDA COM MAIS VIGOR, O FIZERAM NO CONSULADO MARCELISTA, OU OS QUE, DEPOIS DAS "LIBERDADES RECONQUISTADAS", VOTAM LISTAS MIRN NAS ESCOLAS?

QUEM SÃO OS HOMENS DO AMANHÃ?

SÃO OS MILHARES QUE *HOJE* NÃO CABEM NOS "NÚMEROS CLAUSUS" OU SÃO OS MILHARES QUE *HOJE* NÃO CONSEGUEM O PRIMEIRO EMPREGO?

SÃO OS MILHARES QUE *HOJE* SE DROGAM OU OS MILHÕES QUE *HOJE* SENTEM NA PELE O QUEIMAR DUM QUOTIDIANO QUE TEIMA EM NÃO RESPEITAR O SONHO, A ESPERANÇA E A VIDA. . .?

MAS, APESAR DE TUDO, ELES TEIMAM. . . E SONHAM, . . . E RIEM, . . . E SOFREM, . . . E CHORAM, . . . E AMAM, . . . *HOJE!*

CIDADÃOS DO AMANHÃ? . . . E HOJE? . . .

Definir uma política de juventude num País em que os indivíduos compreendidos no escalão etário até aos 24 anos, constituem 44% da população total residente (1), (26% se considerarmos o escalão etário dos 10 aos 24 anos), deveria ser, só por si, um imperativo, se outro não houvesse de natureza constitucional.

É certo que definir uma política de juventude é fundamentalmente investir no futuro, ou melhor *num* futuro, e isto tem a ver com o projecto social, económico, político e cultural, que se pretende ver realizado no nosso País.

No entanto é claro que a acção que hoje for desenvolvida junto da juventude não só avaliza esse projecto como condiciona e o define desde já. É esta política hoje, que nos faz acreditar na verdade e viabilidade da concretização dum qualquer projecto social. E isto não parece muito abonatório para todos os governos que se sucederam ao 25 de Abril

(e nomeadamente aqueles que se diziam portadores de projectos de sociedade).

Com efeito, nenhum deles soube, ou foi capaz de delinear uma política capaz de minimamente responder aos anseios e aspirações da juventude, por uma prática que afastasse o espectro do modelo de vida importado e despersonalizado do jovem apático, política-socialmente falando (15), em que a droga e delinquência são alguns dos contornos secundários.

E digo secundários porque o que interessa desenvolver não é prioritariamente uma política "curativa" de repressão/recuperação dos casos mais flagrantes; é necessário, sim, saber proporcionar à juventude do nosso País, a quota parte da sua responsabilidade na construção hoje de um País em cujo futuro eles serão determinantes.

Com efeito, uma política de juventude tem de ser perspectivada para o indivíduo/jovem todo, isto é, tendo em conta todas as suas necessidades e características, quer aquelas que advierem da sua situação de indivíduo jovem e como tal à procura duma identidade própria e de uma individualidade social (manifestada quer na procura do primeiro emprego ou de habitação, no desejo de constituir família, seja nas necessidades culturais, educativas e desportivas, etc.) quer as características que adveem de ser um indivíduo concreto localizado geográfica, social e culturalmente, dados estes mais ou menos por si assumidos, e, por consequência, mais ou menos integrado/desenraizado no seu meio.

Daí que, se a política de juventude só pode ser entendida enquanto projecto cultural, ela traduz-se por uma política de educação, por uma política de saúde, com a questão do primeiro emprego, por uma política desportiva e de infraestruturas de apoio à juventude (casas e pousadas de juventude, ginásios, centros culturais, etc.).

Mas, dito isto assim, parece que uma política de juventude pode ser um amontoado de coisas mais ou menos desconexas, sem um planeamento cuidadoso e criterioso. Com efeito, é necessário saber que os grandes objectivos gerais da Política de Juventude estão definidos constitucionalmente. É necessário pois, que, de acordo com esses princípios gerais e com um conhecimento da juventude, que concretamente temos, fazer um planeamento sistemático que seja capaz de proporcionar as condições para "o desenvolvimento da personalidade dos jovens, o gosto pela criação livre e o sentido de serviço à comunidade".

Este objectivo trifacetado é aliás exemplar para uma política de Juventude. Com efeito, a socialização e o desenvolvimento do sentido crítico do jovem, o adquirir critérios de análise da realidade numa prática fecunda social e física com o meio envolvente, são objectivos lapidares para uma prática/política juvenil capaz de alicerçar hoje um futuro diferente e conscientemente assumido.

"JUVENTUDE... O QUE É ?...

Temos vindo a falar de Juventude e, contudo, um problema que se põe é saber delimitar ou definir o que é a Juventude enquanto grupo social e, por tal, enquanto objecto de estudo e referência.

Poder-se-à dizer que é o grupo constituido pelos indivíduos compreendidos em determinado escalão etário (como previamente fizemos no início deste artigo) ?

A idade, só por si, qualifica determinantemente a qualidade de um grupo social. Ou, por outras palavras, um jovem de 23 anos, que trabalha desde os 14, é "tão jovem" quanto outro da mesma idade que não precisou até à data de o fazer... E aquela jovem com filhos, que trabalha de manhã à noite, é "tão jovem" quanto aquela menina "delicada", com a mesma idade, de blue-jeans, que lhe passa ao lado com aquela graciosidade feminina e quasi infantil ? Isto, por outras palavras, a idade é um dado suficientemente forte" para poder qualificar na nossa sociedade um grupo social dum modo, ainda que relativamente, homogéneo?

E, poderiamos continuar. O jovem que vive num bairro de lata e aquele que vive na vivenda em frente, etc., etc.. Adivinha-se que passa entre eles uma linha de demarcação que os afasta mais, do que a eventual aproximação que a idade poderia proporcionar. Linha de demarcação porventura fundamental a não fazer, contudo, esquecer outras que o são menos. O jovem rural e o do grande agregado populacional, por exemplo...

É que, quando falamos em juventude, não estará no nosso sub-consciente (ou ideologia?) um modelo de jovem "por acaso" coincidente com o indivíduo de aspecto juvenil despreocupado/desocupado, oriundo da burguesia citadina, simpático e sensaborão, insípido, infantilizado e estudante ?...

Isto tudo a avisar que não se deve pensar a juventude como um grupo homogeneo e a adivinhar que as acções junto (para com) a juventude não podem ser uniformes. É que há jovens, e jovens...

SIMULACRO E METODOLOGIA POR UMA DESCOBERTA TEÓRICA (PLURIDISCIPLINAR) E EMPIRICA E VIVENCIAL.

Se a juventude não é em si uma entidade homogénea, é claro que hoje representa uma realidade importante, que tem vindo, aliás, a tomar progressivamente expressão social, após a Revolução Industrial. A "Juventude" é uma invenção recente, contemporanea ao advento das dinastias burguesas" (Henri Lefebvre - cit, 16).

Com efeito, foi a partir daí que o acesso ao estatuto de adulto se tornou mais demorado e aleatório. Quer pela necessidade de um maior espaço de tempo para apetrechar cultural e tecnicamente o futuro adulto, quer pela própria alteração da função económica da família, que perdeu o seu carácter de célula base económica e produtiva nuclearizando-se (o que até aí implicava grandes agregados familiares, em que todos os seus elementos, desde tenra idade, colaboravam nas actividades produtivas - agrícolas e ou artesanais -, deixou progressivamente de existir). A Juventude, pois, mais que uma realidade biológica é uma realidade social e localizada historicamente. (Há sociedades que não conhecem este estádio (13).

Mas, voltando um pouco atrás, tentemos uma abordagem metodológica.

O estudo deste grupo, ou movimento social - a Juventude - deverá situar-se em dois níveis distintos e profundamente interligados:

1) - Um nível que aponte: a) - para a delimitação deste grupo social, isto é, que responda à questão, o que é a Juventude enquanto realidade social, o que é que a justifica enquanto grupo ou movimento, que objectivos, características, etc.; b) - um estudo pluridisciplinar desta realidade, tentando uma abordagem que integre diferentes ciências (sociologia, antropologia, psicologia, etnologia e outras) e articulando-a ainda com outras questões mais concretas, que de um modo ou outro se colocam no "espaço" da Juventude - a droga, o primeiro emprego, a delinquência, a influência dos média, etc. -

Ou se se preferir, contribuindo para uma teoria global capaz de integrar e ultrapassar dialecticamente os contributos que as variadas ciências têm dado para a análise da problemática da Juventude e encontrando uma metodologia única de análise, capaz de, com eficácia, substituir a manta de retalhos de que muitas vezes são acusadas as análises pluridisciplinares.

Trata-se de, aproveitando as contribuições teóricas dos

diferentes autores e diferentes perspectivas/ciências de análise, aprofundar esse conhecimento numa articulação profunda (quási diria intrínseca) e dialéctica com um outro nível, a saber:

2) - O conhecimento empírico, directo e vivencial da Juventude Portuguesa, como se distribue geograficamente, o que faz, quais os seus anseios e necessidades, o seu modo de vida, as suas aspirações, os seus valores, etc. etc....

Trata-se de uma investigação que tenha por objectivo o conhecimento concreto da Juventude que temos, isto é, do capital humano de que o País dispõe. E, se o que um País tem de mais rico é o seu povo, é na sua Juventude que se concentram as esperanças, o desejo e a certeza dum futuro diferente.

3) - E o resto...

Claro que depois falta o resto, isto é, instrumentos institucionais e vontade política da concretização do preceito cosntitucional, ou seja uma política de Juventude capaz de proporcionar o desenvolvimento da personalidade dos jovens com e num sentido de serviço à comunidade.

Mas, isso é outra história, já lá iremos.

UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA PLURIDISCIPLINAR

Variadas são as contribuições de diferentes autores na delimitação ou interpretação desta realidade social e historicamente localizada, que é a Juventude.

Manheim (citado por 12) recorre ao conceito de geração. No entanto, este conceito não pode entender-se reduzido a uma simples definição da categoria de idade. O conceito sociológico de geração, procuraria traduzir a existência de um conjunto de indivíduos que, pelo facto de terem nascido numa dada época, têm uma certa identificação na visão do Mundo, de acordo com o enquadramento social e histórico dessa época. É este enquadramento histórico que condiciona esses indivíduos, limitando-os a um determinado número de experiências possíveis e, como tal, a maneiras de pensar e agir.

Este conceito não procura substituir-se a uma análise de classes sociais, pretende antes enriquecer a leitura do social.

Sedas Nunes (2), num estudo com já doze anos, recorre também a este conceito, reconhecendo que a Juventude tende a dar origem a uma realidade sociológica específica, cujo conhecimento é de grande importância para a análise das estruturas da sociedade, da cultura e do funcionamento e evolução dos sistemas sócio-culturais. Depois de diferençar o conceito de geração biológica e demográfica, das gerações sociais, define estas últimas do seguinte modo:

1) - Um grupo, ou mais provavelmente um quási grupo (este, ao contrário daquele, não é estruturado e não há portanto, estatutos ou papeis diferenciados estáveis) constituidos por indivíduos cujas idades se situam num intervalo relativamente estrito;

2) - Para além disto estes indivíduos devem ter um sentimento comum de se encontrarem colectivamente em presença na sociedade de outros grupos (mais velhos, mais novos) e ainda

3) - Haver diferenças significativas face a esses grupos nas referências sociais e culturais, valores, interesses, projectos,

No entanto, Charvat e Maydl (in 4 C) tentam um conceito mais cabal de Juventude, entendendo-a como um estádio essencial do ciclo de reprodução do desenvolvimento social das classes e dos grupos sociais e de reprodução dos mecanismos económicos, políticos, ideológicos e culturais da sociedade em questão

O estatuto da Juventude não seria, assim, determinado pelo facto de ser constituido por indivíduos dum certo grupo de idades, mas porque ela absorve as qualidades globais da sociedade e do seu desenvolvimento.

Os jovens representariam o "elemento mais sensível" ao desenvolvimento social e, como tal, reflectir-se-ia neles, quer certos germes do futuro (prática da fraternidade e do sentido da vida e da natureza, a não violência, etc.), como igualmente os indícios da decadência social (violência, crime, etc.) e, em qualquer caso, atitudes sempre assumidas com força e quase, diríamos, extremadas.

Em resumo, a Juventude definir-se-á como uma antecâmara, com uma função de reprodução social.

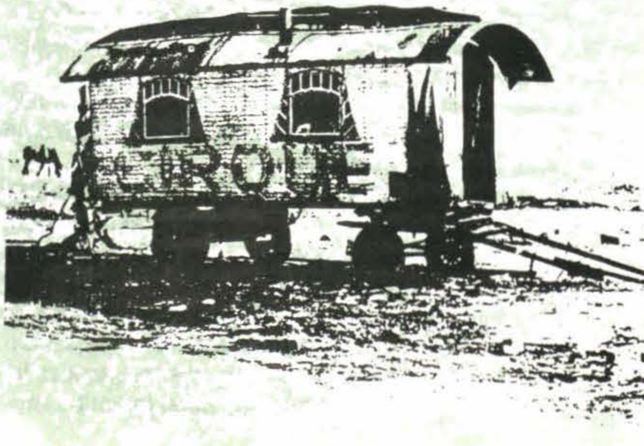
A transição entre gerações é o mecanismo pelo qual uma sociedade assegura a transição necessária da sua herança cultural e, ao mesmo tempo, a reprodução social e auto-regeneração dos movimentos sociais.

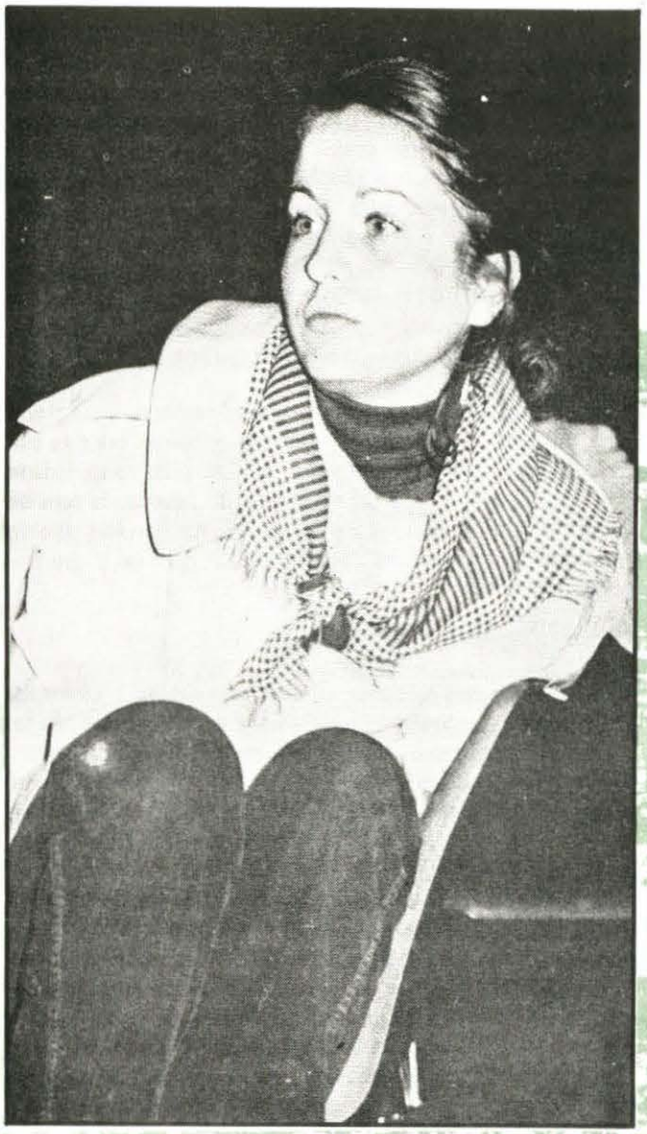
É claro que a classe juvenil nem sempre existiu e Morin (7) e Moscovici (13) mostram-no, ao tentar explicar a evolução da espécie humana. O que não quer dizer que o desenvolvimento da Juventude não tenha marcado decisivamente o curso da "hominização". Se o aumento da duração biológica da adolescência vai favorecer a espécie homo-sapiens, o contexto social não favorece, contudo, a constituição duma classe juvenil. As crianças mantém-se até ao início da adolescência, na órbita maternal e, no fim da adolescência já no universo dos adultos.

O "rito de iniciação" (só para os rapazes entre os 10 e 14 anos) traduz a passagem do estado infantil ao estado adulto. Iniciação que significa uma morte e, simultaneamente, um renascimento, "pois as crianças tornam-se filhos dos seus pais" (Moscovici), o que quer dizer, que se integram na classe adulta, ascendendo assim a um novo estatuto social, a um novo nome e a uma nova personalidade.

Passar ao estado adulto é, pois, sair do universo maternal. "O fim de todos os ritos de iniciação é separar os filhos das mães e integrá-los na sociedade dos pais" (Moscovici). A iniciação divide assim em duas partes a continuidade biológica da adolescência, impedindo a constituição de uma classe juvenil. Mas as virtudes juvenis mantém-se vivas e em progressão na sociedade.

A juvenilização é um fenómeno antropológico e "corresponde a um retardamento ontogenético, isto é, ao prolongamento do período biológico na infância e da adolescência e, mesmo, a uma falta de acabamento na substituição das características juvenis pelas adultas. O prolongamento da infância permite a continuação do desenvolvimento organizacional do cérebro em relação estreita e complementar com os estímulos do mundo exterior e com incitações culturais, o que quer dizer que a **lentidão do desenvolvimento ontogenético á favorável à aptidão para aprender, ao desenvolvimento intelectual, à impregnação e, portanto, à transmissão cultural (Dobzhansky cit. MORIN).**





Assim, parece poder-se afirmar que este prolongamento da infância (maior no homem do que em qualquer outro ser vivo) lhe vem dar uma superioridade manifesta. Quer porque permite integrar as estruturas socio-culturais fundamentais nos comportamentos individuais (isto é, permite transmitir uma maior e mais complexa herança cultural às gerações vindouras), quer porque permite que as características juvenis se integrem no todo social. A "juvenilização contribui para fazer penetrar ao mesmo tempo o universo adulto na juvenilidade, e a juvenilidade no universo adulto" (7). Isto é, por um lado a sociedade beneficia directamente das inovações e das descobertas juvenis e, por outro, conservam-se cada vez mais na idade adulta vários traços da adolescência, como o gosto pela brincadeira, o gosto pela novidade, a aptidão inventiva e a persistência de uma afectividade infantil extremamente rica e fecunda.

Os hominideos (que precedem o homo-sapiens) jovens, brincam, exploram, são atraidos pela novidade. Assimilando o saber e o saber-fazer dos adultos, podem introduzir modificações, aperfeiçoamentos, inovações. Foram provavelmente eles que, ao brincar com o silex, e com os sons, acenderam o fogo e inventaram a palavra (Morin). Os jovens são "integrados", "recuperados", mas as suas virtudes, que eram marginais nos antropóides, irrigam a sociedade. (Os antropóides - 10 milhões de anos - precederam os Hominideos - 4 milhões de anos - que, por sua vez, precederam o homo-sapiens - 100.000 a 50.000 anos) - (MORIN).

Morin dá um exemplo significativo: - um grupo de macacos, que vivia na orla da floresta, alimentava-se de tubérculos, que limpava com a mão, depois de os desenterrar. Um jovem aproximou-se da costa e deixou cair um tubérculo ao mar. Verificou que, assim não só era desnecessária a impeza manual como trazia ainda a vantagem de temperar o fruto. Continuou, daí por diante, a fazê-lo, no que foi imitado pelos outros jovens, mas não pelos adultos. O hábito espalhou-se no decurso da geração seguinte, alargando-se, assim, o espaço social do grupo, que passou a incluir a beira mar, de que resultou a integração de pequenos crustáceos e mariscos na sua alimentação. O "embrião" de "cultura" desta sociedade, isto é, as práticas e conhecimento de carácter não inato, encontrou-se assim enriquecido.

Por outro lado, como dissemos, a infância e juventude permite a reprodução do capital cultural e do modelo social vigente. A cultura de uma dada sociedade deve ser transmitida, ensinada, aprendida e reproduzida em cada novo indivíduo, no seu período de aprendizagem, para as poder autoperpetuar e para perpetuar a complexidade social.

A infância e juventude teriam assim uma função de continuidade, tal como há pouco a tinham de ruptura.

E é neste binómio, simultaneamente de polos opostos e complementares e a relacionarem-se dislecticamente, que se vai fazendo o percurso de hominização.

E é devido a este facto que o "reino do sapiens" corresponde a um aumento maciço do erro no seio do sistema vivo.

Ao contrário das outras espécies animais, em que cada geração reproduz quase fielmente a herança cultural dos seus antepassados e consequencial, é pouco significativa a inovação e o erro, no homo-sapiens na sua vocação de ruptura, tentando sempre inovar e ultrapassar a sua herança cultural, o conhecimento do que o envolve e de si proprio, trás indossoluvelmente ligado à sua genealidade um aumento maciço do erro no seio do sistema vivo!

A incerteza das relações entre o ambiente e o espírito, entre o sujeito e o objecto, entre o real e o imaginário, é a fonte permanente de erros sapientais. O erro grassa na relação do sapiens com o ambiente, na sua relação consigo proprio, com os outros, na relação de grupo a grupo e de sociedade a sociedade.

A multiplicação dos erros e a proliferação da desordem, longe de terem constituido desvantagens para o homo-sapiens estão muito pelo contrário ligados aos seus prodigiosos desenvolvimentos. A verdade humana comporta o erro. A ordem humana comporta a desordem. Eis o génio da espécie. (7)

A juvenilidade aparece assim como carisma da humanização. E tal humanização está longe de se completar nos nossos dias e, mais do que isso, apresenta-se como uma profunda necessidade cultural do nosso desenvolvimento contemporaneo. O inacabamento cerebral do homem permite-lhe que, mesmo após o período de infância e juventude, seja capaz de continuar a aprender, a adquirir novas estratégias, a adaptar-se a novas situações, a novos "saber-fazer".

É esta plasticidade mental e caracterial que lhe permite responder às solicitações do mundo contemporaneo.

Apaixonante e fecunda a perspectiva de Morin e Moscovici a tornar-se imprescindível para quem quer perceber o papel da Juventude hoje e não se contenta com afirmações que os jovens são "mauzinhos" porque têm "mau ambiente familiar"... (e a demissão, ("em boa consciência") que esta afirmação provoca em professores e educadores; estão, aliás, por contabilizar os estragos que esta afirmação tem produzido).

É fundamental, pois, perceber os significado dos comportamentos "descabidos", "irreverentes", "passivos", "revolucionários", do tudo ou nada. É que a Juventude assume, com força, a herança antropológica da inovação e do êrro, da procura de novos caminhos, de ruptura, portanto, com os modelos de vida desta sociedade.

É o MIRN quando a esquerda está no poder, era a esquerda quando o fascismo imperava, era a prática da fraternidade, da não violência, das experiências comunitárias quando as bombas de napalm caíam no Vietnam; livres das obrigações produtivas e logo da "estabilidade" social, a Juventude procura, contesta, erra, acerta, inova...

O que é para todos nós, uma garantia de vida. Hoje e no futuro.

DO INACABAMENTO DO HOMEM, À DESCOBERTA DA JUVENTUDE PORTUGUESA

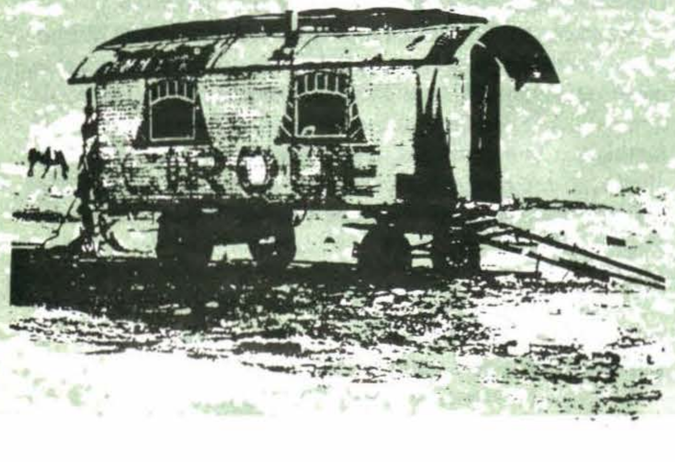
Georges Lapassade vem também em trabalho distinto e anterior aos de Morin e de Moscovici sublinhar o inacabamento do ser humano e consequentemente a inexistência do estado adulto na espécie humana. O conceito de adulto tem fundamentalmente não uma conotação física ou psicológica mas política, de poder e dominação, de responsabilidade social. O homem nunca alcança o seu estado final e acabado, Lapassade chama por isso ao estado adulto um mito - o mito do adulto - "o que é necessário pôr em questão e finalmente recusar é a ideia de um acabamento do homem. Creio que o homem é do ponto de vista biológico, psicológico social um ser definitivamente inacabado. O progresso consiste não em procurar atingir um acabamento mas sim instalar-se no inacabamento" (6).

No entanto este inacabamento longe de ser prejudicial para o homem é-lhe vantajoso e "torna-se uma necessidade no mundo marcado pela subversão permanente das técnicas o que implica uma educação igualmente permanente" (5).

Quanto à adolescência e à juventude "são os anos de aprendizagem que substituem na sociedade moderna a iniciação" (5). E como estamos numa sociedade classista o estado juvenil permite a preparação e a progressiva inserção do indivíduo nas estruturas sociais e mais precisamente na sua classe social. Se esta inserção começa a ser uma realidade à nascença, consoante se nasce filho de operário ou de administrador, ela vai tomando progressiva concretização ao longo das diferentes fases da vida, e é na juventude que a nível ideológico e cultural se vão moldando as aspirações e a consciência do "papel social" do futuro "adulto".

A entrada do jovem na profissão, a sua participação na actividade produtiva define por fim, e de uma maneira clara a sua classe social. Lapassade sublinha o papel da juventude como o papel da juventude como antecâmara da responsabilidade social.

Desta rápida panorâmica a salpicar meia dúzia de autores fica-nos contudo a sensação de que a adolescência e a juventude são apesar de tudo, ainda um espaço inóspito nesse último continente que resta conhecer - o homen -.



O autor do Anti-Édipo (30) por exemplo respondendo à questão, o que é a adolescência diz: "É algo que existe na cabeça dos adultos". Os jovens alcançam após a adolescência todas as capacidades físicas e psicológicas capazes de assumirem qualquer responsabilidade social. Contudo eles são deixados numa zona intermédia em que todas as suas potencialidades se encontram "tabicadas" ou são canalizadas para objectivos previamente definidos socialmente.

É portanto a sociedade que cria os seus adolescentes ou como lembra C. A. Dias (3) "quanto mais uma sociedade deixa de ser coerente e possuir uma cosmo-visão unitária, mais ela terá tendência para criar adolescentes".

De tudo isto ficam pelo menos duas certezas. Uma é que uma política de Juventude não pode esquecer estes (e outros) dados sobre a problemática da juventude na sociedade moderna. Outra, é que uma política de Juventude tem de pressupor um conhecimento, tanto quanto possível directo e concreto da juventude a que se dirige, no caso a portuguesa.

AOS JOVENS...A PALAVRA

É por isso que se torna necessário conhecer a juventude portuguesa. Conhecimento a fazer-se em várias frentes. (a) Como se distribuem geograficmante os jovens, qual o seu modo de vida, os seus valores, os seus anseios... (b) A juventude, enquanto movimento social portador de um "discurso".

Qual o seu passado próximo e a evolução do "discurso" juvenil nomeadamente ao longo das décadas de 60 e 70, onde avultam movimentações juvenis estudantis importantes. (c) Analisar hoje os organismos de juventude - as juventudes dos partidos, dos sindicatos, das confederações sindicais, os organismos da juventude católica, as associações de estudantes, etc... O que é que isto significa em Portugal? Que "discurso" estas organizações juvenis veiculam? Têm um discurso próprio? Ou será que são "colonizados" pelo "discurso" das respectivas organizações "adultas"? Em que medida tentam veicular, discutir e contribuir, para a resolução dos problemas da juventude?

É um trabalho que está todo por fazer. São os inquéritos, as entrevistas, as sondagens, o contacto directo com os jovens, as análises das posições e programas das suas organizações, é um mundo a descobrir.

Jean Duvignaud (16) tentou em França descobrir este mundo. No seu livro "La Planéte des Jeunes" dá-nos conta desse trabalho. Na Bélgica (18c) um trabalho semelhante foi efectuado. Na Espanha igualmente.

Temos portanto dados e experiência anterior, que poderíamos utilizar no nosso país. Um pequeno trabalho está a ser ensaiado neste momento pela equipa referida no início deste artigo. É um inquérito que se destinou a 150 jovens dos anos terminais do ensino secundário de Beja, Montemor, Barreiro, Estoril, e Lisboa. As questões andavam à volta de: existência (ou não de) espaços individuais e colectivos para os jovens, o papel da juventude na sociedade portuguesa, crítica às organizações juvenis, a política, as relações afectivas e sexuais entre os jovens, o futuro, a profissão, a cultura, a escola, o consumo, a religião, a droga e por fim uma questão a solicitar o contributo pessoal, para a organização da vida e das relações entre as pessoas numa ilha deserta, onde ele e 30 amigos (rapazes e raparigas) tinham caído por acidente.

Os resultados (logicamente não significativos estatisticamente) são contudo testemunhos a fazer-nos acreditar, que essa ilha tornada maravilha na quase totalidade das 150 respostas, não está longe...

Já se fala dela, já se a anseia profundamente... o que é uma garantia da sua descoberta.

No entanto dar a palavra aos jovens é mais do que isto. É mais do que iniciativas unívocas a dirigirem-se para a juventude. Dar a palavra à juventude é criar um espaço social propício ao desenvolvimento expontâneo das iniciativas juvenis, à tomada da palavra pelos jovens, para dizerem o que sentem e o que querem.

O Ano Internacional da Criança, por exemplo, valeu não tanto pelas iniciativas que os organismos oficiais levaram a cabo, mas pelo "espaço" que foi criado, o que levou a que se multiplicassem por iniciativa popular e por todo o país, as actividades e a preocupação pelos problemas infantis.

É um caminho semelhante que resta percorrer em relação aos jovens. É este espaço social, esta preocupação, esta necessidade, que é preciso criar. Que depois se traduzirá (tal como no AIC) em múltiplas fórmulas.

Sejam (o) um espaço na imprensa regional (b) a criação de publicações juvenis (c) a participação nas emissoras regionais; tivemos na década de 60 a experiência interessante da Rádio Universidade porque não agora repô-la, evidentemente que noutros moldes mais alargada e regionalizada? (d) A participação dos jovens nas autarquias é provavelmente um caminho por onde passará o maior dinamismo das autarquias (e) E porque não os grandes orgãos de comunicação social?...

Enfim mil e uma hipóteses, e não tanto com a preocupação de pôr os jovens a olhar para o umbigo. É que a discussão é o início da resolução dos problemas.

É o ambiente e a sua preservação dinâmica, a defesa igualmente viva do património cultural, a acção cultural, a recolha das tradições populares, são tudo iniciativas que se adivinham "estarem à espera"... mas há muitas outras, isto para dizer que é a sociedade "em si mesma" e em última análise que ganha com a participação dos jovens (é que não se trata de ouvir os rapazinhos). É que uma sociedade em que estratos sociais importantes (de que é exemplo igualmente da terceira idade) estão arredados da participação social, é uma sociedade a precisar de aperfeiçoar a sua prática democrática...

A criar-se o espaço a que vimos referindo teriamos concerteza uma maior integração do jovem no seu meio, assumindo as suas raízes culturais e dando-lhes o dinamismo que é próprio do ser jovem. E é no desenraizamento cultural juvenil que muitas vezes vamos encontrar as causas de certas práticas delinquentes, da droga, etc.

E é por isso que este "espaço" deverá permitir e apoiar também um novo associativo e cooperativismo juvenil.

É que a procura de identidade e afirmação individual e colectiva do jovem, exige um espaço social, físico afectivo, um espaço organizativo de não secundarização.

DA DEFINIÇÃO DE UMA POLITICA... À SUA CONCRETIZAÇÃO

Como temos vindo a tentar esboçar, uma política de Juventude terá de tentar responder duma maneira diversificada às diferentes solicitações dos jovens, do Minho ao Algarve e Ilhas. Contudo poderão definir-se linhas gerais, de que aqui ficam algumas a servir de contributo.

Como dissemos o objectivo trifacetado da política de Juventude definida constitucionalmente é exemplar, a necessitar por isso de se apoiar:

(a) Numa política de saúde e prevenção especialmente dirigida aos jovens. Que diversifique regionalmente estruras que possibilitem o esclarecimento dos jovens no campo da saúde. Estas estruturas também com carácter pedagógico a articularem-se porventura com a escola e os meios de comunicação social, na educação para a saúde, deverão ser capazes de fazer um acompanhamento preventivo dos jovens e mesmo curativo, que lhes propiciem o tal "bem estar físico, social e mental" que a O.M.S. entende como saúde.

(b) Uma política educativa, (que de acordo com as indicações de organismos internacionais como a UNESCO).

1 - Substitua progressivamente o estímulo único e alienante da "nota" pelo estímulo natural e histórico do conhecimento - o contacto directo com a natureza e com a realidade social, na acção igualmente histórica do homem na transformação do meio que o envolve.

" A educação é uma empresa tão vasta, determina tão radicalmente o destino dos homens que não basta considerá-la em termos de estruturas, de meios logísticos, de processos. É a sua própria substância, em relação essencial com o homem a sua evolução, o princípio de interligação que reina entre o acto educativo e o meio, que tornam a educação, ao mesmo tempo, um produto e um factor da sociedade - é isto precisamente no ponto em que estamos, que importa analisar em profundidade e repensar largamente". (UNESCO - A Educação do futuro).

2 - Que privilegie o ensino global ao ensino especializado na formação base dos jovens.

a) Porque quanto mais breve for o período do ensino geral, tanto mais longa será a preparação para o exercício de uma actividade produtiva.

b) A evolução rápida dos conhecimentos técnicos tem tendência a desactualizar-se rapidamente. E é mais difícil reciclar o trabalhador que teve um ensino geral curto.

c) Um ensino geral longo é mais favorável ao desenvolvimento das capacidades individuais da sociedade em especial dos alunos provenientes de estratos mais desfavorecidos.

3) - Que privilegie o ser face ao ter. Que tal como Piaget dizia: "o que interessa que a escola dê não é o saber, mas o saber aprender". Com efeito a evolução contemporânea exige que o homem actual tenha não um saber enciclopédico, que por muito grande que seja se desactualizará, mas que seja capaz de viver num contexto social aberto e em permanente transformação. (Na obra citada refere-se que o saber humano duplicou do princípio da Era Cristã até 1500, duplicou novamente entre 1500 e 1800, entre 1800 e 1900, entre 1900 e 1945, entre 1945 e 1960, entre 1960 e 1968. Isto significa que no início do séc. XX o saber adquirido por um universitário conservava ainda no fim da sua carreira metade do seu valor. Hoje, o saber adquirido não preservado desvaloriza-se metade em seis anos ou seja 97% no espaço de uma geração). Por isso se torna necessário a articulação da educação formal com a educação não formal e dar atenção àquilo que alguns vêm chamando a Escola Paralela que são os meios de comunicação social, poderosos meios de influência e inculcasão de esteriotipos comportamentais

portamentais nos jovens. É necessário por isso fomentar uma problematização do "visual descodificando a sua linguagem, na publicidade, na grande força da imagem mesmo impressa, meios privilegiados de transmissão de modelos de vida que nada têm a ver na maioria dos casos, com a nossa maneira de nos situarmos na vida e no mundo.

E cada vez mais a perspectiva apontada, do **ser** se fundamenta na sociedade contemporânea. Os recursos naturais do nosso planeta são finitos. E destes, os não renováveis, em que se baseia aliás a nossa vivilização industrial, contam-se em reduzido número de décadas o seu esgotamento.

A "gaspillage" a que o homem submeteu a natureza, o consumo desmedido, desiquilibrado e destruidor haveria de reflectir-se mais tarde ou mais cedo sobre ele próprio, trata-se agora de fazer uma conversão no modo de estar, de consumir, de viver... É de uma "revolução cultural e civilizacional" que se trata. Que obrigará o homem a viver de outra maneira a olhar para o mundo de outro modo, a alterar os seus valores quanto ao seu projecto de vida... Trata-se de "sair da Era da Gaspillage" para utilizar o termo do 4o. relatório do Clube de Roma (20), quando ainda temos bem presente a frase com que no ano "distante" de 72 terminava o 1o. relatório:

"Não se trata de saber se o homem sobreviverá, mas se o poderá fazer com um mínimo de significado".

c) **Uma política cultural** (ou se se preferir sócio-cultural). Que vise no fim de contas o assumir pela juventude dos nossos valores e da nossa cultura, que enraize os jovens no seu meio, porque é na comunidade, é ao "serviço da comunidade "para utilizar o termo constitucional, que os problemas da juventude encontrarão resolução. E este enraizamento do jovem no seu meio social e cultural, não está em contradição, antes pelo contrário, com a tal "Revolução Cultural e Civilizacional", com a tal "cultura planetária" que é urgente que a juventude portuguesa assuma, porque é no quotidiano que se descobre o sinal das grandes mudanças. É através da problematização do quotidiano, de lhe procurar as raízes e as relações com o mais geral, é nesta relação dialéctica que permite a cada indivíduo alcançar uma "consciência planetária", capaz de se entender enquanto elemento de um todo.

O apoio a um novo associativismo e cooperativismo juvenil, "espaços de não secundarização" deve ser sempre uma preocupação desta política. Igualmente o apoio ao desenvolvimento das capacidades criadoras e artísticas da juventude - o teatro, o cinema, etc.

d) Uma política de **infra estruturas** materiais, capaz de criar espaços físicos de encontro para os jovens. Quer destinados às actividades como o teatro, o cinema, exposições, colóquios, etc quer os destinados ao desporto-ginásios, campos desportivos, etc.

e) Os **tempos livres** dos jovens é um dado importante a ter em conta. Não para retirar aos tempos a "liberdade" mas para através delas se incentivar o "gosto pela criação livre". Nas férias os Campos de Férias e de Encontro e Actividade Juvenil são também hipóteses, já testadas, e que já demonstraram extraordinárias potencialidades. Os tempos livres são óptimas oportunidades para a maturação social e individual dos jovens ou podem ser pelo contrário, espaço de alienação.

f) **A qualidade de vida e a educação para o ambiente**

Parafraseando ainda Morin, "desde Descartes que pensamos contra a natureza, certos que a nossa missão é dominá-la, subjugá-la, conquistá-la". Percebemos hoje o que significa. Trata-se agora de estabelecer um outro modo do homem se relacionar com a Natureza. E isto não é uma relação externa entre duas entidades isoladas; trata-se de uma relação entre dois sistemas abertos, em que cada um deles é parte do outro embora constitua um todo.

É preciso permitir que os jovens adquiram esta sensibilidade, que se reveste numa outra maneira de estar também com os outros e consigo próprio. É esta motivação, é esta sensibilidade para uma nova qualidade de vida (em todos os sentidos) um dos grandes desafios que se põem hoje, aos jovens. O futuro não admite outra escolha.

g) **Uma política curativa** e preventiva que faça face à situação actual da **delinquência juvenil** e do **consumo de droga pelos jovens.**

Como diz C. A. Dias (3) "o problema da droga é hoje inseparável do problema da juventude". Afirmação a adivinhar, que o problema da droga exige uma Política de Juventude para ser resolvido. Este trabalho de C. A. Dias vem aliás pôr o problema da droga no sítio certo, quando estamos todos fartos de a ouvir associada a histórias de "polícias e ladrões". É um trabalho a necessitar de maior reflexão se não fossem as limitações de espaço. Imprescindível contudo para perceber também os jovens através das razões que os levam a consumir a droga.

Também a delinquência juvenil (que é outra coisa) é preocupante. Contudo "cada sociedade tem os criminosos que merece" (24). P. Miranda tece aliás algumas considerações fundamentais sobre como se faz um criminoso. (Importante é também a obra de R. Muchielli (32) e (29) "A ocasião não faz o ladrão, mas revela-o". É no terreno da situação pré-criminal que o delinquente emerge para o crime. **As deficiências do sistema educativo, o estrangulamento do mercado de trabalho e a falta de horizontes, tanto profissionais como culturais, são factores sempre presentes na compreensão do que seja a situação pré-criminal.** As novas correntes criminológicas são, por esta via, chamadas à compreensão global **dos meios de reacção de uma sociedade, isto é, sobre os processos de definição, selecção, estigmatização e marginalização que "produzem" a delinquência.** Posição que leva os mais radicais a defender a **tese da função criminogénea dos orgãos de controle social.**

Definitivamente ultrapassada a concepção da criminologia como estudo limitado ao delinquente e à sua patologia, cada vez maior número de especialistas se vai dando conta da necessidade de submeter também o aparelho de justica penal à observação e análise científica".

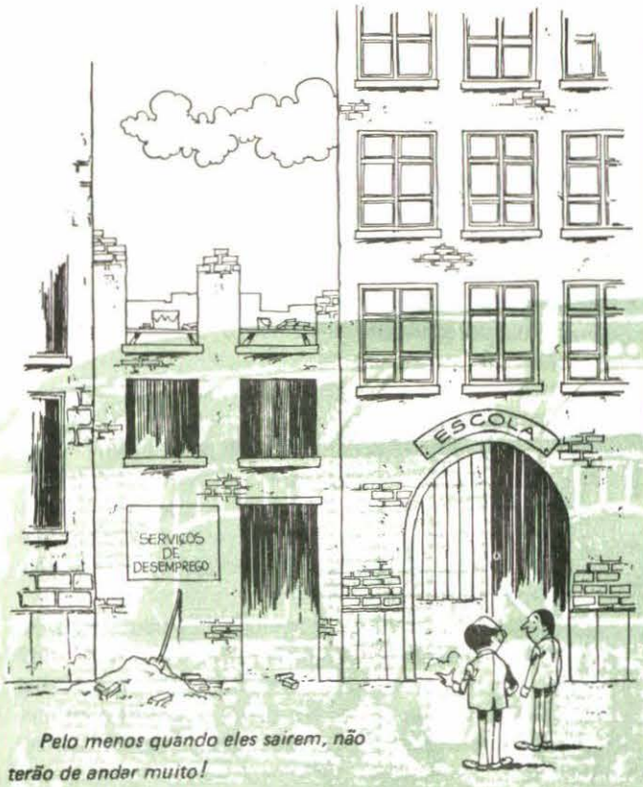
Significativo......

h) E por último a atestar a sua importância a questão do emprego juvenil e do 1.º emprego.

Dados retirados da revista Viragem e considerados por esta aproximados apontam para a existência de 504.000 desempregados em Dezembro de 1976 dos quais 200.000 à procura do 1.º emprego. Em 1979 calcula-se a existência de um total de desempregados jovens à volta de 300.000.

O desemprego juvenil atinge de modo especial os distritos mais industrializados onde é maior a concentração populacional e estudantil (Aveiro Porto Setubal 47% do total).

Convenhamos que o número é no mínimo preocupante. Sabe-se também que esta situação não é característica só de Portugal. O Correio da UNESCO (11) (Janeiro de 1979) citando a O.I.T. afirmava que "se todos os desempregados dos 24 países industriais que formavam a OCDE, Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, fizessem fila na porta de uma agência de emprego em Londres, essa fila iria acabar em Nova Iorque. E seria uma fila de jovens: dos 17 milhões que a comporiam, 7 milhões ou 40% teriam menos de 25 anos. Em 1976 mais de um terço de desempregados da CEE tinham menos de 25 anos". Para obstar a esta situação algumas iniciativas têm sido feitas nos países europeus. E os encontros internacionais dedicados a este tema têm-se multiplicado. Quer no âmbito da UNESCO de que é exemplo a reunião de Veneza em Novembro de 1977 (4), quer mais recentemente no âmbito das Nações Unidas a reunião na Roménia em Maio/Junho 79 (22). Na reunião de



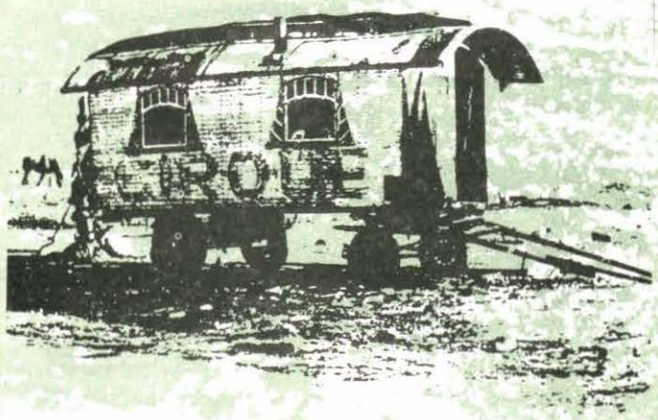
Pelo menos quando eles sairem, não terão de andar muito!

Veneza fez-se uma resenha da situação nos países europeus, do desemprego juvenil e das medidas propostas e postas em prática pelos diferentes países para a sua resolução (4b) classificadas (mais por razões descritivas) em 2 categorias:

"Medidas que tedem a utilizar os meios e a máquina administrativa existente, sem modificação radical dos meios e das modalidades de intervenção dos poderes públicos. E medidas que escapam à rotina puramente administrativa e são fundadas sobre legislação inovadora e especial". As medidas tomadas neste domínio são múltiplas.

Os países mais avançados como a República Federal Alemã, a França e a Inglaterra, apostam sobretudo no aperfeiçoamento da formação teórica e prática dos jovens, prolongando em alguns casos o tempo escolar, a fim de retardar a entrada no mercado de trabalho. A Escola é - como foi chamada nesta reunião - assim como que um "parque de estacionamento".

Na RFA alargou-se ainda os subsídios de desemprego aos jovens, na Inglaterra numa acção concentrada, várias empresas admitiram um total de 5000 jovens que aí realizaram estágios profissionais, na França e na Holanda apostou-se sobretudo no recurso à aprendizagem profissional nas pequenas e médias empresas.



Em França por exemplo ofereceu-se um prémio a todos os artesãos que aceitem assegurar a formação profissional de um jovem. Na Holanda ensaiou-se a solução de dar a dois jovens com menos de vinte anos o mesmo emprego, recebendo cada um metade do salário e metade do subsídio de desemprego.

Na Bélgica apontou-se sobretudo para cursos de formação profissional a fim de reorientar a formação dos jovens em função das necessidades do comércio, indústria, etc.

Enfim múltiplas experiências a poderem servir de reflexão, quando em Portugal se "achar a altura" de desenvolver uma acção concertada neste domínio. Mais não seja, a servir de experiência pela negativa. Pois como afirma P. Melvyn no artigo citado (11): "Além de ser um desperdício do ponto de vista económico, o desemprego é, principalmente para os jovens, uma forma de rejeição e de discriminação, e por isso extremamente maléfico no plano social. **As medidas adoptadas até agora são na maioria imediatistas, e a sua eficácia ainda não foi demonstrada.** No entanto, trata-se de um problema de longo alcance, que exige soluções novas e inovadoras no campo do ensino e da formação profissional e também do mercado de trabalho. Por isso é que os governos, as autoridades educacionais, os sindicatos, as instituições beneficentes e a opinião pública em geral precisam pensar e agir de comum acordo e com determinação".

Mas se as medidas tomadas não obtiveram os efeitos desejados isso deve-se muitas vezes às próprias características do desemprego na sociedade actual. O desemprego não é um acontecimento conjuntural mas de natureza estrutural. As suas origens estão situadas num sistema que impõe de um modo de produção fundado no lucro. A existência de desemprego corresponde às necessidades de acumulação capitalista. O desemprego não é um efeito, um sintoma - - como foi afirmado no Encontro de Veneza - mas uma das armas essenciais empregues para perpectuar o status quo. Daí que se sublinhe a necessidade de uma Nova Ordem Económica Internacional capaz de acabar com a actual Divisão Internacional do Trabalho e fazer um aproveitamento completo dos progressos técnicos e dos recursos humanos existentes.

Até lá afirma-se nas conclusões finais deste encontro:

"Reabsorver o desemprego, assegurar o pleno emprego e resolver outros problemas de ordem económica e cultural que afectam os jovens exigirá de todos, adultos e jovens, organismos governamentais e não governamentais, ao nível regional nacional e internacional um esforço importante e urgente de análise e de acções para as quais poderão contribuir as recomendações deste encontro".

Da lista de recomendações apontavam-se entre outras medidas, os subsídios e vantagens sociais para os jovens à procura do 1.º emprego, a iniciativa conjunta do Estado e dos parceiros sociais planeando o desenvolvimento económico e permitindo dar uma resposta global ao desemprego, favorecer o desenvolvimento cooperativo e **assegurar obrigatóriamente a larga e activa participação dos representantes da juventude na discussão dos problemas do trabalho que lhe dizem respeito participando na elaboração e concretização das acções** visando solucionar esse problema".

Aos organismos não governamentais e sindicais da juventude é reconhecido um papel importante e recomenda-se-lhe que:

"A título experiemntal se desenvolvam actividades conjuntas de formação geral e profissional e de animação cultural em favor dos jovens desempregados".

Da reunião na Roménia ficou-nos uma ideia força: "É impossível tratar os problemas actuais da juventude sem ter em conta as perspectivas de conjunto do desenvolvimento". Na prática, que conhecimentos que competências os jovens têm verdadeiramente necessidade e que atitude devem to-

mar? O que é que é preciso mudar nas nossas sociedades para podermos ultrapassar as dificuldades enormes que se avizinham (22)? Também foram analisadas pormenorizadamente neste encontro as estruturas de integração e participação da juventude na sociedade. Reconhecendo-se que a integração profissional reveste-se de uma importância particular neste processo, foi aventado que esta integração seria facilitada caso existisse uma dinâmica de empregos na sociedade e um "relatório ponderado" entre as necessidades nacionais de mão de obra e a orientação e a formação necessária para cada um deles. A orientação profissional e uma informação rigorosa aos jovens, no que concerne a cada profissão faria o resto.

Quanto a conclusões:

"A maior conclusão do seminário é que haveria muito mais a ser realizado na área da juventude no que concerne ao desenvolvimento social, sob os auspícios das Nações Unidas e ser dado a esta área a mais elevada prioridade no futuro e no âmbito do Programa Europeu para o Desenvolvimento Social, em associação estreitada com outros organismos relevantes das Nações Unidas".

Igualmente foi focada a "necessidade" de realizar um novo seminário, logo que a data do **Ano Internacional da Juventude** seja decidida, considerando as diferentes contribuições e interesses das organizações juvenis internacionais, nacionais e regionais que devem decidir os processos da sua participação".

E em Portugal? Em julho de 79 o Ministério do Trabalho, no seu boletim, divulga o projecto daquilo que se propunha ser a "1ª experiência de sistematização das áreas de actuação" de um "Programa para o emprego e formação profissional dos jovens" (31).

Referindo a nota introdutória deste projecto a metodologia adoptada - que passou pela análise da situação portuguesa,tendo contudo em conta a experiência europeia na matéria - e argumentando a falta de experiência entre nós de elaboração de medidas selectivas de política de emprego, dirigidas a uma determinada categoria de candidatos - no caso os jovens - propõe "o quadro geral em que se contêm as grandes linhas de orientação a serem prosseguidas, desenvolvidas e aperfeiçoadas com o objectivo de apoiar e estimular o emprego e a formação profissional dos trabalhadores jovens".

Linhas de orientação aliás bem fundamentadas como se pode constatar, pelas 2 seguintes das dez "Considerações gerais":

"Verifica-se ainda que os custos sociais e humanos que advirão de uma prolongada situação de dificuldade na integração dos jovens no mundo do trabalho são, em absoluto insustentáveis, se se tiver sobretudo em conta a irreversibilidade dos comportamentos individuais e colectivos assumidos por esse facto, face à sociedade, numa fase crucial da vida, e os sérios riscos assim criados para o equilíbrio e para a própria coesão do tecido social do futuro."

E ainda:

"Constitui, assim, um imperativo de justiça social e uma necessidade sócio-política,encarar a situação dos jovens que pretendem entrar no mundo do trabalho, por forma a criar-lhes as condições necessárias à plena realização das suas opções profissionais, numa atitude coerente, informada e responsável, a assegurar-lhes a formação profissional indispensável a uma entrada na vida activa ajustada às motivações e possibilidades individuais e às necessidades e perspectivas do mercado de emprego; e ainda o oferecer-lhes as condições base que atenuem ou afastem os factores desfavoráveis que influem na sua situação face aos trabalhadores adultos".

Quanto às linhas de orientação apontou este diploma para as seguintes:

a) Desenvolvimento das acções de informação e orientação profissional.
b) Lançamento de acções piloto de formação profissional e iniciação ao mundo do trabalho.
c) Adopção e dinamização de incentivos à mobilidade geográfica dos jovens. De modo a que os jovens aceitem emprego fora da área da sua residência.
d) Adopção de estímulos a atribuir às empresas que criem empregos que se destinem a jovens candidatos a uma primeira colocação.
e) Criação de programas especiais visando o emprego ou a ocupação de jovens.

Nesta última alínea são definidos três programas:

(1) Programa Actijovem - constituição a nível de cada região e ao nível nacional dum ficheiro de jovens voluntários para desempenho de actividades civis de utilidade social com carácter extraordinário ou emergência - calamidade pública, etc.
(2) Programa de promoção e apoio a actividades para jovens a desenvolver designadamente no período estival, por iniciativa de entidades públicas ou privadas a nível local ou regional e com objectivos culturais, artísticos, históricos, arqueológicos, desportivos, sociais.
(3) Programa de incentivo a projectos de jovens, destinados a estimular a criatividade e a capacidade de iniciativa dos jovens, através da constituição de cooperativas.

Diploma que, como vemos, e tendo em conta o que se propõe (ser um quadro geral, um ponto de partida a ser prosseguido, desenvolvido e aperfeiçoado) se apresenta com qualidade e bem concebido.

Claro que se podem fazer críticas. Uma é que ele se "move" muito dentro do actual sistema, e dentro das "regras do jogo" e não apresenta soluções inovadoras.

Pode-se mesmo dizer que, este programa, vem na linha do que se tem feito na Europa, e diga-se de passagem sem muitos resultados.

Nomeadamente, não explorando aquilo que neste momento pode ser em Portugal, uma esperança na questão do emprego. Que é a descentralização. A concretizar-se a "devolução do poder às populações", às autarquias, surgirão com certeza novos objectivos, e um novo dinamismo no desenvolvimento regional, e por tal novas tarefas geradoras de emprego.

Poder-se-ia ter referido ainda em como a luta contra a poluição ou dum modo mais correcto e alargado, em como uma política do ambiente, e uma nova consciência acerca

do ambiente (e é urgente que isso aconteça) podem multiplicar as tarefas de defesa do ambiente de novas tecnologias respeitadoras do meio, novos processos de agricultura, novas fontes de energia - solar e suas derivadas eólica, etc - e mesmo, porque não, certas actividades culturais desde a alfabetização à defesa e investigação viva do património (que não são só os monumentos) à animação sócio-cultural, tudo actividades que não são consideradas assim como "trabalho a sério".

Isto aqui prende-se aliás, com a necessidade de reformulação do conceito de trabalho, e logo dos "tempos livres"...

O trabalho doméstico, é um trabalho que ao mesmo tempo não é reconhecido como tal, e contudo é fundamental na nossa sociedade. E outras tarefas novas e velhas podem ser (re)inventadas. Aliás, este diploma embora de fugida refere-se a isto. Diz a propósito que "Pode até por isso ser necessário proceder-se a uma reformulação do próprio conceito de emprego, a uma revisão do papel psicológico e do significado sócio-económico que o "trabalho tem ocupado na sociedade, em termos de instrumento que se revela cada vez mais raro e cada vez mais tradicional de realização humana, mas cada vez mais fundamental e cada vez mais sofisticado como factor de produção".

Poder-se-ia ainda dizer deste diploma, uma certa timidez que demonstra quanto ao apoio ao cooperativismo juvenil.

No entanto, facto positivo, aponta para a pré-reforma voluntária, que este diploma pretenderia possibilitar e mesmo fala na perspectiva da "antecipação da idade da reforma e aposentação".

Poder-se-iam fazer, como dissemos, algumas críticas (embora consideremos este diploma globalmente positivo) contudo um bom ou mau diploma, define-se não pelo que diz, mas por aquilo que na realidade possibilitou ou incentivou fazer a sua aplicação.

E este diploma, nunca foi posto efectivamente em execução. Portanto "a prova de fogo" está por fazer. E valia a pena tê-lo feito. Porque ele tem virtualidades que nos permitiriam tirar ilações da sua concretização.

INSTRUMENTOS INSTITUCIONAIS DE CONCRETIZAÇÃO DE UMA POLITICA DE JUVENTUDE

Como se sabe há, para além dos diferentes departamentos ministeriais que tratam problemas juvenis, um especial e dedicado exclusivamente à juventude. Chama-se F.A.O.J. - - Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis. Para quem tem acompanhado o percurso deste organismo (aliás um dos poucos descentralizados com delegações regionais em todas as capitais de distritos) é quase unânime a opinião de que ele deve durar só o tempo suficiente para "fechar as portas" e ser substituido por um organismo capaz de responder tanto quanto possível, às diferentes solicitações juvenis. Seja o primeiro emprego, seja a saúde, sejam as actividades culturais, seja a profilaxia da droga, etc. Até porque um Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, não tem razão de existir, mesmo aceitando a sua vocação especializada e acção parcelizada que pretende desenvolver junto da Juventude.

1o. - Porque um conhecimento mínimo dos organismos juvenis portugueses faz-nos chegar a uma conclusão semelhante à que que se chegou noutros países da Europa. "As associações de Juventude não podem já reivindicar serem os melhores ou mais dinâmicos representantes da Juventude ou mesmo os seus porta-vozes" ("Renovação do Movimento Juvenil, fim dos movimentos de jovens" (18b)). O associativismo juvenil não representa nem qualitativa nem quantitativamente a realidade juvenil portuguesa

2o. - Porque como se sabe a organização associativa é já uma fase elevada de consciência social.

Só se associam e organizam aqueles que detêm já uma significativa consciência social e até condições de vida para isso. E isto verifica-se até na distribuição dos organismos associativos (clubes, associações, etc, mesmo não juvenis) que se distribuem predominantemente no litoral e nos grandes centros, zonas de maior riqueza e crescimento económico.

Ora apoiar os organismos juvenis é apoiar uma élite juvenil (o que em si não é mau) o pior é que ficam sem apoio os jovens que não pertencem a organismos juvenis, que são a esmagadora maioria, e aqueles que mais apoio precisam. A atestar a necessidade desse apoio está por exemplo a incapacidade desses jovens se constituirem ou participarem em organismos de Juventude.

Há ainda a juntar-se a estas razões de fundo, a inoperância que tem sido apanágio deste organismo, mesmo dentro da sua especialidade. Ao que não será alheio, as fornadas de responsáveis e de delegados regionais que se sucederam ao longo destes seis anos, numa grande parte com um completo desconhecimento da problemática juvenil.

Um novo organismo de juventude terá pois de ser criado.

Que seja capaz de articular respostas às múltiplas solicitações juvenis, como já foi dito. Um **Instituto para a juventude** é uma proposta. Aliás à semelhança do ponto de vista organizativo de um "Instituto para a Criança" que chegou a estar proposto, a fim de continuar o trabalho da Comissão do Ano Internacional da Criança, ou do "Instituto para a Educação de adultos" proposto pelo PNAEBA.

Duma coisa fica a certeza. o FAOJ a continuar a existir, só o tempo necessário para dele se fazer o enterro. A Juventude Portuguesa só tem com isso a ganhar.

Conclusão inconclusiva

Juntaram-se aqui alguns tópicos, que visam proporcionar uma reflexão sobre a urgência e necessidade de uma Política de Juventude. O resto, da intenção política de a concretizar ou não, que assumam essa responsabilidade quem tiver os instrumentos governativos. A história, e o futuro os julgará. O que não quer dizer que isto da "Juventude" não tenha outra perspectiva: **"a de cá", a que vai percebendo que, nessa frente, tal como noutras** (as mulheres por exemplo), **se joga hoje, muita coisa. O futuro por exemplo.**

À **"Juventude da contestação"** dos fins da década de 60 e princípios de 70, sucedeu-se menos ruidosa, e porventura mais passiva, a **"Juventude da crise"**.

"A revolta, não se faz mais na rua. Pelo menos, neste momento. É no trama da vida quotidiana, que se joga talvez uma crítica corrosiva e silênciosa, menos brilhante sem dúvida que a de 68, menos poética também, mas quem sabe mais eficaz?. . ."

Contudo uma coisa parece líquido e Josué de Castro traduziu-a do seguinte modo:

"Não sei se já houve geração mais acossada por esta angustiosa preocupação dos destinos do mundo, mais esmagada por tamanha carga social pairando sobre a sua cabeça, do que a actual geração: a geração daqueles que tomaram conhecimento do mundo no limiar da era atómica.

E não conheço geração sobre a qual pese maior responsabilidade histórica: a responsabilidade de acompanhar e de disciplinar esta violenta transformação social verdadeira transmutação histórica que ora se processa com um ímpeto e um ritmo sem precedentes na história do mundo".

Esta afirmação não parece difícil de conseguir unânimidade. Assim ela seja assumida na prática.

É que neste ano de 80, seis anos após o Abril, há omissões difíceis de explicar. A inexistência de uma Política de Juventude é uma delas. E há erros que se tornam irremediáveis em cada minuto que passa. A década de 80 aí está. Cheia de perigos e promessas. Saibamos pois escolher neste apaixonante desafio, um futuro. Que começa hoje.

Luís Martins
(Agosto de 80)

BIBLIOGRAFIA

1 – "Portugal 79" – *Publicação do I.N.E.*

2 – "Sociologia e ideologia do Desenvolvimento" *A.S. Nunes – – Morais Editora 1968*

3 – "Estudos sobre a Droga" *Carlos Amaral Dias – Afrontamento 1979*

4 – "Jeunesse et Travail" – *L'incidence de la situation économique sur l'accés des jeunes à l'éducation, la culture et le travail – UNESCO. Donde se destaca (a) Rapport final et recommandations de la reunion regionale en Europe – Venise 7 – 11 Nov. 77. b) L'emploi des jeunes en Europe: problémes et perspectives F. Ferrarotti. (c) La structure sociale des jeunes et processus de reproduction social. F. Charvat e P. Maydl.*

5 – "L'entrée dans la vie" – *Georges Lapassade – Minuit*

6 – "O mito do Adulto" – *Análise Psicológica n.º 1*

7 – "O Paradigma Perdido" – *Edgar Mourin – Europa América*

8 – "Dez Anos para Mudar Portugal – Proposta PS para os anos 80" – *(CAP V–B Abrir o Futuro à Juventude) – Março 79*

9 – "Dez anos para Mudar Portugal" *(Ante-projecto) "Portugal Socialista" – Dez. 78*

10 – "Bases para uma Política de Juventude" *Eurico de Figueiredo – Jornal de Educação Fev. 79*

11 – "Os jovens e o Desemprego" *Peter Melvyn – "Correio da UNESCO" Jan. 79*

12 – "Quebec 1945 – 1980: Generations Politiques, Contre–Culture, nouveaux movements" *Serge Proulx – Symposium de Burgos Julho 3 - 7, 1979*

13 – "Sociedade contranatura" *Serge Moscovici – Bertrand*

14 – "Desporto e Política" *Noronha Feio – Compendium*

15 – "Ter 20 anos na Europa" *conjunto de 7 artigos Nouvel Observateur/O Jornal 29 de Junho 79*

16 – "La Planéte des jeunes" *Jean Duvignand Stock*

17 – "La Participation Collect.ve des Jeunes" *Etienne Grosjean Conselho da Europa 1974*

18 – "Cahiers J.E.B." *(Jeunesse, Education Populaire et Bibliothéques) Direction de La Jeunesse – Galerie Ravenstein 78, 1000 Bruxelles un especial: (a) o n.º 3 de 1973 – La participation Politique des Jeunes. (b) o n.º 12 de Jan. 1974 – – "Renoveau du mouvement de la Jeunesse et fin des mouvements de Jeunesse? (c) La parole aux jeunes n.º 6/76.*

19 – "Viragem – Revista das novas gerações" *em especial (a) n.º 4, de Junho 79 – Que futuro para esta geração? (b) n.º 7 Julho 80 – Os tempos livres que (não) temos*

20 – "Relatórios do Club de Roma" – *(a) "Os limites do crescimento" D. Quixote (1.º Relatório) (b) "Stratégie pour demain" - Du Seuil (2.º Relatório) (c) "Reestructuración del Orden Internacional". Fondo de Cultura Económica México (d) "Sortir de l'ère du Gaspillage" Dunod (4.º Relatório).*

21 – *"Psicologia da Adolescência" Jersild*

22 – "Acesso dos jovens ao trabalho e sua participação na vida social" *Seminário de Costineti; Roménia de 26 de Maio a 5 de Junho 79 – Divisão dos Assuntos Sociais das Nações Unidas.*

23 – "Escola Paralela Aqui e Agora – *António Martinó – Comunicação ao 3.º Encontro de Educação e Socialismo.*

24 – "O direito (irracional) de prender e punir não detém a delinquência" *Agostinho Pereira Miranda – Expresso 12 de Abril 80*

25 – *(a) Jeunesse et Media (4.º Rencontre des chercheur en Comunication Social J.E.B. 4/75*
(b) Animation et Media 8/76
(c) "Escola Paralela" L. Porcher Livros Horizonte

26 – *"Problemas da Juventude" Emile Copferman – Serv. Sociais C. G. D.*

27 – *C. Editora Nacional S. Paulo*

28 – *"Féte et civilization" Duvignaud Weber*
(b) "Les jeux et les hommes" Roger Callolx Gallimand
(c) "A criança e o jogo" J. Chateaux

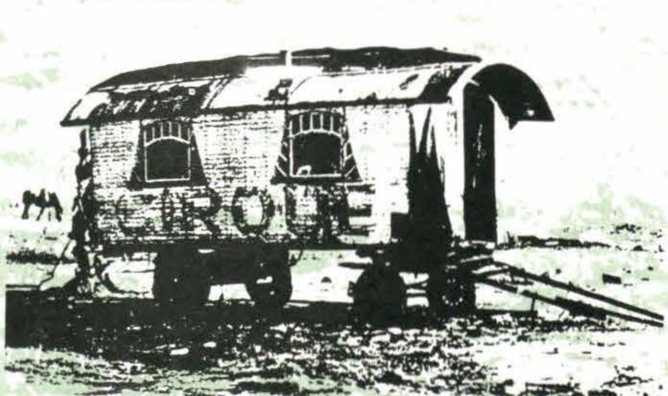
29 – Os jovens marginais *Editorial Notícias 6. Mury, V Gaulejac*

30 – *"Que es la adolescência?" Felix Guattari – Revista "El Viejo Topo" n.º 43 Abril 80*

31 – "Programa para o emprego e formação profissional de jovens" *projecto de Diploma – Boletim do Ministério do Trabalho Julho 79*

32 – "Como eles se tornam delinquentes" *R Muchelli, Morais Ed.*

33 – "O papel da juventude na reconstrução do mundo" *in "Ensaios de Biologia Social" – Josué de Castro, Brasília Editora.*



do prazer de educar ao ensino criativo

O professor ou é o passageiro da chuva das emoções ou o impermeável polícia amargo ou doce de desenvolvimentos.

Atravessando gostosamente as ruas (labirintos, marginais. . .) com a chuva na cara ou fugindo dela assustado com a descoberta do coração da montanha mágica. O professor ou é ou não é. Aprendiz e mestre do presente projectando-se delicadamente no futuro.

A educação não é para hoje mas já para amanhã. Move-se, subterrânea, por dentro do tempo. . .

Aprender e ensinar é jogar aí, por dentro dos jóvens. Abrir janelas, ver sonhar - criar paisagens. Brincar com sombras e espelhos (Que é um livro senão o vidro mágico dos reflexos?). O professor só aparece, só é, quando se torna transparente ("o essencial só se vê e só se mostra com o coração").

A imagem do professor reflecte-se no aluno - sombra de um fantasma - ou pintura viva de um feiticeiro de saberes "antigos" ("como o bom vinho") - voado livre de novos horizontes; o da investigação, do grau zero, da folha branca ("Quanto mais leio menos sei "), da criação. .

Poeta (como eu gostava de ter tido um professor que trabalhasse numa fábrica de "anjos" ou corações"). Verde como o sabor de fruto na árvore (a da vida) - educador-girassol social no campo criativo.

O que é o professor? - nada. Nem cientista, nem mecânico, nem bailarino, nem carpinteiro. . . ou tudo, o que é o mesmo!

Mediador - medium racional e real - da prática da sua vida e do seu saber e da sua arte.

Mediador activo-equilibrista consciente e auto-revelador entre dois campos mágicos - - o de hoje e o de amanhã.

O QUE APRENDE O ALUNO

O que aprende o aluno - o que vê, o que ouve ou o que faz (anjo/artesão).

Hoje ainda o aluno "aprende" sobretudo na audição repetitiva (e se não tiver um ouvido grande como o do "lobo mau" da história do capuchinho vermelho?). O ensino baseia-se ainda sobretudo na audição repetitiva.

Fértil flôr sensível a criança reproduz o que ouve na mesma rotação.

E os braços para que servem - e as mãos, as ancas, o coração, o cérebro. . .

Cavalo louco, o conhecimento descobre-se, também, com as mãos - sonha-se, canta-se com o corpo todo e não só com a boca (altifalante mecânico).

Educar-ensinar/aprender com prazer, sem funcionalismos - com profissionalismo - - com o saber do trapezista sem rede, voando entre as nuvens da consciência social, do imaginário individual e colectivo, das tradições culturais, das folhas brancas onde tudo se pode descobrir - cavalo louco sem caminhos obrigatórios ("o caminho é andar"). Educar e aprender é também, quantas vezes, parar (e esse movimento frenético das aves interiores?).

CRIAR A CRIAÇÃO

Transformar a escola em centro de criação. Não encher a sala de aula com musas de asas côr de rosa (e porque não!) mas trabalhar para que a criança se descubra como sujeito de criação. E o professor?

Sentir essa montanha mágica. Torná-la visível. Montanha/balão/núvens presentes e ausentes. Montanha invisível para olhos institucionalizados.

Trazer, trocar, colocar os sonhos no centro da sala como flores à volta das orelhas e nos lábios, estrelas.

Criar a criação - observar - comunicar.

Educar é transmitir o espírito de investigação, golpe de asa que não voa nas escolas (e fora delas?).

Criar feijões, coelhos, galinhas, couves, hortas e pinturas colectivas. Descobrir a matemática (e a ternura) no cooperativismo para comprar lápis de cera para todos ou juntar os tostões indispensáveis para realizar uma excursão.

Escrever cartas (alunos de uma escola escrevem para os alunos de uma escola de outra região). Português ou Meio Físico e social?

Trazer o alfaiate à sala de aula / ir com os alunos visitar uma fábrica.

Educar é lançar sonhos e ler textos apaixonantes para sonhar sonhos. . .

"Estamos na primavera
o cavalo do xerife
andava a correr
e as andorinhas no ar
com o pensamento das flores" (1)

Sentir de novo o coração que já pulsara na montanha mágica. Acreditar que em cada criança existe um mundo (floresta de luzes/ /árvores transparentes e azuis) e em cada um de nós capacidades para despertar e desenvolver. . .

Ser educador é estar em dúvida.

O professor é um farol/modelo sensível. Tomemos o exemplo do professor do ensino especial que dá as mãos á criança para ela descobrir as suas próprias mãos.

Aprender/ensinar. Sobretudo estar - estar todo - as mãos nas mãos. Gestos feitos palavras ou palavras com forma dos dedos. . .

Mãos de fadas.

"voam os dedos em ondas os jardins"

José Gil

(1) Poema de um jovem citado no livro de Maria Alberta Menéres "O poeta faz-se aos dez anos".

o cómico quotidiano

"O teatro contemporâneo é um teatro decadente porque perdeu, por um lado, o sentido do sério e, por outro, o do riso, porque abdicou da sisudez e de efeitos que são imediatos e dolorosos, numa palavra, porque abdicou do perigo.

"Porque perdeu o sentido do verdadeiro humor, o sentido do poder de desintegração física e anárquica que há no riso.

"Porque abdicou do espírito de anarquia profunda que está na raíz de toda a poesia.

"Tem de se admitir que tudo no destino dum objecto, na significação ou no uso duma forma natural, é questão de convenção."

Antonin Artaud "O teatro e o seu duplo".

Este é um primeiro texto de reflexão sobre o cómico e as suas relações com o quotidiano. Texto que partiu da experiência concreta dos "Comediantes", colectivo de produção teatral. Texto e reflexão que esperamos continue pois a nível do cómico quotidiano há práticas que não podemos ignorar.

Pesquisar o cómico é de alguma maneira o aprender a andar na rua, a deitar os olhos para dentro das janelas. Viver pendurado nas antenas de televisão a provocar curto-circuitos e a cantar que fica perdoado o mal que nos faz pelo bem que nos sabe. "O Pedestal" é o nosso beijo na boca do quotidiano. O nosso atestado de robustez física e de reflexão sobre o cómico/dia a dia.

Se nos doiem as pernas é porque conseguimos transformar tudo isto numa volta a Portugal em bicicleta feita em triciclo e com paragens em todas as estações. "O Pedestal" é a parte do nosso circuito de manutenção mental. Atléticamente cuspido à nossa própria cara.

Pesquisar o cómico é fazer sky aquático nas pedras da Rua Direita e salto em altura nas Escadinhas de Santo Estevão.

Descobrir as leis do entrar e do sair do autocarro, do descer e do subir as escadas das repartições, do sentar e do cair das cadeiras dos cafés e, rasgadas de gozo, desposá-las em cima de um palco. Deixar que a luz dos projectores afague os nossos pequenos gestos, os nossos desgostos e ternuras.

Pesquisar o quotidiano/cómico é tirar o olho de vidro para jogar ao berlinde. Comprar ao cego uns olhos de cão, antes que subam de preço. É pegar nas coisas com gozo, gozá-las até, como se tivessemos um sexo nas mãos ou a boca noutra boca, orgásmicamente q.b..

Ás vezes, de tanto pensar nisto ficamos com dor de cabeça, deitamos fumo pelos ouvidos, tremem-nos as mãos e vemos o menino Jesus. Resumindo para já, melhor que fumar haxixe.

Faz aflição como tudo é tão simples. Tão complicado. Cómico é o ministro em pijama e o Secretário de Estado a ver televisão. Cómico é o ministro e a hora. O pastel de nata e as eleições. A vida e a morte. O primeiro-ministro e o barbeiro de Sevilha. Woody Allen e Fellini. Bergman e Popov. O Bairro Alto e a Cruz Vermelha.

Temos portanto que se pegam as coisas pelo colarinho. Que se fazem explodir bombinhas de carnaval nos seus sovacos até todas as moléculas dançarem o can-can e as anedotas se transformarem num corpo suficientemente aerodinâmico para voar de uns para os outros, por toda a plateia.

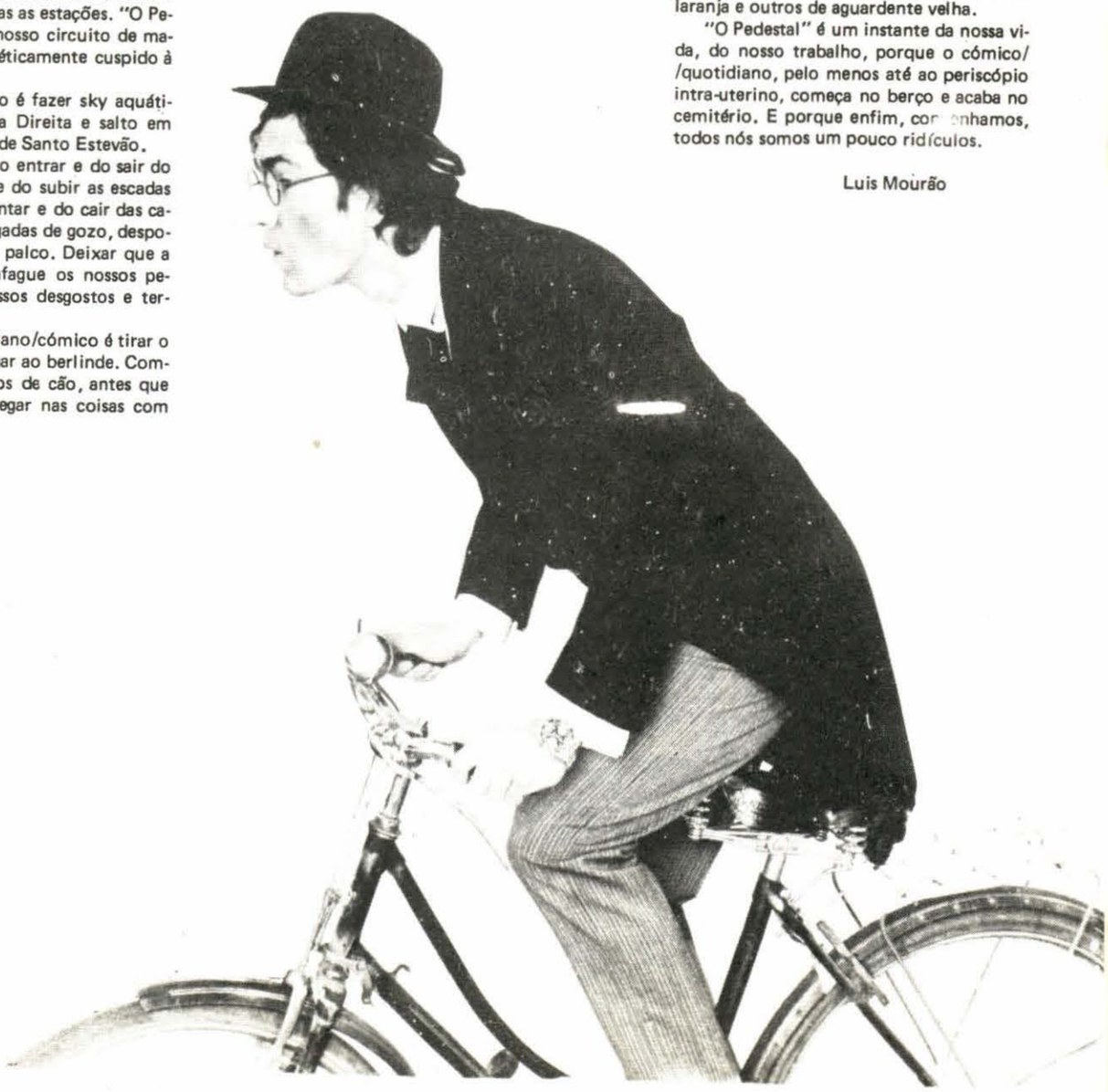
Subtil, o cómico/quotidiano toma-nos as acções, acompanha-nos para onde quer que vamos. Vive connosco. Mais subtilmente ainda, fixa-se-lhe o olhar, o gesto microscópico, o sorriso momentâneo. Pesquisa-se por tentativas, cuidando a pontaria porque a mão treme sempre que se esboça o nosso rosto.

O espectáculo aqui não nasce, cresce. Desenvolve-se. Tem um princípio que não se sabe onde está e um fim de que ainda se sabe menos. Apresenta-se como uma paralização do tempo e do espaço, que encontrou um outro tempo e espaço para se espraiar. Um outro gesto e ritmo, para que o espelho nos tome de corpo inteiro. Assim a história, só pode ser metáfora. História/dia-a-dia de um cómico/quotidiano.

Se não há idades para o que criamos é porque acreditamos na permanente capacidade de se colher aquilo de que se necessita. Porque a pesquisa do cómico passa também pelo desnudar dos signos, para que cada um os jogue à sua maneira. E o espectáculo é, assim como apresentar uma garrafa vazia, que uns enchem de sumo de laranja e outros de aguardente velha.

"O Pedestal" é um instante da nossa vida, do nosso trabalho, porque o cómico/ /quotidiano, pelo menos até ao periscópio intra-uterino, começa no berço e acaba no cemitério. E porque enfim, como sabemos, todos nós somos um pouco ridículos.

Luis Mourão



ANIMAÇÃO PARA A INFÂNCIA

que perspectivas?

Um ano após o Ano Internacional da Criança o que se fez no sentido da transformação da realidade quotidiana da criança?

Passadas as festas, repensadas, tiradas as devidas conclusões, poderemos avançar no sentido de que os anos 80 sejam a efectivação de toda uma série de realizações que, tendo como motor a criança, radiquem nas Comunidades toda uma nova maneira de pensar e actuar com e para a infância.

Todas as estruturas que já nasceram ou venham a nascer não podem mais ser estruturas de circunstância, criadas unicamente para comemorar qualquer efeméride, mas sim a resposta a necessidades sentidas pelas Comunidades e em que essas Comunidades tenham um papel activo. É pois urgente que em cada localidade, por mais pequena que seja, se tome consciência da necessidade de todo um trabalho para e com a infância e da sua importância no desenvolvimento harmonioso da criança. Trabalho este que, implicitamente, vai criar uma nova dinâmica na realidade quotidiana de cada Comunidade, na sua transformação.

A ANIMAÇÃO E A REALIDADE DAS COMUNIDADES

Animação ligada à realidade das Comunidades onde se efectiva é algo que assumimos como ponto de partida. Porque não entendemos a animação como o "animar a malta" de que vulgarmente se fala, mas como algo bastante diferente. Quando falamos de animação falamos duma realidade a quem alguém chamou a *problematização do quotidiano*. Animar ou ser animado é pois aprendermos a nossa própria autonomia, é aprender a ver aquilo que nos rodeia, é relacionarmo-nos criativamente com os outros, é integramo-nos activamente na vida da nossa Comunidade, na sua evolução.

Neste sentido a animação para e com a infância, se tem como objectivo integrar activa e criativamente a criança na realidade da Comunidade onde vive, deve necessáriamente partir dessa realidade, dos seus elementos motivadores, para desenvolver nessa criança todas as suas capacidades. E elementos motivadores há-os aos milhares por essas Comunidades. Desde o artesanato que é necessário preservar, passando pelos cantares regionais e chegando à própria natureza. Estes podem ser pontos de partida para desenvolvermos essa animação.

Animação que na prática pode passar por:

—Quando a criança se apercebe da riqueza do artesanato, a que nunca prestou atenção, e posteriormente cria as suas próprias obras, ela aprende a ver a Comunidade d'outromodo e desenvolve as suas capacidades sensoriais: visão, audição, tacto, etc.

—Quando aprende uma canção e a repete ela está a desenvolver a sua capacidade auditiva e rítmica, ao mesmo tempo que se relaciona e conhece melhor o meio.

—Quando joga com as outras crianças uma cena da aldeia e recria essa realidade, a criança aprende a estar criativa e organizadamente com os outros e a jogar propostas de transformação da realidade que a cerca.

—Quando as crianças sentem necessidade dum jardim para brincar, com escorregão e baloiço, e mobilizam toda a população da aldeia para a sua construção, elas estão a provocar uma transformação na realidade quotidiana daquela Comunidade.

E a animação existe.

OS ANIMADORES E AS CRIANÇAS

Mas para que a animação para a infância seja efectivamente animação é necessário que parta da existência duma relação dinâmica entre as crianças e os animadores. Uma relação que tenha sempre em conta as necessidades e os desejos das crianças, que os respeite, que aceite que cada criança tem um ritmo, em suma, que exista e se desenvolva uma verdadeira relação de confiança entre os diversos intervenientes no processo. Só assim poderemos evitar que as crianças sejam consumidores passivos de tudo o que os adultos fazem para as "animar". É pois urgente que as crianças sejam elementos activos de tudo o que a elas diz respeito. Criar condições para que elas tomem nas suas próprias mãos todo este processo deve ser um dos objectivos fundamentais do nosso trabalho.

Aqui não mais animadores que unicamente impõem um determinado número de actividades perfeitamente desligadas das motivações das crianças. Aqui sim uma relação dinâmica entre as crianças e os animadores que permita uma troca de experiências, e onde estes possibilitem o acesso da criança a instrumentos que permitam a realização integral dos projectos para que estão motivadas.

Mas como é que o animador pode permitir o acesso da criança a instrumentos que lhe possibilitem a realização de projectos?

Retomemos o exemplo do artesanato: as crianças foram sensibilizadas para o artesanato da zona e estão motivadas para a sua execução, mas não sabem como o fazer. Necessitam pois de ter, no caso de ser artesanato de barro, acesso a material de olaria, de saberem como trabalhar o barro, onde o encontrar, etc, etc. São estes instrumentos que o animador deve dar à criança de forma a que ela os possa utilizar duma forma pessoal e criativa na execução do projecto - a feitura de peças de barro.

O papel do animador desenvolve-se assim em três vectores fundamentais: como elemento integrador de todo um grupo, executando toda uma série de actividades que permitam a integração dos diferentes indivíduos; como transmissor de instrumentos que permitam a execução dos projectos; como motivado de novas práticas que permitam a abertura de novas pistas de trabalho.

OS NÚCLEOS DE ANIMAÇÃO

Para que todo este processo avance é necessário que nas Comunidades se criem estruturas capazes de o pôr em prática. Estruturas que terão, num primeiro momento, que organizar todo um espaço que, ligado às vivências culturais de cada Comunidade, responda eficazmente às cada vez maiores necessidades das crianças.

Um espaço, não como o lugar onde a criança vai receber/participar em mais um pedaço da sua formação, mas onde os intervenientes nessa formação se encontram e trocam experiências. Um espaço reinventado onde seja possível articular a realização de ateliers, ligados a vários temas, com a criação de oficinas que sejam o apoio material às necessidades sentidas na evolução desses ateliers. Um espaço onde se reinventa o circo e se descobre a terra que gostaríamos de ter e onde há um estúdio de fotografia, instrumentos musicais, uma oficina de carpintaria e plástica, etc.

Um espaço polivalente que em si próprio permite a coexistência de diferentes espaços.

Carlos Fragateiro

1) a partir de dois trabalhos já publicados no Debate e no d'outromodo.

as raízes dum sofrer

Complexo caso o do emigrante: **problema de pais, problema de filhos.**

— **Situação paradoxal** desde o princípio: estão impregnados por uma civilização patriarcal; não há então para eles mais importante na vida, que a terra / pátria, que a família.

Qual não será então o sofrer deles, quando se vêem obrigados a deixar a "terra amada" — A única finalidade, é de voltar o mais depressa possível. Mas antes disso têm que ganhar muito dinheiro, custe o que custar: estão dispostos a levar qualquer vida em país estrangeiro. A única finalidade é ganhar o mais dinheiro possível no menos tempo possível e regressar o mais depressa possível.

E só regressam se puderem mudar verdadeiramente a situação que tinham à partida. O orgulho deles é dar provas exteriores de que chegaram socialmente, que partiram, mas que valeu a pena.

Mas há **um problema** em que nunca pensaram; **o dos filhos.**

O pai emigrou primeiro (na maior parte dos casos) e depois mandar vir a família (mãe e filhos); já bastava estar longe do país, ao menos que estivessem juntos. E sempre pensar que voltariam juntos também. Mas o que não previram, era que os filhos iam crescer e ter a sua vontade própria.

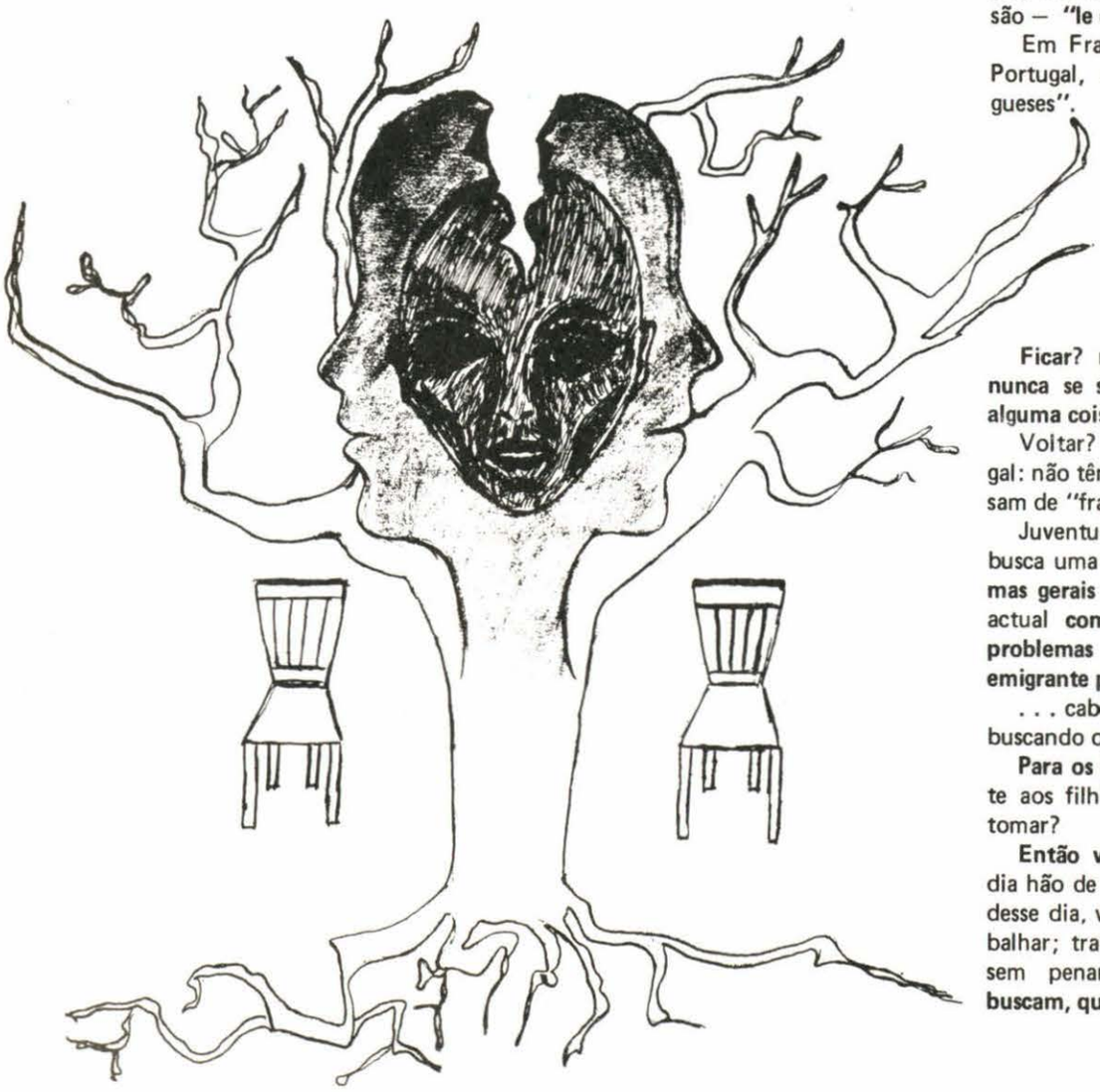
Estes filhos deixaram o país, novos, e fizeram a escolaridade toda no estrangeiro (por exemplo em França).

Se em casa têm uma educação à portuguesa (aquela mesma de que estão os pais impregnados: talvez patriarcais), encontram-se confrontados a um mundo oposto ao que lhes ensinaram. **Dualidade de valores** que se vai transformar em **contradição**; contradição esta cada vez mais flagrante com o crescer deles. Têm que enfrentar um grande **problema de identidade:** mesmo se a formação estrangeira e a aculturação os marcar, as viagens não se apagam; e o que recusam voluntariamente, inconscientemente fica presente.

A contradição concretiza-se duramente na relação com os pais. **Vai além do problema geral do conflito de gerações:** pais e filhos emigrantes estão mais distantes que quaisquer outros, mas paradoxalmente, as relações afectivas ficam profundas; os filhos não perdem a noção de família.

Os filhos foram sempre criados com a idéia do regresso. Emigrantes novos, a sua vontade era a dos pais, mas quando têm idade para decidir sós, não sabem qual o seu querer. Não se sentem nem portugueses, nem franceses; isto provoca um mau-estar interior (sempre lhes ensinaram a buscar uma identidade, uma finalidade, - fixas na vida); sensação de vestígio, não sabem o que querem, o que são — **"le cul entre deux choies".**

Em França, são portugueses, em Portugal, são emigrantes, "françogueses".



Ficar? mesmo após tantos anos, nunca se sentirão franceses; sempre alguma coisa lhes faltará.

Voltar? que vida terão em Portugal: não têm estatúto oficial, não passam de "franceses de Alcochete".

Juventude indecisa, rasgada, que busca uma via; que **cumula os problemas gerais da sua geração** no mundo actual **com as suas contradições e problemas específicos de jovem emigrante português.**

. . . cabeça vazia; coração rasgado, buscando o seu querer . . .

Para os pais, dilema sem fim: frente aos filhos indecisos, qual decisão tomar?

Então vão esperando . . . algum dia hão de voltar . . . e na esperança desse dia, vão passando os dias a trabalhar; trabalhar para ter uma vida sem penar. **Mas esta Felicidade que buscam, quando a vão lograr?**

Graça

COLUNA A COLUNA

MEMÓRIA VIVA

MANTER VIVAS AS MEMÓRIAS

Recriar-se com o folclore, rir com uma adivinha do camponês, fotografar um arado ou colorir um guia turístico com um bordado-à-mão, e ficar-se na imagem presente/actual de que tudo isto é cómodo e usual. Pior é contribuir para a morte de um povo que encontra no vivido a fonte do seu viver... Procurar salvá-lo com esmolas não basta!

Consciência de tudo isto vai aparecendo. E existem hoje esforços no sentido de recolher e estudar todo o passado cultural de um povo que tem o direito de pertencer também ao presente. A sociedade está em contínua mutação e não perdoa, nem espera!

... Uma aldeia, um campo, uma taberna, um copo, um cigarro... E os homens distraídos retomam o outro tempo. Um tempo que "já lá vai" e que, quando juntos, revivem e reconstroem, narrando, corrigindo, ouvindo, gesticulando, rindo, chorando.

Enquanto o tempo lhes conservar a MEMÓRIA, assegura-lhes o prazer de ir vivendo! Homens-Hoje, Homens de ontem, de sempre, Homens como todos os Homens, apenas com um vivido talvez diferente!

Saber as verdades que contam; saber das romarias em que eram heróis;saber das desgarradas e cantigas em que eram coro; saber das manifestações em que eram sócios; saber das danças em que eram especialidades; saber do artesanato de que viviam ou das mesinhas com que se salvavam; saber... Sabe-se! Há documentos, há testemunhos, há história!

Há países onde a sensibilização para esta realidade é já uma ordem. Em Portugal, a Direcção Geral de Educação de de Adultos, estuda a nível nacional um plano de alfabetização e educação básica de adultos, ao mesmo tempo que vai apoiando associações e grupos que trabalhem na alfabetização.. É positivo.

Possuir dados sobre manifestações culturais de um povo não é tudo. É preciso dar-lhe o lugar que merecem. E quem melhor do que o povo o merece?

É desse conjunto de dados que deverá partir a educação de adultos/Hoje. O que implica um trabalho a vários níveis:

- conhecimento das suas condições de vida.
- levantamento das condições que o acompanharam.
- planificação dos dados recolhidos em função dos métodos e formas de educação.

Deixo, no entanto aos pedagogos e educadores o papel que lhes cabe neste domínio. Porque acredito que a cultura popular é rica demais para ser apenas "folclórica". Porque acredito que essa riqueza se pode ir perdendo, se não for reconhecida, se não for ressuscitada. Porque acredito ser importante, manter VIVAS AS MEMÓRIAS.

Manuel Mariano

BANDA DESENHADA

"O slogan eficaz deve ser expressivo, para impressionar e convencer. Mas a sua expressividade é monstruosa porque se torna imediatamente esteriotipada e se fixa numa rigidez que é precisamente o contrário da expressividade, eternamente mutável e oferecendo-se a uma interpretação infinita."

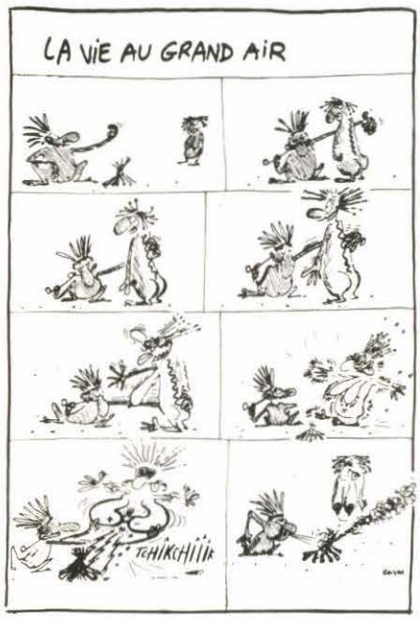
Pier Paolo Pasolini
"Scritti corsari"

Podemos começar pelo fim, a saber que isto é para ler quando apetecer. Para ler quando já doer a vista de contar os companheiros de viagem e os dedos de fazer palavras cruzadas. A saber que era bom ver aqui tudo de uma forma diferente, como se para captar o olhar fotografassemos dentro do olho a retina ou quebrassemos um vaso para ter depois o prazer de o reconstruir.

A perda periódica do discurso comum sobre a B. D. em todos os jornais, em todas as revistas e publicações, supera-se pela sua negação enquanto divulgação do inútil. Pela contraposição do escrever/dizer da prática a esse manifesto-monumento-do-slogan que vulgo se constrói.

Posto que saltaríamos aqui como as pulgas sobre certos dogmas e esteriótipos para mergulhar na sistematização possível de uma correcta aprendizagem, tanto mais urgente quanto necessária à nova prática de transformação futura. Seria assim o constatar do gradual domínio de uma forma específica de expressão e dos seus reflexos no quotidiano. O dizer que a B.D. - a imagem e a palavra, a imagem/palavra e a palavra/imagem -

COLUNA A COLUNA



- nasce com o primeiro gesto à saída do ventre materno, para depois explodir num momento laboriosamente construído. Porque com as nossas mãos rasgámos paredes e papéis, dominámos o espaço, a cor, textura e volume de tanto o tocar com o nosso corpo todo e inventámos as nossas palavras e códigos sabendo que era um pouco mais para ti do que para mim próprio.

A B.D. institucionalizou-se, como modo mais eficaz de interditar o acesso às suas formas mais acabadas e criativas. Ainda assim, pesem todos os erros cometidos e deficiências comprovadas na aplicação do seu estudo nos Programas experimentais do Ensino Primário e Preparatório, não havia aparentemente qualquer equívoco quanto aos seus benefícios (um certo tipo de benefícios entenda-se) até se saber que já não há mais. Os educadores que durante dois anos andaram a ver se percebiam alguma coisa preocupam-se agora com as urtigas.

Veremos numa outra altura que é possível fazer de outro modo a apropriação da técnica de Banda Desenhada e dos items fundamentais da sua análise. Dentro e fora da Escola.

A proposta de montagem e desmontagem crítica que aqui se faz leva-nos de forma mais ou menos directa à exclusão de uma larga faixa de obras e autores. Aprende-se a ler Banda Desenhada, lendo-a. Aprende-se a ler criativamente Banda Desenhada tomando o que dela é mais criativo. Só a partir daqui é provável a invenção de novas práticas.

A liberdade de criação é a primeira, a mais importante base da produção artística. É dessa liberdade de dizer as coisas que falaremos sempre. Da B.D. que pisa o risco, que ultrapassa o risco. Sabemos todos como isso é relativo. Mas vejam só, por este estrato do "Comics Code" (1) como os limites não são os mesmos:

" (...) 6) O Bem deve triunfar sobre o Mal e o criminoso punido pelos seus crimes.

(...) 11) As letras da palavra "CRIME" não devem nunca aparecer, na capa de uma Banda Desenhada, de forma sensivelmente mais marcada do que as outras palavras do título. (...)

(...) 3) O respeito devido aos pais, à moral e a um comportamento honrado deve ser encorajado. (...)

4) Nas histórias de Amor, os valores do matrimónio e o carácter inviolável do casamento devem ser realçados.

5) As paixões ou temas românticos não devem ser tratados de uma forma que possa estimular uma emoção baixa ou vulgar.

6) A sedução perversa ou a violação não devem nunca ser mostradas nem sugeridas.

7) As perversões sexuais ou qualquer alusão a estas são estritamente interditas. (...)"

Todas as introduções deixam coisas por dizer.

(1) O "Comics Code" american foi retificado a 26 de Outubro de 1954, modernizou-se e completou-se em 1971 Voltaremos a falar dele, mais tarde, em promenor

LUIS MOURÃO

À DESCOBERTA DO CIRCO

Espectáculo de cavalos por excelência, não fossem os cavalos, a sua existência, que determinaram a forma e o tamanho da pista, o circo tem-se desenvolvido, após as suas primeiras manifestações, com várias cambiantes. Cambiantes que, por exemplo, o levaram à sua expressão mais elaborada, como espectáculo, em países como a União Soviética, em paralelo com o risco de extinção que neste momento atravessa no nosso país.

Espectáculo para todos, o circo quebrou a barreira das idades, recusando a divisão, que cada vez mais pretendem impôr, entre espectáculos para adultos, os verdadeiros, e espectáculos infantis, os produtos menores.

O circo, como espectáculo ou projecto de espectáculo, se nesse campo atingiu uma certa totalidade, é também a globalização das expressões, a música, a côr, a palavra e o jogo estão intimamente ligados na construção do espectáculo.

Espectáculo aberto, no circo não há truques nem subterfúgios, razão da recusa, pelo menos de alguns directores de pista, de números de ilusionismo; números que, segundo eles, jogam com aquilo que está escondido, que não se mostra, e cortam totalmente o ritmo do espectáculo; como espectáculo que foi, e é, de cavalos o circo não pára, o seu ritmo é, com o decorrer do espectáculo, cada vez mais louco. Ritmo que, na pureza

COLUNA A COLUNA

do espectáculo, não tem os Augustos para distrair o público e ocupar os momentos de montagem e de desmontagem, ritmo que não se compadece com qualquer quebra possível na sua sequência.

É um pouco todo este mundo que nos propomos ir descobrindo ao longo destas crónicas. Mundo complexo, mas, por isso mesmo, riquíssimo. E esta descoberta, este caminhar ao encontro de uma realidade outra, é, para mim, um projecto aliciante e com o qual me proponho aliciar-vos.

Trajecto que irá ao que foi antes, ao que é agora e às suas perspectivas futuras,onde se procurarão encontrar as raízes mais profundas deste espectáculo por excelência que o é agora. Iremos a Roma, ao circo romano, às corridas de cavalos, acompanharemos a evolução dos saltimbancos, dos espectáculos de feira, da commedia del'arte, tentando ligar todos estes dados, tentando compreender como é que todas estas coisas se interligam num espectáculo total - o circo.

Tudo isto sem esquecer que o melhor do mundo são os palhaços. E é aqui, nos palhaços, na profundidade do seu trabalho, que, quanto a mim, se situa o desenvolvimento do trabalho de cada circo. Porque o palhaço ou é mais uma figura superficial e espalhafatosa a que já nos habituámos, e nada nos trás de novo, ou vai mais longe, mais ao fundo, e toca-nos mesmo de verdade cá bem dentro de nós.

Tão cá dentro de nós, tão cá no fundo, como quando vemos os carros a entrar silenciosamente na cidade e a tenda, as suas cores, a tomarem conta de tudo o que o nosso horizonte avista.

Carlos Fragateiro

AUDIOVISUAL E GRUPO--MÉDIA

Nos dias que correm somos envolvidos pelas formas visuais e audiovisuais de comunicação: a publicidade, as revistas e os jornais repletos de imagens, a televisão erguida na sala-de-estar como um santuário, o cinema de todos os formatos. E quem acompanha um pouco a literatura de antecipação científica - tantas vezes transplantada para o cinema - já notou como a televisão é arvorada em terceira força espiando os cidadãos na sua intimidade ou determinando o seu comportamento. (1)

Tal estado de coisas levará muitos analistas a olharem de forma crítica e por vezes severa o presente e o futuro dos "media" na sociedade contemporânea e na civilização dos anos Dois Mil, chegando alguns a esboçar o inventário das formas de hostilidade aos "media". (2)

Numa entrevista o sociólogo canadiano Marshall McLugan compara a situação do homem bombardeado pelos "media" a uma espécie de caixa de larvas onde os cidadãos se tocam mas não comunicam.

Ora nos últimos dez anos assiste-se a um movimento a que poderíamos chamar história da reacção da sociedade contemporânea ao peso dos "mass-media". Essa reacção ergue-se para uma inflação de intelectualismo produzido pela civilização da escrita e para uma inflação de despersonalização introduzida pela civilização dos "mass-media". No entanto esse movimento não se pode classificar como uma **reacção contra** os "mass-media" mas sim como uma **reacção aos** "mass--media".

Todo este movimento localizado primeiro na América do Norte (Canadá), depois na Europa (França) e a seguir na América Latina, conduziu ao que hoje chamamos de **grupo-media**: montagens audiovisuais, foto-linguagem, painéis, filmes de super-8, pequenos equipamentos de video. Algo muito diferente do peso e da sofisticação dos "mass--media". Algo que começou humildemente por se chamar "o audiovisual" e que corresponde a uma necessidade crescente de expressão pessoal e de comunicação em profundidade sempre com base na expressão possibilitada pela electrónica.

Segundo Pierre Babin - director do Centre Recherche et Communication de Lyon - - três características fundamentais marcam o movimento que dá origem aos grupo-media:

- O desejo de comunicar através da linguagem audiovisual.

Comunicação feita através de imagens e sons e a partir de instrumentos electrónicos. Trata-se de uma linguagem nova, susceptível de atingir a pessoa por inteiro e não apenas a zona cerebral. Uma linguagem que se expressa com os sentidos, com a afectividade e com o imaginário. Uma linguagem que exprime mais a experiência do que a abstracção.

- O desejo real de estabelecer uma comunicação.

Não basta receber programas pré-fabricados sem qualquer hipótese de diálogo. "É nos pequenos grupos que os homens melhor podem falar dos seus problemas e dizerem aquilo que pensam. É a este nível que uma acção eficaz poderá ser desenvolvida para modificar a opinião dominante".

- O desejo que o audiovisual seja um instrumento colocado nas mãos de toda a gente. Não um material caro e sofisticado que apenas é possibilitado aos que têm dinheiro e poder político. O critério fundamental na aquisição de material audiovisual para os grupo-media é que ele possa possibilitar o acesso de todos à palavra. O mais importante é a comunicação e não o esteticismo ou o deslumbramento dos meios.

É evidente que as formas de comunicação electrónica que se estabelecem no pequeno grupo, permanentemente estimuladas pelo desejo de acesso à palavra e pela realidade ainda tão nova que é a formação permanente, estão cada vez mais a pôr em causa os métodos autoritários da pedagogia tradicional, métodos exercidos numa Escola que, se bem que tenha as suas raízes mais longe, surge sobretudo nas correntes cartesianas de pensamento. (3)

"Um dos grandes realizadores de televisão - Claude Santelli - diz que a característica própria da linguagem audiovisual é fazer chegar à ideia através da emoção. O desenrolar desta experiência parece-me típico do processo audiovisual. Num primeiro tempo, uma experiência global e confusa, estimulando a afectividade e o imaginário. Num segundo tempo, a experiência provoca o emergir dos sons, das imagens e das palavras. Poder-se-ia ainda distinguir um terceiro tempo, o do distanciamento crítico das palavras."

Por estas palavras de Pierre Babin nos damos conta de que a autêntica linguagem audiovisual está muito longe da idéia ainda tão divulgada entre professores e animadores de que basta transpor para a nova linguagem as características da comunicação tradicional como se se tratasse de "refrescar" o discurso, o tratado ou o sermão, com imagens e com sons.

Tudo isto põe um problema que me parece ser fulcral em relação a este tipo de linguagem: a necessidade de conversão de categorias mentais adquiridas em parâmetros culturais completamente diversos. Grande parte dos adultos que nós somos foi formada na escola dos livros e das revistas. A Escola da palavra impressa. Muitos de nós sempre

COLUNA A COLUNA

olhámos a TV como um subproduto cultural e o cinema como um passatempo para os pouco exigentes. Formados na escola do "certinho" e lógico esquema tradicional olhamos com mal disfarçada repugnância formas de comunicação que surgem como selvagens irreverentes enfrentando e pondo em risco a cultura convencional. Com profundidade, exigência e qualidade torna-se necessário e urgente pensar e exprimir-se com imagens e sons.

Encarada de frente esta questão por todos os educadores e animadores poderá então vir a segunda: que equipamento adquirir, onde encontrar material audiovisual. E o que acontece com frequência é a inversão das questões. O que constitui uma ilusão. Seremos discípulos de Gutenberg com a presunção de nos termos transformado em cidadãos de Marconi.

(1) Cfr. os filmes "Rollerball" de Norman Jewison (E.U.A. 1975) e "A morte em directo" de Bertrand Tavernier (França/Inglaterra 1979)

(2) Cfr. Louis Porcher "Vers la dictature des Media?" Hatier, Paris 1976

(3) Cfr. Michel Tardy "Le professeur et les images", P.U.F./SUP, Paris 1966

Carlos Capucho
Do Centro de Produção Audiovisual

EXPRESSÃO DRAMÁTICA

A Expressão Dramática tem sido entendida de maneiras muito diversas e, debaixo desta designação, alvergam-se práticas que muitas vezes quase nada têm de comum.

Frequentemente aliada a técnicas com vago sabor a *Psicodrama*, quase sempre confundida com o *Teatro*, a prática da Expressão Dramática busca de há alguns anos a esta parte um caminho, um trajecto de desenvolvimento autónomo.

Situando-se, seja no contexto pedagógico, seja no contexto da animação, a Expressão Dramática assume um espaço de confronto e de diálogo entre as diferentes experiências que, um pouco por todo o lado, vêm sendo levadas a cabo.

E se é verdade que muitas e diversificadas são as práticas da Expressão Dramática, tanto em Portugal como no estrangeiro, não menos verdade é o facto de elas terem encontrado *já* uma espécie de *código de entendimento*, que passa pela definição do que *a Expressão Dramática não é*.

A EXPRESSÃO DRAMÁTICA NÃO É

NEM TEATRO

NEM PSICODRAMA

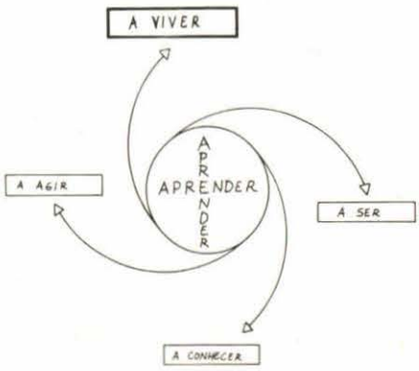
Mais difícil, no entanto, apresenta-se a tarefa de dizer *o que é a Expressão Dramática*. E aqui os diversos especialistas têm-se preocupado, essencialmente, com a clarificação dos objectivos subjacentes à prática da Ex Dra.

Podemos considerar três grandes perspectivas a nível mundial, isto se excluirmos a escola inglesa, sobre a qual nos debruçaremos em futuro artigo:

- Uma 1a., desenvolvida no Canadá, por Gisèle Barret, que considera como objectivo da Exp. Dra. - APRENDER A SER

- Uma 2a., desenvolvida na Sorbonne Nouvelle (Paris), por Jean-Pierre Ryngaert e Richard Monod, que considera como objectivo da Exp Dra. - APRENDER A CONHECER

- Uma 3a., desenvolvida por Augusto Boal, que considera como objectivo da Exp Dra. - APRENDER A AGIR



APRENDER A SER - Gisèle Barret

Do ponto de vista humano a primeira das prioridades, a mais importante e a mais natural é o ser humano. A Exp Dra considera-o tal como ele nos é apresentado: total, global, único. Situamo-nos numa perspectiva de *aprender a ser*, que marca um progresso não apenas em relação a *aprender*, mas também em relação ao conceito mais recente de *aprender a aprender*. Para além de tudo o resto o que nos parece mais importante é encontrar o modo de assegurar o *"saber-ser"*.

APRENDER A CONHECER - Jean Pierre Ryngaert

O jogo dramático não tem por objectivo a reprodução fiel da realidade, mas sim a sua análise a partir dum discurso feito numa linguagem artística e original, que se afasta do naturalismo.

O jogo dramático é uma actividade colectiva. É no grupo que o indivíduo se constrói por si e com os outros.

Não é a perfeição do gesto nem a da imitação que é procurada, mas sim um comportamento lucidamente elaborado no interior duma situação de comunicação.

APRENDER A AGIR - Augusto Boal

Existem dois princípios fundamentais:
primeiro - transformação do espectador, ser passivo, recipiente, depositário, em protagonista da acção dramática, sujeito, criador, transformador;
segundo - não tratar apenas de reflectir sobre o passado, mas sim preparar o futuro.
Não basta ter consciência de que o mundo precisa ser transformado: é necessário transformá-lo!

APRENDER A VIVER, diremos nós.

Porque aprendizagem-da-vida é assumirmo-nos como sujeitos num mundo humano (*ser*), é interpretar a realidade que nos cerca (*conhecer*), é intervir sobre o dia-a-dia do nosso estar aqui-e-agora (*agir*).

António Nóvoa

Nota - Pedimos a todas as pessoas que tenham esperiências ou questões a levantar no âmbito da Expressão Dramática que o façam escrevendo para a Coluna de Expressão Dramática - Revista Intervenção - Apartado 21 064 1127 Lisboa Codex

INTERVENÇÃO JORNAL CULTURAL INTERVENÇÃO

A ARTE NA VIDA DO POVO

A Associação de Alfabetização e Cultura Popular da Cova da Piedade "Semear para Unir", tem desenvolvido um Trabalho de Intervenção na zona de Almada, partindo de um trabalho directo de Alfabetização em articulação com as diversas inciativas e actividades das estruturas locais onde desenvolve acções.

Segundo a sua perspectiva, para desenvolver um trabalho de Intervenção, não basta partir das necessidades basicas e imediatas da população. É importante que este trabalho se ligue a um conjunto de vivências que contribuiram para a formação das pessoas. Isto é, que possa criar condições, através de um certo tipo de convívio (que o modelo de vida hoje dificilmente permite) para que as pessoas tenham oportunidade de voltar a sentir determinadas experiências que viveram durante uma parte da sua vida até à altura em que deixaram a sua terra, sobretudo na zona de Almada em que a maior parte da população veio do Alentejo, de Trás-os-Montes e do Algarve.

Se a mudança de terra, de condições de vida e de trabalho, provocam normalmente nas pessoas uma situação de bloqueio face às vivências e experiências anteriores, precisamente porque estão em causa diferentes modelos de vida e situações de trabalho, é importante que as iniciativas e actividades (sugeridas e descobertas no decorrer do trabalho de alfabetização) lhes fale de coisas que as tocaram, daquilo que emocionalmente as reanima, libertando energias, para que se possam empenhar a fundo, nas novas circunstâncias em que se encontram.

Assim, tendo como princípio "pelo convívio aprender" a Associação tem levado a cabo várias iniciativas que vão surgindo do mesmo tronco comum - um projecto de Intervenção com base no trabalho directo de Alfabetização - e que por sua vez se vão alargando e ganhando uma certa autonomia.

Este ano, uma das actividades desenvolvidas pela Associação, orientou-se para o levantamento e divulgação da produção artesanal de olaria nas várias regiões do País - a Arte de moldar o barro.

Fazendo a história deste processo, a ideia da iniciativa surgiu quando a Associação começou a preparar o "Encontro Primavera" que se realizou em Abril de 79.

Este Encontro tinha por objectivo, permitir a convivência entre os vários grupos de Alfabetização da zona. Estava organizado à base de uma refeição com pratos regionais, um conjunto de habilidades preparadas pelos Alfabetizandos e cada um trazia as peças de olaria que tivesse disponíveis em casa para fazer uma pequena exposição.

A partir daqui surgiu a ideia de isolar a questão da olaria e organizar a 1a. Exposição que se veio a realizar posteriormente, ainda em Abril de 79.

Na sequência desta 1a. Exposição foi feito o levantamento da produção artesanal de olaria, que apesar de muitas dificuldades, ainda existe nas diversas zonas do país: Estremoz, Redondo, S. Pedro do Corval, Brotas, Beringel, Nisa, Sobreiro, Modelos, Barcelos, Malha Sorda, Bisalhães, Vilar de Nantes.

Com a aquisição e a oferta de várias peças de olaria produzidas nestas regiões, onde está bem presente a variedade e a criatividade cultural da nossa gente, foi organizada uma nova Exposição em Abril de 80.

Esta actividade teve o apoio da Direcção Geral de Acção Cultural, da Câmara Municipal de Almada e da Associação de Saúde Popular "3 de Abril".

No entanto a Associação nunca pensou fazer da Olaria apenas um acto de Exposição. Daí que tenha havido todo um trabalho de preparação no seio dos grupos de Alfabetização e que se tenha considerado importante a presença de um casal de oleiros de Nisa a trabalhar, para que as pessoas pudessem observar o próprio acto de moldar o barro e produzir olaria, bem como a projecção de diapositivos.

Neste contexto a Exposição foi um momento importante de aprendizagem, de convívio e de festa colectiva.

Um outro objectivo, desta actividade, era sensibilizar as camadas mais jovens do concelho para esta questão. Neste sentido a Associação deslocou-se a todas as Escolas do Ciclo Preparatório do concelho, onde foi feita uma pequena apresentação das peças de olaria e a demonstração ao vivo do trabalho de olaria, com a presença de um oleiro.

TERRA QUERIDA

Quando dei conta de ti
já não era criança
minha terra parte de mim

reconheci-te terra minha
neste meu desejo nem sempre conseguido
de te moldar
com estas mãos de trabalho
para que sejas obra minha

despertei abraçado a ti
em Abril contente
para te levantar
com jeito terra querida
argila quebradiça
sempre à espera
deste fogo nosso
o teu Abril

Depois deste trabalho, chegou-se à conclusão de que era necessário reflectir sobre as dificuldades com que se debate a produção artesanal de olaria no país.

E assim nasceu um projecto para a realização de um Encontro de Oleiros, que conta com um subsídio da Secretaria de Estado da Cultura e está previsto para Janeiro de 1981.

NICARÁGUA

"A ALFABETIZAÇÃO NÃO É CONCEBIDA COMO ALGO DE AGREGADO, DE ESTRANHO, DE DISTINTO DA REVOLUÇÃO - NÃO. ELA É DA PRÓPRIA ESSÊNCIA DA RAVOLUÇÃO, A QUAL, POR NATUREZA, É ALFABETIZADORA."

Teve lugar no CIDAC uma conferência de imprensa dada por dois representantes da Frente Sandinista da Nicarágua, os quais se haviam deslocado ao nosso país para participar na semana de Cinema Anti-Imperialista, organizada por aquele Centro de Documentação.

INTERVENÇÃO esteve presente e aproveitou a ocasião para estabelecer contactos com os referidos elementos, no sentido de se conseguir uma aproximação com a experiência que, hoje em dia se vive e desenvolve naquele país.

Um dos temas tratados, ainda que resumidamente, na conferência de imprensa foi, precisamente, o da ALFABETIZAÇÃO e da CAMPANHA que, em todo aquele país é, neste momento, dinamizada pela Frente e Governo Sandinistas.

Com a promessa de que voltaremos ao assunto, damos hoje alguns apontamentos colhidos na conferência de imprensa e que constituem, desde já, uma primeira aproximação a um tema importante que, sem dúvida, poderá contribuir em muito para o confronto com a nossa própria prática.

ALFABETIZAÇÃO E REVOLUÇÃO

Considerada desde logo como uma das tarefas prioritárias da Revolução, a alfabetização é concebida como da própria essência da Revolução: esta, sendo libertadora é, necessáriamente, libertadora.

Parte-se da constatação de que não pode haver libertação política sem que haja libertação cultural. E, sendo assim, a alfabetização é, em si mesma um dos componentes do processo libertador que, estando em curso, levará á completa LIBERTAÇÃO do povo da Nicarágua.

A CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO

tem como objectivo imediato a erradicação do analfabetismo. Assim, desenvolve-se principalmente nas zonas rurais onde se constatam percentagens, em algumas zonas, da ordem dos 100% de analfabetos. Saliente-se que a percentagem nacional ronda os 52%

Como uma das componentes do processo libertador a alfabetização é encarada como

uma prática diária: tal como a prática revolucionária.

Não se limita, por isso, a um conjunto de técnicas dirigidas exclusivamente à aprendizagem da linguagem escrita. É antes uma prática de consciencialização, ligada ao dia a dia do povo, ás suas manifestações culturais próprias.

A PRÁTICA E OS SEUS INSTRUMENTOS:

A CAMPANHA vai estruturar-se adaptando a ela os ensinamentos e a organização da luta armada.

As frentes por onde a acção se desenvolve correspondem às que existíam durante o período da guerra: frentes Norte, Sul, Ocidental, Central e Oriental.

Os alfabetizadores, estão enquadrados em "colunas" (compostas por 120), "esquadrões" (com 30) e "brigadas internacionalistas".

São recrutados de entre os estudantes, professores e os militantes estrangeiros: e, sendo elementos não produtivos, vão, nas zonas e locais onde desenvolvem a sua acção em estreito contacto com o povo, contribuir para a reactivação económica do país; trabalhando ao lado das forças produtivas analfabetas, na agricultura ou pecuária, no levantamento das necessidades e carências, na divulgação de regras e métodos de higiene e saúde no estudo e recolha das manifestações e tradições culturais. São eles também que têm a seu cargo, em boa parte, o levantamento geográfico do país, a correcção da sua carta geográfica, o inventário dos recursos geológicos, da fauna, da flora.....

O contacto directo e íntimo entre alfabetizador e alfabetizando, processando-se no dia a dia, no trabalho e na festa reforça a solidariedade entre a cidade e o campo, entre o operário e camponês, contribui, assim, para a organização de todo o povo em volta do objectivo da Reconstrução nacional.

Por outro lado, a "CARTILHA" - para cuja elaboração se recorreu fundamentalmente à experiência nacional, mas também à de outros povos como o cubano, moçambicano ou da Guiná-Bissau - constitui o instrumento base do alfabetizador. Esta "Cartilha' será objectivo de mais desenvolvida informação logo que possamos ter a ela acesso.

CONCLUSÃO

Mais se falou na Conferência de Imprensa sobre o papel desenvolvido pelos comités de defesa sandinista nos centros urbanos. Na sua função de mobilizar a população para a reconstrução nacional, de promover acções culturais, de discutir e debater os problemas da população.;

Mais se falou das minorias étnicas existentes que nem sequer falam o castelhano, das suas características peculiares, da diferente metodologia que, se utiliza na alfabetização destes grupos.

Entendemos, no entanto, que o desenvolvimento destes temas implica, da nossa parte, uma informação mais completa, uma investigação cuidada.

Daí que nos tenhamos limitado a estes breves apontamentos, procurando através do estreitamento dos contactos existentes ir fornecendo, progressivamente, elementos estruturados que permitam um conhecimento mais completo da realidade que, hoje, e neste sector, se vive na NICARÁGUA.

JOGOS POPULARES TRANSMONTANOS

Bastará recolher e inventariar jogos, costumes, objectos de arte popular, toda uma cultura de um povo e... e, depois fechar todo esse material numa gaveta? Cremos bem que não. O contrário aconteceu pela segunda vez em Trás-os-Montes em 13 de Julho último.

Após uma fase preparatória, de aldeia em aldeia, de vila em vila, dá-se um último encontro, e desta vez as gentes das aldeias e vilas que circundam a cidade descem até esta.

Aí vêm jogar, tocar e cantar, participar e assistir. É uma festa em que não há espectadores e actores. Toda a gente faz a festa, toda a gente goza a festa. Toda a gente é júri de tudo e de todos e... de si mesmo.

Onde começa o jogo e acaba o trabalho e vice-versa, é uma questão por vezes difícil de dar resposta.

O homem e o rapaz que se fazem transportar de burro (corrida de burros); os rapazes que jogam no terreiro ao pião, as mulheres que vão à fonte de cântaro à cabeça (corrida de cântaros).

Os jogos populares transmontanos são uma manifestação popular cheia de vigor. Urge dinamizar e animar manifestações como estas. Elas são património de um povo. Património e Povo que se querem vivos.

Mariano Piçarra

AÇORES — UM PROJECTO DE INTERVENÇÃO CULTURAL

Dos Açores, com amor e muito mais, está gente em Lisboa tratando e agindo a cultura que trazem das origens. Dos Açores temos conhecido muita coisa pela mão do GICA - grupo de intervenção cultural açoriano.

Aos Açores, e pela escrita do GICA, damos a palavra.

O GICA (grupo de intervenção cultural açoriano) constituiu-se no final de 1977, a partir de um núcleo de açorianos residentes em Lisboa, uns por motivos profissionais, outros por razões de natureza escolar, nomeadamente a frequência de estabelecimentos de ensino superior, outros ainda em virtude do exílio (interno) a que tinham sido forçados no Verão de 75. O GICA resultava da necessidade de se evitar o alheamento em relação à problemática açoriana em geral e, nesse sentido e adentro dos condicionalismos que o limitavam (por exemplo: o seu próprio carácter de grupo-à-margem, partidariamente desvinculado), constituia-se como um espaço de reflexão e de trabalho, propondo-se ao mesmo tempo reatar uma tradição cultural do arquipélago que, vinda do final da década de 60, se encontrava então quase extinta. Daí, que logo desde o início o GICA se tenha posto à disposição de iniciativas congéneres surgidas no interior do próprio arquipélago, tendo mesmo durante algum tempo funcionado em ligação com a Cooperativa Libreira Semente, de Angra do Heroísmo. Porteriormente, e sem nunca ter chegado a formalizar-se, o grupo acabou por integrar outros elementos não açorianos, e até este momento terá envolvido cerca de quatro dezenas de pessoas.

No âmbito da actividade editorial, o GICA publicou **A MEMÓRIA DA ÁGUA VIVA**, revista açoriana de cultura que, a partir do no. 7 (a sair este mês), será publicada na cidade de Ponta Delgada, e lançou a colecção Garajau" de que sairam, na série de ensaio, **20 anos de literatura e arte nos Açores**, de J. H. Santos Barros, e na série de poesia os seguintes volumes: **S. Jorge - Ciclo da Esmeralda**, de Carlos Faria, **A Humidade**, de J. H. Santos Barros, **Marinheiro com Residência Fixa**, de Urbano Bettencourt, **Terra-Mote ou a destruição dos Búzios**, de Emanuel Jorge Botelho. O GICA editou ainda em 1979 o seu boletim informativo, **O Arpão**, elo de ligação onde a par das actividades do grupo se procedia ao tratamento e divulgação das principais notícias referentes aos Açores. Adstrito ao GICA funcionou também durante algum tempo o **Grupo de Cantares Açorianos**.

Para além disso, o GICA promoveu ainda diversos colóquios, exposições e debates: exposição sobre a cultura e artesanato, integrada na Semana da Cultura Popular, realizada no Instituto Superior Técnico; colóquio sobre literatura açoriana, a 2 de Março de 1979, na sede do GICA; a 6 de Abril do mesmo ano e na Livraria Opinião, debate sobre os livros **Raiz Comovida**, de Cristóvão de Aguiar, e **Amanhece a Cidade**, de Vasco P. da Costa, com a presença dos escritores; a 21 de Junho de 1980, no teatro **A Comuna**, sessão cultural para a apresentação de **Aresta**, nova revista açoriana, e dos dois últimos livros de poesia da colecção Garajau.

GALIZA — NOSSA IRMÃ

"Na procura dum ensino Galego" foi o tema central das IV Jornadas do Ensino da Galiza que se realizaram na Corunha entre 25 e 29 de Agosto numa organização da Associação Sócio-Pedagógica Galega.

O ensino do Galego e, naturalmente, todo o problema sócio-cultural da Galiza, foram tema constante nestas jornadas. Jornadas bem galegas, jornadas pluridisciplinares, elas foram lugar de encontro de quinhentos professores dos diferentes ramos do ensino.

Para nós, Intervenção, que estivemos lá presentes como convidados, com outros portugueses como o Manuel Ferreira da revista "África", António Teodoro da revista "O Professor" e Vitor da Fonseca, as três componentes das jornadas - os temas gerais, os cerca de oitenta seminários e as actividades culturais - foram um pretexto para o aprofundamento duma realidade que, tão perto de nós e tão longe, desconheciamos.

Foi o Miradoiro, os Gaiteiros, a queimada, foi a primeira experiência de teatro Galaico-Português, foi, em suma, a festa. Mas de tudo isto em promenor falaremos no próximo número.

Deste recado breve, a prometer e a aguçar o apetite para uma abordagem mais profunda, fique que a "Associação Sócio-Pedagógica é uma entidade que tenta agrupar os professores galegos de qualquer nível e a todos os outros galegos que, sem serem professores, possam trazer algo ao trabalho de procura dum ensino galego".

A Associação tem séde na rua n.º 60, 16 - 6º Esq. - em Orense, e vai começar a editar uma revista galega de sócio-pedagogia e sócio-linguística chamada "O ENSINO". Qualquer outro contacto pode ser feito através do apart. 1102 de Orense ou pelo Tel. 21 60 28.

CF

INFORMAÇÃO

- Abril
  no.3, boletim informativo da Associação Cultural e Desportiva de Ferragudo (R. 1o. de Maio, 77 8500 Portimão Tel.24375). Informação regional, reflexão e intervenção cultural.

- Alternativa
  boletim no.1 (Março 80) da cooperativa de produção teatral, animação cultural e investigação pedagógica (R. Reitor Teixeira Guedes, 55 Faro).

- De Mãos Dadas
  boletim no.17 da APTA Associação Portuguesa de Teatro de Amadores. Miolo: transcrição da peça "O Grande Espectáculo", distinguida com o 1o. Prémio Nacional de Teatro para Crianças. Informação do "Encontro de Mãos dadas"... a união e a sensibilidade dos grupos para uma política de conjunto, que permita a partir da base o fortalecimento da Associação, não somente em termos quantitativos, mas sim, e principalmente, em termos duma consciência colectiva tendente à aproximação dos grupos num projecto cultural comum. De mãos dadas venceremos.

- Boletim da Casa de Cultura das Caldas da Rainha,
  Março 80, "... a tarefa da Arte não é copiar a natureza, mas exprimi-la".

- Urtiga
  Inverno 80, ap. 31 8601 Lages Codex
  Meios naturais de sobreviver a um desastre atómico; Agricultura natural em Portugal?; o movimento anti-nuclear nos EUA; o rural face ao cócó; ecologia na cidade, suplemento ecofeminista, informação ecológica.

- O Homem e a Sociedade,
  Orgão da Associação Comunitária de Saúde Mental (A. C. S. M.), no.1 (R. dos Arneiros, 95-2o. Esq. 1500 Lisboa)
  Quem nos lê? Quem somos? Porque existimos?
  Somos um grupo de pessoas que pretendem assim construir um meio que possibilite a voz de quem a tem (ainda que muitas vezes "abafada"), de construir em conjunto um meio de reflexão sobre aquilo que nos cerca, que isto de saúde, como já lá dizia o poeta, "é cosa de muito mister". Que se por um lado interessam técnicos de saúde, conhecedores da realidade da vida das pessoas, do seu quotidiano concreto, importa também que a comunidade não esteja passivamente a consumir os cuidados de saúde que lhe impingem mas que também participe na qualidade de saúde a que tem direito.

CONTRIBUTO

GAZETA DO MÊS

Voltou a Gazeta. Espaço/jornal que procura aliar a reflexão e crítica das ideias com a análise da actualidade imediata. Da "carta de intenções, do n.º 1:" Queremos também ultrapassar um certo "monopolismo" do político, bastante comum na nossa própria história. Recusamo-nos a subalternizar a discussão política, até pela fase que vivemos. Mas sabemos, que a reflexão sobre a cultura, a vida quotidiana, a família, a escola ou o sexo, são tão decisivas para o nosso presente e o nosso futuro quanto a discussão política propriamante dita. Trata-se de destacar e forçar a abordagem das questões que o nosso discurso tradicional põe entre parênteses.

PROPOSTA

Revista de educação de base, correspondentes de Intervenção no Brasil. Editada pela FASE (Federação de Orgãos para Assistência Social e Educacional). **Proposta** pretende definir-se como expressão das lutas sociais e políticas do povo brasileiro: como levar adiante essa luta; que instrumentos e formas de organização utilizar; que prioridades se devem dar em cada momento no movimento popular para a sua libertação.

Morada: Rua das Palmeiras, 90 - 7C01 22270 Rio de Janeiro

Sulcos do nosso querer comum

Poderíamos falar de Maria de Lurdes Pintasilgo como de uma primeira-ministra que revolucionou a relação governante-governado, no pouco tempo do seu mandato; ou como de quem escandalizou os peritos de recuperação de economias em dependência por remédios-F. M. I., ao colocar em plano igual três grandes sectores de actividade - o económico, o social, o cultural -, e ao romper, assim, com o primado do colete financeiro na prática governativa.

Preferimos, contudo, perspectivar em termos de futuro e, como os organizadores do livro, tomar as entrevistas que o constituem não como justificações de políticas seguidas, mas sim como projecto social de fundo.

Por aqui se aprofunda o nosso acordo. Maria de Lurdes fala-nos das modificações estruturais da sociedade portuguesa, das controvérsias do mundo de hoje, do diálogo Norte-Sul e Leste-Oeste, dos problemas da era post-industrial, da técnica e da ciência, fala-nos da vida. E acentua alguns princípios que aprendemos à nossa custa: a recusa de politizar sempre as questões da vida social - ou seja, de reduzi-las à mera dimensão da luta pelo poder; a negação do crescimento económico, do **desenvolvimento**, como objectivo central da nossa acção; e, positivamente, a força dos movimentos sociais, das acções culturais, a perspectivação da nossa prática de vivência e de luta em termos de transformação da "maneira de viver".

Na **Intervenção**, e nas associações culturais, chamamos a essa acção transformadora "animação sócio-cultural". Assim acentuamos a prática sócio-cultural como uma prática em si, e não um meio de antigir ou divulgar o poder, recusamos a primacialidade da propaganda enquanto modo de actuação, aceitamos a necessidade de partir da vivência cultural e social das massas e de a considerar como autónoma e existente.

A discussão não está, porém, e felizmente, esgotada. Que campos privilegiar, que métodos e instrumentos utilizar, até onde pode ir a nossa acção, que relações deve ela manter com os outros modos de estar na e de actuar sobre a sociedade? Por aqui, o debate quer-se alargado.

E fica o recado dado.

A. S. S.

p 28

MLP - Um aspecto muito importante, em que nós tivemos uma influência decisiva, diz respeito à **cultura**. Em 1976, processou-se na Organização um largo debate tendente a determinar as condições para "o acesso das massas populares à cultura". A nossa intervenção, nas várias fases do processo, foi no sentido de desmitificar a própria noção de 'acesso' das massas à cultura e isto por duas razões: por considerarmos que o conceito de cultura subjacente a tal formulação era o de uma cultura elitista, uma cultura de depósito-de-saber-acumulado (e não o da criação contínua do homem e de grupos face à história que estão a viver); e por verificarmos que a expressão "acesso das massas" tornava o povo objecto dessa cultura, dependente portanto de uma entidade que lhe seria exterior. Conseguimos transformar, no conteúdo e na formulação, essa recomendação em qualquer coisa de mais dinâmico, que veio a intitular-se: participação das massas populares na vida cultural.

p 106

MLP - No decénio que se aproxima devemos fazer tudo para superar a mentalidade a que costumo chamar "tecnicista" ou "economicista". Isto é, a ideia, muito generalizada entre nós, de que o progresso resulta do crescimento quotidiano da riqueza e da acumulação das aquisições técnicas.

Continua-se a pôr a tónica no crescimento económico visto como um fim, mas não se põem as verdadeiras questões: Combater a inflação, mas para quê? O que é que se quer produzir? Em que espaço? Para viver como? Em que sociedade?

Quer-se eliminar o desemprego? Sem dúvida. No contexto actual trata-se de um flagelo. Mas como se deve conceber o trabalho? Será que o homem é feito para o trabalho ou o trabalho é que é feito para o homem?

É ao nível dos objectivos que a sociedade deve ser repensada. O que é que pode permitir que nos reencontremos uns aos outros para uma vida harmoniosa? Será somente a quantidade de bens materiais acumulados? Não será preciso inventarmos uma **nova maneira de viver**?

o prazer de aprender

O prazer como o amor, o amor/prazer, vive nas árvores a brincar com os pássaros - aos cachos como a ternura e as uvas. Domamos com a memória o gesto de colheita e lentamente os dedos tomam formas novas. Que o prazer de ler nasce de um outro já mais velho. Ouvir contar, rasgar e morder/tocar - experimentar a textura das coisas, acariciar as cores e as formas das letras e desenhos impressos.

Prazer de ler quase não há. Só porque queremos/ porque nós cremos pode ir havendo ou, sem se dar por isso, agonizar no chão das bibliotecas, quebrado nos espinhos do desprazer.

"Arrasado o jardim, profanados os cálices e os altares, os hunos entraram a cavalo na biblioteca monástica e rasgaram os livros incompreensíveis e vituperaram-nos e queimaram-nos, talvez com medo que as letras incluissem blasfémias contra o seu deus, que era uma cimitarra de ferro.(*)" E sobre as cinzas nascer a utopia. O prazer de ler, o viver de um texto. E sobre as cinzas nascer a biblioteca, renascer feita uma outra.

Na escola e no bairro, no museu, no hospital e na rua. Contar a história. Como se não fosse isso que se está a fazer, como se falassemos de nós a um amigo. Sobre as cinzas contar/cantar uma história. Mimada, musicada, o fantástico sentido das coisas que nos entra pelos olhos dentro. Depois pode também dizer-se - contar histórias é desbloquear o universo do maravilhoso, é derrotar no berço os medos e angústias da personalidade.

Sentir os livros há quem os sinta. Eu gostava de roer as capas. Sabiam a limão e a hortelã, outras a papel. Uma, uma vez, a mentol. Também as havia de pano. Que o prazer de ler passa também por isto. Rasgar, morder, reconhecer o material.

Até quando tiver que ser, um livro seja qual for o seu preço é uma caixa mágica, um caleidoscópio de cores, de formas e sensações tácteis. E aprendemos a ler as formas, os cheiros, as cores e imagens impressas no papel para viver depois inteira a nova experiência que o livro trás em si, para que se tenha sempre prazer em fazê-lo.

Aprender a ler é um jogo. A descoberta. Há uma forma quase uniforme de dizer as coisas e tu vais-me entender desta vez. Diz-se hoje que muito para além de decifrar sinais, ler, é o empenhamento total na compreensão das coisas, um entrar sem limites no jogo que nos é proposto. Tem tudo a ver com o prazer de ler, o prazer de aprender a ler.

Prazer de ler, como senão sempre em referência ao objecto de prazer? Ter livros. Livros na sala de aula e na colectividade, livros em casa e nos jardins. São meus e são teus. Labirintos que se abrem para nós todos juntos/um a um. Posso pôr-lhe mais um pelo no bigode, uma perna no menino e dez orelhas no gatinho? Depois a sonhar, lembram-se?,deixa que lhe roa um bocadinho. Sobre as cinzas mundos que se partilham. Bibliotecas nossas que nós construimos.

Defender sobre o que foi dito que ir criando o prazer de ler passa pelo repensar do acto de contar histórias, pelo repensar da função do livro enquanto objecto, dos métodos de leitura que norteiam a acção de "ensinar a ler", pela criação de bibliotecas-espaços-de-liberdade por todo o lado. Onde os livros sejam das crianças.

Terminar o sonho e sonhar ambulante uma biblioteca onde se trabalhasse o estudo da estrutura simbólica dos contos, o contar de histórias, a divulgação por toda a gente de modernos metodos de leitura e na defesa e apoio da formação de sempre mais bibliotecas.

Sobre as cinzas. Sobre uma certa forma, o fogo.

Luís Mourão

Nota: (*) Jorge Luís Borges

LÊ
participa
assina
divulga

INTERVENÇÃO

A única publicação periódica portuguesa totalmente virada à problemática da acção cultural entendida como um processo global ao serviço da acção e transformação social.